



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

***O trânsito entre armários:* encontros entre ativismo, HIV e Arte no Brasil**

Salvador Pereira Campos Corrêa Junior

**Rio de Janeiro
Julho de 2023**



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

O trânsito entre armários: encontros de ativismo, HIV e Arte no Brasil

Salvador Pereira Campos Corrêa Junior

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher e do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do Nascimento

**Rio de Janeiro
Julho de 2023**

CIP - Catalogação na Publicação

Pereira Campos Corrêa Junior, Salvador .

O trânsito entre armários: encontros entre ativismo, HIV e Arte no Brasil / Salvador Pereira Campos Corrêa Junior. - Rio de Janeiro, 2023.
201 f.

Tese (Doutorado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2023.

Orientador: Marcos Antônio Ferreira do Nascimento.

Bibliografia: f. 179-188

1. ativismo social. 2. arte. 3. HIV. 4. AIDS. 5. Brasil. I. Título.

*Pulso constante da criação
Além da ilusão o sonho é real*

(Arte Sagrada – por Alleyona)

Para minha mãe Regina e meu pai Salvador.

Agradecimento

Nossa! É uma alegria tão grande chegar até aqui nesse momento. Quando dedico essa tese aos meus pais, desejo que minha gratidão se expanda também para todos os meus familiares que vieram antes, minhas avós e meus avôs. Sou o primeiro de minha família que tenho conhecimento de que está concluindo uma tese de doutorado. O que posso dizer é que isso me enche de alegria. Sou profundamente grato aos saberes de meus familiares doutores da vida, como os de minha família que com habilidade única de agricultores contribuem para a magia que nutre a vida fazendo germinar muitos aipins, produzindo queijos e goiabadas que os sustentam e sustentaram. Bem como a capacidade de negociação e habilidade de vendas únicas de meu pai que, com muito trabalho me deu condição de estudos. Que essa dedicação também se estenda as grandes educadoras de minha família, desde minha mãe que dedicou sua vida ao ensino em escolas públicas e privadas, assim como a minha irmã, tias e primas, professoras que acreditam na força transformadora da educação. Também dedico a todas as professoras e professores que tive no decorrer da minha vida e todas as trabalhadoras da educação que permitiram minha formação. Dedico em especial às pessoas que me fizeram e fazem crer na força da fé, das quais cito algumas: minha mãe Regina, minhas avós Célia, Loura e Gê; Dona Vitória, Madrinha Ana Vitória, Alleyona, Vilma, Rodolfo, Mestre Irineu Serra.

Dedico esse momento a todas as pessoas que concluíram/concluem/concluíram seus doutorados no passado, presente e futuro. Agradeço às pessoas corajosas que apostam na ciência como um dos caminhos

de produção de informações e conhecimento. Que nossos pensamentos possam se encontrar e, quem sabe, trazer conexões e ideias na valorização dos direitos humanos.

Agradeço em especial, minha mãe Regina Celi Campos Corrêa e meu pai Salvador Pereira Corrêa, e minhas avós e avôs, maternas e paternas que fizeram a vida chegar a mim. Agradeço a minha irmã Cynthia Campos Corrêa e meu irmão Érico Campos Corrêa (in memoriam). Agradeço a minhas sobrinhas Lysandra e Mirella pela convivência e inspirações amorosas, e também a seu pai Eduard Barcellos por tantas vezes me convidar para almoçar nos momentos de escrita, quando cozinhar não era possível; também estendo esse agradecimento a minha irmã.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que me permitiu seguir com o doutorado, especialmente nos momentos mais difíceis quando mudei de cidade e estive por um período sem fonte de renda. O fomento à pesquisa no Brasil é base para muitos trabalhos de pesquisa, inclusive este.

Agradeço a FIOCRUZ, por ter apostado em meu doutoramento, por ter pessoas tão valiosas e profissionais que me inspiram muito. Agradeço, especialmente ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira por tamanha generosidade, afeto e ser um espaço tão acolhedor, eliminando qualquer distância que eu pudesse ter da academia. Esse é um espaço de amor, por mais piegas que possa parecer essa afirmação. Agradeço ao CEDAPS Brasil pela oportunidade de participar de projetos sociais durante a pandemia com oportunidade de colaborar em um momento tão desafiador que vivemos. Agradeço ao GAPA Bahia, por permitir-

me refletir constante sobre ações de prevenção, tratamento e enfrentamento ao estigma nos projetos online durante a pandemia que tive a felicidade em participar. Agradeço a ABIA pela experiência no âmbito do HIV, em especial no movimento social de AIDS.

Agradeço aos artistas, ativistas e todas as pessoas que morreram em decorrência da AIDS. Onde estiverem saibam que a vida de vocês deixou um legado na Terra e muita vida. Citarei alguns: Herbert Daniel, Betinho, Sandra Bréa, Caio Fernando Abreu, Haring, Freddie Mercury, Cazuza, Leonilson e tantas outras pessoas. Dedico, especialmente, essa tese ao Jorge Belóqui que faleceu em março desse ano. Foi um dos maiores ativistas do movimento de AIDS que tive a honra de compartilhar momentos de luta, alegria e excelentes papos. Que ele receba muito amor, paz e gratidão na vida após a vida; ele segue eternizado no legado deixado.

Agradeço a banca de qualificação formada pela Prof.^a Dra. Kátia Edmundo (CEDAPS/UNESA), pelo Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira (PPGAnt/UFGD) e a Prof.^a Dra. Danielle Moraes (IFF/FIOCRUZ).

Agradeço ao Rafael França pelo apoio nas transcrições e na revisão das normas da ABNT e também a minha querida irmã Cynthia Campos Corrêa que foi a revisora de português desta tese.

Agradeço a minha coordenadora Michelle Mota pela generosa compreensão nos momentos finais da tese, oferecendo todo incentivo e apoio nesta etapa.

Por fim, agradeço ao Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do Nascimento (IFF/Fiocruz) meu orientador paciente e ao mesmo tempo estimulador de boas ideias. Eu posso afirmar que tenho muita sorte por fazer esse percurso contigo.

Agradeço a todas as professoras e professores da FIOCRUZ, em especial Ívia Maksud (que muito me inspirou nos aspectos metodológicos dessa tese), Cláudia Bonan (me apresentou uma possibilidade de fazer uma pesquisa alinhada à arte através da tese *A canção do regresso: relato de uma experiência de doutoramento* de Paulo Renato Panzeri do ano de 2015), Suely Deslandes (uma fonte inesgotável de inspiração em tantos sentidos que seria impossível limitar em poucas palavras. Gratidão por existir). Gratidão também a Maria Isabel Garcia e Patrícia Constantino que abriram meus caminhos para o mundo da pesquisa. Agradeço a minhas orientadoras do mestrado, Fátima Cecchetto e Edinilsa Ramos de Souza. Gratidão especial a todo corpo técnico e administrativo. Tenho muita alegria ao dizer que a FIOCRUZ faz parte da minha história. Agradeço aos criadores de Arte, que trazem para nossa sociedade uma grande expressão íntima e coletiva, imensa e inexplicável. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para essa pesquisa, especialmente a cada artista que embarcou nessa jornada comigo em ordem de entrevista: Ramon Nunes Mello, Caju, Micaela Cyrino, Ronaldo Serruya, Leandro Noronha, Evandro Manchini, Atena de Beauvoir.

Agradeço às minhas colegas e meus colegas do doutorado. Atravessar esse caminho com vocês deixou tudo mais fluido. Foram incontáveis os momentos de apoio coletivo e trocas de informações em nosso grupo de whatsapp. Sou muito grato por fazer parte de uma turma tão solidária. Agradeço ao Bruno Norbert por me apresentar a canção “Debaixo D’Água” de Arnaldo Antunes na voz da cantora Maria Bethânia.

Em especial agradeço aos membros e participantes da ONG Paz Sem Fronteiras, por tantas vezes vibrarem a mais linda e divina força do amor e paz

em tantos momentos de minha vida. Sou imensamente grato, em níveis que sou incapaz de expressar. Cada vez tenho mais convicção que a paz precisa ser sempre sem fronteiras. Tenho orgulho de participar dos projetos da ONG como o Banco de Sementes Luz da Terra, Oradores da Paz, Porca Branca. Gratidão por tanto somarem à minha vida. Agradeço ao mestre José Argüelles pelo legado acerca da compreensão do tempo como arte.

Por fim, e seguramente mais importante, agradeço a Deus, fonte do amor mais cristalino, pela minha vida e pelo processo de aprendizagem eterna.

Lista de siglas

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Humana
ART	Antiretroviral Therapy
ARV	Antirretroviral
BEMFAM	Bem-estar Familiar no Brasil
CAPES Superior	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CLAVES Jorge Careli	Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
EUA	Estados Unidos da América
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GAPA	Grupo de Apoio à Pessoa com AIDS
GTPI	Grupo de Trabalho sobre Propriedade Intelectual
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
I=I	Indetectável é igual a Intransmissível
IFF	Instituto Fernandes Figueira
IRC	Internet Relay Chat
IST	Infecção Sexualmente Transmissível

LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-binárias
MS	Ministério da Saúde
MSN	The Microsoft Network
NID	Núcleo de Informação e Documentação Cecília Minayo
ONG	Organização Não Governamental
PL	Partido Liberal
PPGSCM	Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher
PrEP	Profilaxia Pré-exposição
RPG	Role-playing game
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRIPS	Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1. Chico César - Inumeráveis (Braulio Bessa) Live Arte 1	41
Figura 2. História Ilustrada da Aids.....	68
Figura 3. Aids: Escolha sua forma de prevenção.....	69
Figura 4. A carne, a língua, o vírus.....	71
Figura 5. Triângulo Rosa Musical (inspirada na Act Up).....	72
Figura 6. Tente entender o que tento dizer (pílula 6)	110
Figura 7. Cazuzza: Boas Novas.....	113
Figura 8. Derivar: a resposta fluiu da mente	117
Figura 9. Deus tem AIDS	121
Figura 10. Literatura e HIV/Aids.....	125
Figura 11. Videobook.....	130
Figura 12. Slam Peleia	134
Figura 13 - Elza Soares e Pitty - Na pele	146
Figura 14 - Tiago Iorc - Masculinidade.....	152
Figura 15 - Maria Bethânia - "Debaixo d'Água/Agora"	161
Figura 16 - Gal Costa - Força Estranha.....	163
Figura 17 - Drão - Gilberto Gil e Caetano.....	171
Figura 18 - Face it alone - Queen.....	174

Resumo

Esta tese é resultado de uma investigação com o objetivo geral de compreender os trânsitos entre arte, ativismo e saúde nas narrativas de vida de artistas vivendo com HIV que trazem a temática do HIV e da AIDS para seus trabalhos artísticos. Para o alcance desta finalidade, recorro a narrativas de vida, começando pela minha própria em busca de (des)encontros a partir do trânsito entre diferentes armários sociais, mergulhando em conceitos como a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) e ativismo (Chaia, 2007; Machado, 2019; Baldissera, 2019). Na busca por caminhos metodológicos, trago reflexões sobre pesquisa qualitativa, com a consciência de que me envolvo no que me é familiar (Velho, 1978) e encontro na etnossociologia as narrativas de vida proposta por Bertaux (2010) uma luz a guiar as entrevistas e a análise das informações, produzindo dados por meio de conversas narrativas. As entrevistas ocorreram durante a pandemia de COVID-19 de forma remota no final do ano de 2021 e início de 2022. Essa pesquisa chega a seguintes considerações: a arte, como um antirretroviral social, tem uma força na desconstrução dos vírus ideológicos (Daniel, 2018) e no renascimento de mortes sociais (Daniel, 2018) com produção de deslocamentos e transformações. No processo dos artistas vivendo que aqui chamo de artistas-autores participantes, a ancestralidade é uma fonte artística, em um continuum artístico. Por fim, o campo da saúde tem o desafio de incorporar ainda mais arte em seus processos de pesquisa e produção de conhecimento, de forma a explorar as infinitas possibilidades que o campo *saúde e arte* pode trazer para o lidar com doenças estigmatizadas.

Palavras-chave: ativismo social, arte, HIV, AIDS, Brasil.

Abstract

This thesis results from an investigation with the general objective of understanding the transits between art, activism, and health in the life narratives of artists living with HIV who bring the theme of HIV and AIDS to their artistic works. To achieve this purpose, I resort to life narratives, starting with my own in search of (mis)encounters from the transit between different social closets, diving into concepts such as closet epistemology (Sedgwick, 2007) and activism (Chaia, 2007; Machado, 2019; Baldissera, 2019). In the search for methodological paths, I bring reflections on qualitative research, with the awareness that I am involved in what is familiar to me (Velho, 1978). I find in ethnosociology the life narratives proposed by Bertaux (2010) a light to guide the interviews and the analysis of information, producing data through narrative conversations. The interviews occurred remotely during the COVID-19 pandemic at the end of 2021 and the beginning of 2022. This research reaches the following considerations: art, as a social antiretroviral, has a force in deconstructing ideological viruses (Daniel, 2018) and in the revival of social deaths (Daniel, 2018) with the production of displacements and transformations. In the process of living artists that I call participating artist-authors here, ancestry is an artistic source in an artistic continuum. Finally, the field of health has the challenge of incorporating even more art into its research processes and production of knowledge to explore the infinite possibilities that the field health and art can bring to response stigmatized diseases.

Keywords: social activism, art, HIV, AIDS, Brazil.

Sumário

1. Introdução.....	17
1.1 Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV	18
1.2 Memórias do primeiro armário: a homossexualidade	25
1.3 O Segundo Armário.....	29
1.4 O trânsito nas emoções: escrever em tempos de crises.....	37
1.4.1 Uma carta para além do fim do mundo.....	43
1.5 Acolhimento, Ativismo e Armário	46
1.6 O trânsito entre armários	50
1.6.1 L - imite-se.....	51
1.7 HIV, Arte e Ativismo: uma revisão do campo da saúde	53
1.8 HIV: um breve histórico a partir do olhar de um ativista.....	58
1.9 Tempo em linhas di-versos	71
2. Parte I: Trânsitos teórico-metodológicos	77
2.1 Arte e Saúde: quais são os caminhos metodológicos (im)possíveis para uma reflexão acadêmica?	77
2.2 Arte e Saúde: um campo (de)composições	82
2.3 Reflexões socioantropológicas	84
2.4 Conceito-Ando.....	90
2.4.1 Projetos, Metamorfose (ambulante), Campos de Possibilidade: um novo mergulho Velho.....	90
2.4.2 Armário.....	91
2.4.3 Ativismo	94
2.4.4 Escrevivência	96
2.5 Produzindo os dados por meio de conversas-narrativas	97
2.6 Aspectos Éticos.....	100
2.7. Os encontros com artistas participantes.....	101
3. Parte II - Arte: um antirretroviral social.....	102
3.1 Entre participantes, informantes e sujeitos: os encontros criativos com artistas	105
3.2 Artistas-autores participantes	107
3.2.1 <i>A potência de se sentir vivo</i> - encontro com Ramon Nunes Mello	108
3.2.2 <i>Cura dos estigmas colecionados</i> – encontro com Caju	112
3.2.3 <i>O tempo da arte não é em horas</i> - encontro com Micaela Cyrino.....	116
3.2.4 <i>A arte me ajudou a entender que isso que eu estava sentindo era o programado</i> - encontro com Ronaldo Serruya.....	121

3.2.5 <i>O espaço da arte é o espaço da reflexão</i> - encontro com Leandro Noronha	124
3.2.6 <i>Limpar esse imaginário tenebroso</i> - encontro com Evandro Manchini	129
3.2.7 <i>Essa energia mais primordial</i> - encontro com Atena	133
4. Parte III: Refletindo com artistas-autores-participantes	138
4.1 <i>Morte/Criação: para criar, alguma coisa tem que morrer internamente</i>	138
4.2 <i>Deslocamento: a arte é o desaguar de uma fonte interna</i>	145
4.3 Renascimento: processo de cura dos estigmas	152
4.4 Eu sou um sujeito coletivo: do corpo para um corpus	162
5. Considerações	171
6. Posfácio.....	176
7. Referências.....	179
Anexos	189
Produção, Ano, Revista, Países, Objetivo/Objeto, Método	189
Roteiro do encontro-conversa	191
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	192
REGISTRO DE PROJETO	196

1. Introdução

Esse texto apresenta a tese *O trânsito entre armários: encontros de ativismo, HIV e Arte* e se encontra dividido em 6 momentos: Introdução, Parte I, Parte II, Parte III e Considerações finais. O sexto momento é um componente multimídia e transversal e que apenas você pode acessar. Para isso te informo que todas as figuras desta tese, com exceção do Triângulo Rosa Musical, são oriundas de capa de youtube de canais oficiais de artistas e suas produtoras e na versão em PDF são links clicáveis. Te convido a fazer uma leitura da tese considerando o que segue: recomendo que assista os vídeos na ordem de sua apresentação, escute e sinta, deixando-se conduzir pela arte neste nosso encontro.

Na introdução apresento minha implicação com o tema do HIV, ativismo e arte. A narrativa pessoal e em primeira pessoa busca trazer para a cena minhas experiências particulares com o tema proposto: homem-cisgênero-gay-ativista-vivendo-com-HIV. Todos esses atravessamentos pessoais (e em alguma medida coletivos) engendram modos de ver, sentir, estar no mundo e se refletem na “escrita de mim/nós” e do objeto proposto como pesquisa de investigação. Finalizo essa parte com um breve panorama sobre HIV, ativismo e arte a partir da literatura científica no campo da saúde.

Na Parte I apresento o que chamo de trânsitos teórico-metodológicos, buscando caminhos possíveis para refletir no campo arte e saúde, percorrendo pelas questões socioantropológicas e os conceitos de projetos, metamorfose, campo de possibilidades (Velho, 1994); armário (Sedgwick, 2007; Baleiro, 2014; Mess, 2014; Cecílio, 2020); ativismo (Chaia, 2007; Baldissera, 2019; Machado, 2019; e escrevivência (Evaristo, 2020). Também apresento as conversas

narrativas, os encontros com os artistas-autores participantes e discorro sobre os aspectos éticos.

Na Parte II apresento cada um dos artistas-autores participantes, explico como cheguei a esse termo para denominá-los. Na Parte III sigo com os artistas-autores participantes da pesquisa para refletirmos acerca da temática proposta. Assim surgem os seguintes textos com títulos resultantes das entrevistas: *Morte/Criação: para criar alguma coisa tem que morrer internamente; Deslocamento: a arte é o desaguar de uma fonte interna; Renascimento: processo de cura dos estigmas; Eu sou um sujeito coletivo: do corpo para um corpus*. Por último trago as considerações.

O texto é sempre um processo em construção e, em alguma medida, inacabado. A cada momento, há o encontro do híbrido que habita em mim, um pesquisador-ativista-artista. Esse (des)encontro faz com que o texto se vá esculpindo na escrita, mas sobretudo na leitura dos meus interlocutores e das minhas interlocutoras. Boa leitura!

1.1 Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV

Iniciar a escrita de uma tese que pretende investigar processos de artistas vivendo com HIV já não seria uma tarefa fácil, uma vez que os trânsitos que envolvem esse diagnóstico estão cercados de vida e morte, luta e lutos, histórias de solidariedade, de omissões do setor público e também de ações coletivas que construíram respostas exitosas como o acesso a medicamentos na garantia da vida.

No momento em que escrevo esse texto, o mundo atravessa uma das maiores pandemias da história sanitária, tanto em número de pessoas mortas e afetadas, quanto pela expansão global da COVID-19. Todos que nos encontramos vivos, perdemos pessoas próximas, amigos, familiares, companheiras e companheiros de jornada. Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas se as autoridades competentes na esfera nacional respondessem à pandemia a tempo. No momento em que escrevo esse texto (27/03/2023) quase 700 mil pessoas no Brasil perderam suas vidas em uma pandemia que já possui vacina desde o final do ano de 2020. O sentimento de tristeza e impotência que também foi vivido no início da pandemia de AIDS¹ e nos visita novamente nesse momento, é como a fênix, ainda no fogo, estamos a espera de um renascimento social, político e humano.

O ato de desenvolver uma tese de doutorado durante uma pandemia também tem sido uma tarefa desafiadora. Fugimos da morte diariamente, ao mesmo tempo em que estamos aprendendo a lidar com ela. Para seguir com as

¹ Registramos distintas grafias da palavra: Aids, AIDS, aids, Aid\$. Herbert Daniel usava a expressão “aids” em letras minúsculas para expressar o fenômeno ideológico e político (Bastos, 1999), e para dar menos ênfase a doença e mais valorização de sua vida (Nunes Mello, 2018), que antecedia o anagrama AIDS – Acquired ImmunoDeficiency Syndrome - uma vez que o *contágio discursivo* (Neto, 2016) chegou ao Brasil antes mesmo do primeiro caso da doença AIDS (Bastos, 1990). Para ele, o vírus social e moral chegava antes mesmo do HIV e eram mais fortes (Neto, 2016), e ele trabalhava essa questão com uma clareza peculiar e inspiradora. Em 01 de janeiro de 1996, o jornalista Josué Machado publica o comentário intitulado “AIDS, Aids, aids ou sida”. O interessante do texto que discorre sobre siglas e acrografias é que ele afirma que a “aids” parece ficar, embora o jornalista não faça alusão ao que Herbert Daniel entende como *aids*. A ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS tem a cultura institucional de escrever majoritariamente AIDS (toda em letra maiúscula) pois, desta forma, Betinho, fundador da organização, costumava chamar atenção para a gravidade do tema que merecia muita atenção da sociedade. Já o coletivo Louca de Efavirenz expressa a palavra aid\$ com \$, fazendo uma crítica aos interesses econômicos da indústria farmacêutica, que com as patentes, dificultam incorporação de medicamentos que garantem a vida de pessoas com HIV em sistemas públicos e universais de saúde, como o SUS. Neste trabalho usaremos o termo AIDS (em letras maiúsculas) para reforçarmos a ideia de Betinho de que ainda precisamos chamar atenção da sociedade sobre essa questão, não apenas para tratamento, prevenção, mas também para nos estimular a estudar, olhar e colher os ensinamentos dessas décadas de epidemia. A grafia poderá ser alterada no decorrer do texto para respeitar nomes de instituições, redes, organizações e coletivos.

próximas páginas, preciso dizer que foram necessárias doses diárias de fé no invisível, insistentemente acreditar no amor humanitário, emocionar-me diante da dor coletiva na travessia dessa pandemia.

Para ingressar na temática do HIV, discorro sobre os meus trânsitos entre armários. Assim, parto de minha história pessoal que vejo como coletiva, inspirado nas reflexões de Santos (2017) sobre autoetnografia². No ano de 2020, em decorrência desta pandemia de COVID-19, após 10 anos morando na cidade do Rio de Janeiro migrei para o Norte Fluminense. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que buscava um mergulho interno, olhar para minhas raízes, minhas ancestralidades – desejo latente de minha alma que ganhou força no processo de isolamento físico.

A localidade que hoje moro fica na área rural e foi onde meus avós moraram. A casa foi construída pelos meus pais para se casarem, localizada à beira de estrada, próximo a uma lagoa, brejos e pequenas nascentes, próxima a Estação Ecológica de Guaxindiba, única região de mata atlântica preservada no município de São Francisco de Itabapoana-RJ. Preciso admitir que esse deslocamento territorial provoca em mim um deslocamento subjetivo, afetivo e (a)temporal nos mergulhos profundos de minha memória.

Eu sou Salvador Pereira Campos Corrêa Junior, ativista do movimento de AIDS, psicólogo e sanitarista e já habitei muitos armários, todos em transformação. Recorro à simbologia do armário – fortemente utilizada por

² Embora o método autoetnográfico não tenha sido uma escolha metodológica para o trânsito desta tese, ele foi muito inspirador, com destaque para as reflexões de Santos (2017) contidas no texto: SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 27 mar. 2023.

lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binários (LGBTQIAPN+) para referir-me ao local do afeto barrado, proibido, onde podem ser encontrados tesouros no processo de autodescoberta.

Minha família é de origem humilde e da roça e talvez o meu primeiro armário seja um dos mais velados socialmente no Brasil pois nasce em uma tentativa de apagamento da ancestralidade indígena de milhares de brasileiros como vi em minha família.

Minha mãe, filha de caboclo com uma mulher branca e médium. Meu pai, bisneto de mulher indígena supostamente retirada de sua aldeia sem consentimento. Nossa história é como a de muitos brasileiros descendente de indígenas com portugueses – que durante um tempo ficou na opressão, escondida nos esquecimentos fruto da cultura colonial.

Nem sempre é fácil assumir essa história pois as estratégias e tentativas de apagamento continuam em operação, despersonalizam os indígenas das famílias. Como nos aponta Costa (1989), os que ocupavam as ruas e não estavam no seio familiar eram moralmente excluídos, como os indígenas e os negros escravizados. A própria formação da árvore genealógica – seguindo os moldes da cultura eurocêntrica – não registra os antepassados indígenas com facilidade – já que se trata de outras concepções de família.

Pela breve pesquisa que fiz, acredito que foram dados a eles nomes e sobrenomes portugueses. Não sabemos as línguas que falavam nossos ancestrais, seus hábitos e nem mesmo sua cultura. O que sabemos advém de nossos hábitos que nos conectam com a natureza, como gosto por plantas, chás, alma verde, animais e pássaros – comuns aos povos do campo.

Também não sabemos muito sobre como nossos ancestrais portugueses que viveram por aqui, seus hábitos e cultura. Ouvi de um grande indígena que me inspira, o Ailton Krenak, que a gente não resgata cultura, a gente vive (Krenak, 2020). A saída desse armário, embora seja o mais antigo de minha existência (assumir-me como descendente indígena e português), me produz uma conexão forte interna e uma potente autoaceitação. Sinto minha ancestralidade fortemente viva em alguns momentos, tanto que posso acessar uma conexão que irradia a luz da floresta em minha vida através das plantas, dos animais, das pessoas, dos aromas e dos processos da vida.

Da minha avó, mulher branca, que ousou separar de meu avô na década de 1950 – momento em que uma separação era algo fortemente condenável, creio que herdei a magia que transmuta armários, no toque do tambor, na fé no invisível que como força criadora, tudo transforma, abrindo até as mais desafiadoras portas e eliminando bloqueios – mostrando um mundo imenso ao conseguir atravessar o medo, através deles há luz, há vida, há força.

Meu pai e minha mãe paqueravam na janela escondido pois meu avô tinha fama de ser linha dura. Casaram-se, tiveram o primeiro filho, meu irmão, e mudaram-se para Campos dos Goytacazes³. Meu pai crescia como comerciante e conseguiu comprar uma casa na cidade. Pouco tempo depois nasceu minha irmã. Minha mãe havia passado em um concurso para ser professora estadual e já trabalhava em escola pública mesmo antes de se mudar para a nova cidade.

³ Campos dos Goytacazes é uma cidade localizada ao norte do estado do Rio de Janeiro, região que nomeia a Bacia de Campos, uma das maiores áreas de exploração de petróleo no país. A cidade foi fundada em 1835 e apresenta alguns marcos históricos: primeira a receber luz elétrica em iluminação pública na América Latina, teve o terceiro jornal mais antigo do Brasil (Monitor Campista), tem a livraria mais antiga do Brasil (ainda em atividade comercial). O campista Nilo Peçanha foi o primeiro presidente negro da história do Brasil. A cidade era um polo de usina de cana de açúcar, o que movimentou a economia local no passado.

Durante sua vida trabalhou muito para cuidar da profissão, dos filhos e da casa. Eu nasci nove anos após minha irmã, em 1984, e a família já havia se estruturado bem financeiramente.

Durante a infância já entendia que eu era uma criança diferente, uma criança viada⁴ (Euzébio, 2020) inclusive na escola (Ferreira Dias et al, 2019). Não gostava de tirar a camisa, não suportava futebol e menos ainda as falas de alguns meninos, sentia como agressivas (Eribon, 2009). Amava contar histórias, algumas aterrorizantes e me animava muito com a reação das pessoas. Lembro que certa vez fiquei conhecido como o contador de histórias. Gostava de brincar com meninas e também com os meninos de carrinho. Encantava-me com os animais pequenos como formigas, papa-fumos e insetos. Brincava muito com eles junto com meus primos, amigos e vizinhos e viajávamos na imaginação criando historinhas sobre a vida dos insetos. Adorava ir para a roça visitar meus avós, primos e tias. Lembro-me que tinha um certo medo dos homens e do masculino em geral (Eribon, 2009).

Fiz o primário, entre os anos de 1989 a 1994, em uma escola do bairro, e a partir da quinta série, no ano de 1995 – fui para uma escola de freiras. Lá por volta da puberdade entre 1997 e 1998, comecei a sentir atração pelos meninos. Lembro-me que não expressava muito meu desejo pois tinha medo de ser reprimido pelas freiras.

Os armários (Sedgwick, 2007) são constituídos de medos. A repressão de uma palavra sincera e que vem da alma pode ser uma porta de ferro colocada no armário e, como cofre, escondem coisas valiosas. Lembro-me que certa vez, em 1998, comentei sobre minha curiosidade com os meninos com uma freira de

minha confiança algo que ela entendeu como uma questão delicada para minha sexualidade. Lembro-me do amor e do afeto da freira, mas que naquele momento estava a serviço das instituições de controle e punição das sexualidades consideradas desviantes. Fui reprimido e encaminhado para a sala de filosofia em que uma profissional tentava “entender minha cabeça”.

Nessa ocasião fechei-me ainda mais; não conseguia falar nada e escutava algumas coisas que tentavam predizer o que Deus esperava de mim. Eu me senti julgado. O desconforto era perceptível e forte e lembro-me que tempos depois dessa situação, eu já era considerado um pré-adolescente complicado e o que restava era a minha entrega aos especialistas (Green, 2000).

Meus pais foram chamados, minha mãe compareceu à escola e fomos a um psicanalista indicado pelas freiras. Na consulta nada consegui falar. Eu sabia o que estava acontecendo, mas não me senti seguro para me abrir com ele – tinha medo dele contar para as freiras sobre minha homossexualidade, ainda em processo de florescimento. Na escola o cotidiano não era muito fácil, também sofria bullying homofóbico de um garoto que me chamava de bichinha e me obrigava a dar um pedaço de meu salgado para ele.

Lembro que esse ciclo não durou muito pois eu tinha amigas que me defendiam e certa vez pedi ajuda de uma das freiras para lidar com ele e ele me deixou em paz, mesmo ameaçando me bater na saída. Isso simplesmente por ser afeminado desde a juventude. Por onde eu passava, uma tormenta se formava. Não me sentia feliz ali, naquela escola e, no ensino médio – em 1999, fui para um colégio que iniciava o Ensino Médio naquele ano e todos os alunos eram novos e isso me animava muito. Foi uma grande virada na minha vida. Conheci pessoas novas e conseguia ser quem eu era com muito mais fluidez e

felicidade. Era uma conexão muito linda que tive com minhas e meus colegas. Esse foi um dos poucos momentos que lembro de um sentimento de pertença tão forte. Até hoje tenho amigos dessa época que me socorrem nos momentos mais difíceis da vida, às vezes sem mesmo precisar dizer o que se passa internamente.

Agora já podem ter uma ideia de que, antes mesmo de entrar em alguns armários, a minha vida e a história que carrego, herança de meus antepassados, é marcada por encontros e desencontros, aproximações e distanciamentos, e as minhas constituições que vejo como grande potência de conexão (gay, da roça, descendente de indígenas e portugueses) é também o lugar que socialmente podemos observar estereótipos que afetam e excluem pessoas.

A herança da repressão na infância, de quem eu era, fez com que eu me escondesse nele por um tempo, no armário da homossexualidade, como uma tartaruga no casco. Ali me prevenia das violências⁵ até aprender a me defender.

1.2 Memórias do primeiro armário: a homossexualidade

A memória não significa exatamente evocar lembranças, mas produzir significados, a partir dos tempos⁶, sobre eventos, sentimentos, sensações. A mobilização das memórias e experiências passa pela mobilização necessária de

⁵ A questão da violência que afeta a população LGBTQIANP+ não é um medo fantasioso, mas real. Essa violência é perpetrada, sobretudo as agressões físicas por outros homens. Essa vivência sob a pressão de uma violência a qualquer hora vivida na infância e adolescência me mobilizou a pesquisar a temática da homofobia na escola durante o meu mestrado (Corrêa Junior, 2012). Na ocasião investiguei a representação de profissionais da educação de uma escola semiprofissionalizante e não-formal acerca da homofobia na escola.

⁶ Aqui insiro o termo tempos no plural para remeter também a outros tempos além da linearidade de uma contagem do tempo em anos. Assim, busco também acionar a memória por outras possibilidades de tempo, como por exemplo, o tempo afetivo, o tempo artístico, o tempo não linear e o tempo presente.

si mesmo, por vezes evocando um campo de experiência a partir de fotos, objetos, lembranças, vídeos (Darmont, 2022) e, no meu caso, também recorri a canções e videoclipes das épocas, em alguns momentos. A seguir trago esse breve percurso de mobilização pessoal para percorrer meu primeiro armário.

Em 1997, nos meus 13 anos de idade, percebia que me sentia atraído por meninos e era algo perceptível por eles, por mais que eu tentasse reprimir. Eu estava na onda do medo. Aflito com cada olhar e, também, com desejos típicos de um pré-adolescente – como seria beijar um garoto? Percebi que mesmo antes de entrar efetivamente no armário da homossexualidade, algumas alianças coloriam o cenário: eu tinha um colega que também estava em seu armário e tínhamos algumas meninas da escola que nos defendiam. É muito interessante observar hoje como o feminismo e a agenda pela diversidade realmente se cruzam no apoio às pessoas mais afetadas pela cultura heteronormativa, sexista, machista, misógina e LGBTQIAPN+fóbica, mas isso não quer dizer que a agenda feminista, da diversidade e LGBTQIAPN+ esteja isenta de tensões, sobretudo para as pessoas trans.

Apesar de ser terrível você desejar quem te maltrata – uma verdadeira pulsão destrutiva, o desejo pelos meninos era tão forte e tão pulsante que ao barrá-lo sentia que parte de mim estava adormecendo por uma imposição social. Aos poucos estava sendo empurrado para dentro do armário. Fiquei nele durante alguns anos. Somente consegui sair para ser despertado mais tarde em pulsões de desejos reprimidos, num desenfreado e quase incontrolável desejo sexual. O lidar com essa pulsão, mesmo fora do armário, era um desafio muito grande e muitas vezes essa energia tão reprimida saía como um gás, que quando me

incendiava, por vezes me queimava também. Essa era a forma que encontrava para eliminar os rótulos condenatórios que meu corpo carregava: eu vivia.

Acredito que o medo da violência LGBTQIAPN+ mantém as amarras deste armário. Para algumas pessoas o lidar com essa violência transforma-se em ativismo, ações políticas, e nesses casos o próprio ato de aceitar-se é uma ação política. Há também os que se aceitam, mas preferem ficar nos armários da vida protegido dos olhares sociais.

A internet foi o caminho pelo qual, via sociabilidade digital, eu também saí desse armário, entre os anos de 2000 e 2001, com feromônio a flor da pele, tinha entre os 15 e 17 anos de idade. Fico imaginando que se eu simplesmente soubesse acolher esse desejo e ser acolhido talvez não tivesse sido tão desafiador vivenciar as crises desse armário. Nessa época, estavam ganhando força os primeiros bate-papos online. A internet reconectou a possibilidade de expressão do meu desejo e orientação sexual. Em 2001 fui operador (OP) de um canal #gaycampos do mIRC⁷ – Internet Relay Chat (rede de bate-papo da época). Isso significava que eu ajudava a organizar e manter o canal longe dos haters e homofóbicos, mesmo ainda estando parcialmente no armário da minha homossexualidade. Também ajudava a divulgar festas LGBTQIAPN+ da região e por vezes ganhava convites. Comecei a frequentar guetos e também shoppings em grupo, formado por pessoas LGBTQIAPN+ em grande parte e simpatizantes. O grupo iniciou-se através do canal #gaycampos no mIRC. Nossa presença incomodava o segurança do shopping e uma vez fomos expulsos e informados que ali não era zona. Na mesma hora mobilizei uma ida à

⁷ Para conhecer um pouco como funcionava o bate-papo nos finais dos anos 1990 recomendo a leitura do artigo do site UOL: <https://www.uol.com.br/tilt/listas/10-anos-do-fim-da-brasnet-14-coisas-que-queimou-mirc-vai-se-identificar.htm> [data de acesso: 19/06/2023]

administração do shopping e ele nos pediu desculpas. Já havia em mim um movimento interno de querer produzir algo em resposta às injustiças que vivenciávamos.

O armário também operava em nosso grupo. Algumas pessoas ainda não vivenciavam plenamente sua sexualidade em suas casas e não era incomum fingir que não éramos LGBTQIAPN+ ao irmos nas casas uns dos outros. Brincávamos com o armário e com essa atuação que normalmente preocupava os anfitriões. Quando alguém ainda estava no seu armário havia um certo desejo das pessoas por ele. Normalmente eram os que mais conseguiam disfarçar a homossexualidade. Miskolci (2017) nos lembra que o regime de visibilidade do desejo homossexual masculino premia a discrição e o sigilo e pune dissidentes de gênero como homens femininos e afins. A internet⁸ foi propiciadora de uma vida sexual oculta/presente na sociedade. Assim, a heteronormatividade influenciava os desejos das pessoas que compartilhavam os primeiros passos fora do armário. Eu mesmo caí nesse conto e fiquei nele iludido até conseguir olhar além dos corpos masculinizados dentro dos padrões sociais. O acesso aos aspectos mais profundos do desejo nos permitem abrir os armários subjetivos como os que limitam nosso desejo ao socialmente estabelecido como ideal. Dentro deles há um infinito de possibilidades e fluidez da alma.

Eram muitos os encantamentos dos papos online. Nessa época a troca de fotos era um grande desafio e por vezes ocorria por e-mail, ICQ ou pelo The Microsoft Network (MSN). Dali também surgiu meu primeiro namoro, com medos,

⁸ Miskolci (2017) é autor do livro "Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online", que investiga as relações afetivas e sexuais mediadas por aplicativos de encontros voltados para a população LGBTQIAPN+. Embora o Mirc (Internet Relay Chat) tenha surgido antes dos aplicativos e com um funcionamento diferente, a busca por padrões masculinos heteronormativos constituíam as relações.

tensões e preocupações, tudo escondido da família e ocorrendo pela internet. O medo não nos paralisava completamente, mas não era um aliado em nossa causa. Ele atrapalhava o fluxo das nossas vidas.

Era muito bom quando ocorriam as viagens para o Rio de Janeiro, boates como Le Boy⁹ e outras nos anos 2000. Constantemente viajava para lá durante minha juventude e ficava na casa de meu primo ou de minha amiga.

A saída desse armário foi mais difícil dentro de casa do que fora de casa. Mesmo após ter falado com minha mãe e com minha irmã, com meu pai a relação era mais desafiadora. Havia uma tentativa de poupá-lo e essa mentira era dolorosa no tempo que durou a manutenção desse armário, as conversas não eram fáceis (Saggese, 2009)¹⁰. Felizmente chegou um dia, que pela ordem do respeito e guiado pelo amor, pacificamos nossa relação.

1.3 O Segundo Armário

Meu trânsito entre armários seguiu quando me descobri com HIV. Quando saía de um armário, outro se apresentava. O que chamo de segundo armário¹¹

⁹ A Le Boy foi uma boate gay localizada em Copacabana (Rua Raul Pompeia 102) no Rio de Janeiro que funcionou de 1992 a 2016. A boate pertencia ao empresário francês Gilles Lascar, e foi frequentada por artistas brasileiros e internacionais como Calvin Klein, Jean Paul Gaultier, Valentino, Rihanna e Katy Perry. Durante muitos anos a boate foi um dos principais endereços do cenário gay da cidade.

¹⁰ Saggese (2009) estudou o processo de sair do armário de homens homossexuais e defende que sair do armário é um processo permeado de negociações; muitas vezes, se sai do armário para os amigos e não no mundo do trabalho; para membros da família e não para todos. E, no caso dos homens, um 'rompimento' com um certo ideal de masculinidade.

¹¹ Utilizei a expressão "O Segundo Armário" como título de meu livro publicado em 2016. Cunhei essa expressão para referir-me ao estigma e à discriminação que afeta a população LGBTQIAP+ quando se descobre com HIV. Anteriormente essa expressão já havia sido cunhada por Adriana Nunan em 2004 para referir-se à violência doméstica entre casais homossexuais em seu artigo *Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário?* Hoje, penso que essa expressão pode ter várias aplicabilidades referindo-se àquilo que, assim como a orientação sexual, é silenciado ou mesmo um tabu na comunidade LGBTQIAPN+.

refere-se ao lugar simbólico em que transitam algumas oposições presentes na vida de pessoas vivendo com HIV como sigilo/revelação, vida/morte, preconceito/aceitação e outros trânsitos que permeiam as individualidades e coletividades. Para trazer um pouco dessa reflexão contarei meu percurso com o HIV e alguns desses elementos que o cercam. Buscarei conceituá-lo mais adiante.

No segundo semestre de 2009 cursava algumas disciplinas como aluno externo na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ) com pretensão de ingressar no mestrado. A cidade do Rio de Janeiro já simbolizava desde minha adolescência um lugar de liberdade e possibilidade de expressão, ao mesmo tempo que medo e preocupação. Não que fosse algo absolutamente tranquilo, mas minha alma e meu corpo ferviam ao pensar na cidade, nas praias e todos os espaços de socialização LGBTQIAPN+ que a cidade possuía e, especialmente, por ser um caldeirão de arte e fluidez subjetivas, o que Eribon (2009) traria como “o outro lugar” (p. 33) onde homossexuais conseguem realizar suas aspirações, um refúgio protegido também pelo anonimato e distante dos olhos e bocas presentes nas cidades pequenas, onde a censura social parece controlar os corpos com menor possibilidade de fuga.

As possibilidades para um jovem gay vindo do interior numa cidade como o Rio de Janeiro são inúmeras. Talvez minha avó tivesse se mudado para o Rio na década de 1950 também para escapar dos estigmas que afetam as pessoas que não se enquadram nas normas de uma cidade pequena – no caso dela, o divórcio. Em 2010 fui aprovado no mestrado da ENSP/FIOCRUZ e para minha

felicidade eu me mudava para o Rio. Lembro-me que estudava para o mestrado na praia de Ipanema – entre as belezas naturais – humanas e não humanas.

Após um ano de cidade maravilhosa, morando na Lapa – o coração da boemia carioca, exatamente no dia 11 de abril de 2011, recebi uma ligação de um dermatologista de uma clínica privada que impactou profundamente minha vida. Semanas antes ele avaliava uma ferida em minha boca que não cicatrizava e solicitou diversos exames. Pedi para que incluísse também HIV. Atendi a chamada e, por telefone, ele solicitou minha ida ao seu consultório para conversar sobre uma sorologia que, segundo ele, “estava faltando”. Logo captei que se tratava do reteste do HIV e gelei. Ao chegar lá, ele, que já estava na rua em frente à clínica, segurou no meu braço e informou: “há uma suspeita de HIV” e entregou-me um novo pedido de exame para fazer o reteste. Neste momento eu já sabia que estava infectado pelo HIV, e as sensações imediatas foram emoções que desciam como turbilhão, tormenta ou redemoinhos. Vivenciava uma descarga em mim mesmo e, como muitos que também vivenciam esse processo, senti-me sem chão.

Tenho contado essa história, revivendo-a em outras pessoas recém diagnosticadas que acolho, e na coletividade, nossas histórias se encontram em função de possuírem um lugar social em comum: o armário. O armário do qual falo aqui possui muitos nomes e tem sido exaustivamente descrito nessas décadas de epidemia de HIV, mas não o suficiente para transformar as bases que o sustentam como os fluxos geradores de estigmas e discriminações. Chamo esse de segundo armário em função da similaridade que percebi ao lidar com a minha homossexualidade, ambos armários, sustentados pelo medo do estigma.

Naquele momento, ainda em 2011, quando descobri que vivia com HIV, coordenava a saúde mental de São Francisco de Itabapoana-RJ. Estávamos em plena implantação do Centro de Atenção Psicossocial, o CAPS. Já a minha saúde mental estava completamente descoordenada e em sofrimento. Estava no escuro, com muito medo de que qualquer pessoa descobrisse que eu estava infectado com HIV. No escuro do medo, podemos ocultar nossa situação de sofrimento tornando mais difícil o pedido e o recebimento de ajuda.

Pensar no HIV deixava-me sem ar, e com uma irritação que dominava meu corpo. Lembro-me quando a assistente social do CAPS de São Francisco de Itabapoana-RJ chegou a desconfiar do que acontecia. Ela acompanhou meu drama pois eu tinha uma ferida que não cicatrizava. Ela trabalhava em um serviço especializado para tratamento de HIV na cidade vizinha, o Centro de Testagem e Aconselhamento/Serviço de atenção especializada (CTA/SAE) de Campos dos Goytacazes-RJ, e já havia sugerido que poderia ser sífilis, mas eu teimosamente relutava em acreditar que estava com uma infecção sexualmente transmissível (IST) e ainda achava um absurdo ela falar que eu estava infectado.

Tomei como uma acusação e pensava que ela falava isso apenas por eu ser gay e carregar o estigma do HIV. Mas ela estava certa, o diagnóstico foi duplo: sífilis e HIV. Continuei cumprindo as obrigações sociais e políticas da coordenação. No mesmo momento em que sofria calado a dor do diagnóstico do HIV e sífilis – especialmente pelo julgamento moral e sexual, também ajudava a semear um serviço de tamanha importância para melhorar a humanização na assistência às pessoas com transtornos mentais.

Não consigo precisar o tempo que fiquei totalmente nesse armário, sei que a saída foi lenta e gradual. Aos poucos abria-me com as amigas e amigos

mais próximos. Ainda dentro do segundo armário cadastrei-me na Rede de Jovens Vivendo e Convivendo com HIV¹². Não sei ao certo como consegui ser aceito sem assumir meu nome verdadeiro. Foi uma conquista muito importante observar o movimento social de jovens com HIV. Cheguei a me apresentar a eles por e-mail, mas raramente falava alguma coisa no grupo de troca de mensagens por e-mail. Tinha medo de sair do segundo armário. Comecei me aproximar de alguns ativistas jovens.

Nesse momento já atuava no movimento social na área de saúde sexual e reprodutiva. Poucos meses após o diagnóstico recebia uma notícia que me deixou muito feliz: o credenciamento do CAPS de São Francisco de Itabapoana-RJ junto ao Ministério da Saúde (MS) – o que garantia que ele não fechasse por decisão política, tornando-se assim um serviço de saúde a mais para a população. Era um misto de sentimentos. Sentia-me muito orgulhoso pois foi resultado de muito esforço junto à equipe, um forte trabalho de sensibilização comunitária, nas rádios, juntos aos conselhos municipais e, pela primeira vez no município, celebrávamos o Dia Nacional da Luta Antimanicomial em praça pública com usuários, familiares, autoridades, profissionais de saúde.

Chegamos a criar um blog na época em que os usuários podiam postar com o apoio da equipe. Estava muito cansado da viagem semanal entre São Francisco de Itabapoana-RJ e Rio de Janeiro-RJ (onde morava e fazia mestrado), que por vezes durava quase 6 horas para ir e 6 horas para retornar, o que me fez buscar posição de trabalho no Rio.

¹² A Rede Estadual de Jovens Vivendo e Convivendo com HIV (hoje conhecida como Rede Jovem Rio +) foi criada em 2009, com o apoio de organizações do movimento social de aids, visando a promoção da saúde e o empoderamento de jovens com HIV. A rede tem atuado no acolhimento entre pares e na produção e disseminação de informações sobre o tema bem como na construção de políticas para jovens vivendo com HIV. Outras informações podem ser encontradas na página da rede no Facebook: <https://www.facebook.com/redejovemriomais/>

Finalmente, em 2012 firmei meus dois pés na cidade maravilhosa ao ser selecionado para trabalhar na ONG BEMFAM – Bem-estar Familiar no Brasil – como assistente e posteriormente coordenador a área social, com programas e projetos de saúde sexual e saúde reprodutiva em 8 estados brasileiros. Durante a atuação na BEMFAM tentava, sempre que possível, pautar questões ligadas ao HIV e à AIDS como o Papo Cabeça Bemjovem, em que jovens multiplicadores dos 8 estados brasileiros se reuniam para tratar de temas ligados aos direitos sexuais e aos direitos reprodutivos. Lembro do dia em que chamei uma pessoa com HIV, membro da rede de jovens vivendo com HIV, para falar sobre o tema com jovens da BEMFAM. Estava totalmente desconcertado, sem chão, tenso e com medo. Ao pautar a questão no meu trabalho, meu armário interno se remexia e ficava todo bagunçado. Assim, começava a, ainda no armário, criar ações em HIV e comecei a reconhecer que existe vida fora dele.

De alguma forma elaborei meu diagnóstico também pela via política, seguindo um caminho já aberto pelos que vieram antes como, por exemplo, Betinho, Herbert Daniel e muitas outras pessoas. Em 2013 ingressei na ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – quando trabalhei com pessoas que são grandes referências nacionais e internacionais na resposta ao HIV.

Na ABIA me formei como ativista da resposta ao HIV, aprendendo a construir relações solidárias e vivenciando na prática o legado do Betinho. Fiquei na ABIA até 2019. O ativismo sempre me habitou e mal caibo em todas as minhas causas. Elas me transcendem e me expandem. Não consigo viver um único dia sem pensar em alguma ação que possa trazer algum impacto social ou político, mesmo que elas não se materializem efetivamente.

Comecei a ter mais atitudes com relação ao desejo de alinhar-me às causas sociais a partir de 1999. Lembro-me de ter visitado a Associação Irmãos da Solidariedade em Campos dos Goytacazes-RJ que cuida de pessoas com HIV desde 1988. Visitei esse espaço com um amigo e fizemos uma entrevista com a diretora da instituição e foi a primeira vez que vi de perto os preconceitos sociais compõe as vivências com HIV. Escrevemos uma matéria que foi publicada no jornal da escola. Lembro-me que defendi bastante essa pauta com meu amigo e trabalhamos o tema dentro da escola para jovens que, como nós, tínhamos entre 15 e 18 anos. Talvez essa tenha sido minha primeira ação concreta sobre HIV e AIDS.

Os comentários preconceituosos que, por vezes, vinham de familiares ou amigos me irritavam muito profundamente e de alguma forma já me percebia como ativista, embora não soubesse nomear o que sentia internamente. Lembro-me de uma situação marcante na década de 1990 em que um tio falava que Cazuzza morreu porque era “bicha” enquanto escutava notícia de sua morte na rádio. Não lembro de detalhes da fala pois eu tinha cerca de 7 ou 8 anos, mas eram barbaridades grosseiras carregadas de preconceitos contra homossexuais. Ali, ainda criança, já havia uma indignação dentro de mim, mas não sabia ao certo o que era e não sabia como expressá-la.

Durante a graduação em psicologia, que cursei de 2002 a 2006, entrei para o Centro Acadêmico e dessa forma começava a dar alguma organicidade e organização para o ativismo fluir dentro de mim. Eu era responsável pela área social (coordenação social) e chegamos a fazer uma Mostra Artística com teatro, imagens e música para sensibilizar a comunidade escolar. Lembro que trabalhamos diversas temáticas com estudantes, incluindo a questão do HIV.

Apreendi bastante nessa época sobre algumas das bases para uma boa organização de eventos e ações diversas como mesas redondas, excursões para congressos, eventos artísticos e festas. Cheguei a participar de encontros do movimento estudantil como o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Goiânia e me irritava com a partidarização desse espaço que, por vezes, sucumbia o diálogo. Tenho um desejo consciente de querer transformar-me com os lugares em que circulo. Penso que estamos todos nos transformando. Essa experiência com o Centro Acadêmico de Psicologia mostrou-me, entre muitas questões, a importância da organização.

Essa potência transformadora que me habita ganha muita força no momento do diagnóstico do HIV. A força que ganho não é em resposta ao vírus biológico, mas aos vírus ideológicos (Daniel, 2018), que mostram para a sociedade uma série de questões sociais que precisam ser revistas.

Vivê-lo intensamente nos primeiros momentos foi, como já disse, um turbilhão. O trânsito entre essas emoções era como um barco navegando em um mar muito turbulento e a única âncora possível foi a música. Na música, ancorava-me, ao mesmo tempo em que ela me revelava sentidos, sentindo a dor.

Dessa forma ela me desconstruía e eu buscava reintegrar-me em palavras, escrevendo cada post do blog como lágrimas escritas. Criei o blog que inicialmente chamava de *Ninguém por aí* – que era o sentimento que tinha. Como se o vírus me desumanizasse. O blog era público desde a primeira postagem e intencionalmente queria escrever para o mundo minhas dores, embora ainda não tivesse coragem de sair do codinome. Por certa pressão dos leitores e após começar a me ver além de um vírus, chamei o blog de *Alguém por aí* e mais

tarde *O Segundo Armário*. Era a minha reorganização interna em operação. Por vezes meus dedos pulsavam em vermelho produzindo textos sangrentos – de vida e morte.

Hoje sinto vibrantes esses momentos de catarse. Recorri a um anjo, Gabriel, para lidar com minhas dores. Gabriel passou a ser meu codinome acompanhado dos sobrenomes “de Souza” e “Abreu” em homenagem a Herbert de Souza (Betinho) e Caio Fernando Abreu (escritor) – pessoas admiráveis na resposta ao HIV. A escolha por Gabriel também se deve ao fato de que, segundo minha mãe, esse seria meu nome e sempre me simpatizei com ele.

1.4 O trânsito nas emoções: escrever em tempos de crises

Estar vivo nesse contexto é algo para celebrar. Escrever nesse período da pandemia de COVID-19 foi um trânsito nas mais profundas emoções. O convite diário era adentrar em uma tristeza tão mortal quanto o entorno. Como se não bastasse vivenciar uma difícil realidade pandêmica, o país foi governado por Jair Bolsonaro entre 2019 a 2022, político conservador de ultra direita que tem perseguido os direitos dos grupos mais afetados pelo HIV, como, por exemplo, LGBTQIAPN+, população negra e usuários de drogas. O presidente, nesses últimos anos, cortou recursos de universidades e centros de pesquisas e atacou constantemente o saber científico. A crítica de Bolsonaro à academia ocorre em decorrência das pesquisas e projetos acadêmicos ameaçarem a propagação de notícias falsas produzidas e compartilhadas por ele em suas lives diárias. No mesmo momento em que nos enchemos de tristeza ao ver ações aterrorizantes como essas, vimos também parte das pessoas que amamos,

como nossos familiares e amigos, se encantando por discursos de ódio e propagação de notícias falsas.

Em 2022 também tivemos uma das mais polarizadas eleições presidenciais do país marcada pela violência política em diversos níveis chegando, em alguns casos, a letalidade. De um lado o presidente Jair Bolsonaro tenta a reeleição junto com partidos de direita, do outro lado o presidente Lula se une a partidos de esquerda, direita e centro formando uma aliança em defesa das instituições e da democracia. No segundo turno, Lula se elegeu Presidente da República com 50,90% dos votos válidos contra 49,10% de votos de Bolsonaro (margem percentual mais apertada da história do Brasil até o momento). Logo após a diplomação do presidente Lula em 12/12/2022, um grupo de bolsonaristas radicais tentou invadir um prédio da Polícia Federal e queimou carro e ônibus como reação a prisão de um homem que incentivava a violência política e o golpe de estado. Apesar do clima tenso, a derrota de Bolsonaro nas urnas traz esperança de ares mais democráticos para o país e mais respeito às diversidades.

A sensação que vivemos é de peso tirado das costas. Embora ainda tenhamos manifestações de bolsonaristas radicais, inclusive pedindo intervenção militar, esse movimento não ganha força para concretizar um golpe político. As eleições brasileiras já foram reconhecidas por diversos países e as urnas eletrônicas foram testadas e validadas por diversas instituições. Mesmo assim, o Partido Liberal (PL) de Bolsonaro tem contestado na justiça a confiança das urnas. O momento atual segue sendo turbulento¹³ porém um pouco mais

¹³ No dia 08/01/2023 bolsonaristas radicais invadiram a sede dos três poderes e depredaram o patrimônio público federal, incluindo peças históricas do tempo colonial. Esse fato marcou a data

calmo do que antes pois há esperança de retorno a uma sociedade mais democrática.

Fazer esse trânsito, seguir vivo, mesmo com a presença de tantos desafios, só é possível com a construção de redes de apoio e solidariedade que estruturam a força das coletividades. Nesses últimos anos foi comum escutar frequentemente a frase: “ninguém solta a mão de ninguém.”

Assim, como se estivesse em uma gangorra de altos e baixos emocionais, essa tese foi desenhada e consolidada. Logo durante o primeiro ano do doutorado, no final de 2019, perdi meu emprego num momento em que não estava com bolsa de doutorado. As preocupações foram muitas e tive que lidar com a ameaça de não conseguir me sustentar financeiramente. Felizmente não fiquei descoberto devido a algumas economias, e após alguns meses da demissão consegui a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Um dos resultados dos tempos desafiadores que compartilhamos durante a escrita da tese é que eles me levaram a uma maior introspecção. A busca de um silêncio que dê conta de tantos barulhos externos e internos. As palavras escapam diante de tantas violências graves e cotidianas. Mergulhar no universo de artistas que vivem com HIV, entrevistá-los e ingressar nos íntimos processos de criação, buscando entender um pouco suas experiências foi fortalecedor.

As aproximações e afastamentos da tese, comum em processos acadêmicos que vivi anteriormente, ocorreram com mais intensidade e talvez

e teve grande repercussão internacional. Algumas imagens deste dia podem ser acessadas no [Youtube do Jornal O Globo](#).

tenham sido necessários para sobreviver a pressão dos tempos de pandemias e persistir mesmo diante do cansaço diante das opressões, perseguições e dores das notícias diárias. Por um tempo me afastar das fontes de notícias foi uma estratégia necessária de sobrevivência. Algumas pessoas próximas não suportaram sustentar os processos e desistiram ou adiaram de seus projetos. Meus colegas do doutorado que são profissionais de saúde e atuaram durante a pandemia seguramente passaram por processos indescritíveis que merecem muita atenção. Palavras como superação, força e persistência poderiam descrevê-las um pouco, mas os termos são insuficientes para dar conta desses processos. Também recorri a apoios nesse trânsito: o acolhimento paciente e receptivo de meu orientador Marcos, a doçura da Débora Diniz nos domingos através das banquinhas¹⁴ (Santos, 2021), os encontros semanais do grupo de Voz e Oratória com Patrícia Cárceres¹⁵ são alguns dos caminhos traçados nesse processo.

As perdas de familiares e parentes afetaram muitas pessoas em nossas voltas. O sofrimento e o luto atravessou o processo da tese. Perdi minhas pessoas próximas, assim como muitos colegas pesquisadores e professores. O

¹⁴ *Banquinha* foi o nome dado aos encontros em forma de live que ocorriam na rede social (Instagram) da pesquisadora Débora Diniz aos domingos durante o período de restrição de contato social ocasionado pela pandemia de COVID-19. Os encontros eram um momento de muito acolhimento e solidariedade, em que as emoções e sentimentos eram integrados ao processo de pesquisa e compartilhamento informações metodológicas. As lives iniciaram no meio do ano de 2020 e seguiram nos anos seguintes, transformando-se no *Curso de Extensão em Metodologia de Pesquisa e Acolhimento Universitário* pela Universidade de Brasília (UNB) nos anos de 2021 e 2022 (Módulo 02) com programação e informações disponíveis em: <https://sigaa.unb.br/sigaa/public/departamento/extensao.jsf;jsessionid=47109E66144A9AB215F6C539D76E4AA0.sigaa16> (Acessado em 19/06/2023)

¹⁵ O Curso de Voz e Oratória ocorre por módulos semestrais e trabalha as nuances da Voz e da Oratória. Patrícia Cárceres é fonoaudióloga, palestrante e professora de oratória e atuou na Rádio Band News FM com a coluna fundada por ela: *Sua Voz na Escuta*. Ela é especialista em Voz Humana e Comunicação para a Liderança. Mais informações estão disponíveis em seu site: <http://patriciacaceres.com.br/> (Acessado em 19/06/2023)

luto se fazia presente diariamente e os telejornais contabilizavam diariamente as infecções e as mortes por COVID-19.

Portanto escrever a tese durante a pandemia foi um processo lento, profundo e reflexivo. Como uma espécie de caminho, as falas dos artistas entrevistados indicam elaborações profundas da vivência do HIV que ressoam no momento presente em que a arte foi e ainda tem sido um respiro. Durante a pandemia pudemos ver uma pulsante solidariedade artística expressa em canções, lives, espetáculos teatrais online e muitas outras formas de arte. Lembro-me de artistas nas suas varandas tocando canções e mobilizando afetos, como um rio lavando almas doloridas.



Figura 1. Chico César - Inumeráveis (Bráulio Bessa) Live Arte 1

Perdemos muitas vidas para a COVID-19, histórias abruptamente apagadas. Somos sobreviventes. A canção de Bráulio Bessa, interpretada por Chico César e intitulada Inumeráveis, resgata histórias de pessoas que morreram, visando nos sensibilizar. Diante de tantas mortes e números frios, a arte faz renascer em nós a vida diante da morte, resgatando empatia.

Com a virada do ano de 2022 para 2023 novos tempos começam a se traçar. A posse do presidente Lula foi marcada por esperança de um tempo mais democrático. A entrega da faixa presidencial, noticiada nos principais jornais do mundo, ocorreu pelas mãos de representantes de movimentos sociais, incluindo pessoas de populações perseguidas pelo presidente anterior como indígenas, mulheres negras, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência. Vários ministérios e departamentos foram reabertos, incluindo o Departamento de Vigilância de IST/Aids e Hepatites Virais, ainda no primeiro dia de governo através do Decreto nº11.358 de 1º de janeiro de 2023. Esse fato foi celebrado por ativistas do movimento de AIDS.

No entanto, a esperança dos novos tempos segue enfrentando desafios das constantes ameaças golpistas para derrubada da democracia brasileira, alcançando seu ápice na invasão aos três poderes (judiciário, legislativo e executivo). A sede do Supremo Tribunal Federal (STF), do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto foram depredadas no dia 08 de janeiro de 2022, por criminosos terroristas radicais bolsonaristas. Os três poderes têm respondido a este ataque com diversas ações para fazer cumprir a lei e a garantia do estado democrático de direito.

Deixar morrer, fechar ciclos e findar as necropolíticas e os processos subjetivos de morte não é uma tarefa fácil. O país tem sofrido bastante nesse final do ciclo de um governo pautado por discursos de dor e terror. O cenário em que escrevo e reflito com os autores nesta tese, evoca um renascimento coletivo com libertação da arte, que foi politicamente perseguida nos últimos quatro anos.

1.4.1 Uma carta para além do fim do mundo

Valão Seco, 25 de abril de 2021

Prezado Espelho,

Desejo que estejas bem. Por aqui as coisas vão além do que você é capaz de refletir. Dar conta de ti não tem sido uma tarefa fácil. Sois semente de quem sou, do que fui, do que serei e quero deixar partes minhas presas em ti para em algum tempo ser refletido no além mim, quando houver mais amor. Sim espelho, incansavelmente tenho tentado te aprisionar em tua imagem e semelhança, em muitos tempos do não tempo. O que posso fazer com o que você me mostra quando finjo não entender o que sou e o que não sou nessa sala infinita de projeções ilusórias da vida.

Nas profundezas do meu eu, me busco em mim, em ti, aqui, no agora. O que sou? Bicha, positiva, revoltada, reclamão. E se não ecoou, sou mais do que isso. No sou o que sou, um mundo se abre e não venha querer adivinhar o que pensas se não és capaz de fazê-lo por mim.

No meu eu mais raivoso busco os brilhos mais reluzentes de ti, mesmo sabendo que nem tudo que reluz é ouro, aposto em ti como o salva-vidas de partes minhas, de meu mar.

Em alguns momentos, espelho, canso de ti. Mas você está em tudo o que há vida. Como olhar além de ti? Acho que busco o possível. Não se contente

com minha projeção, pois sou necessariamente criação tua. Eu também sou projeção sua.

Nos tempos pandêmicos as imagens multiplicam-se nas tormentas caóticas. É preciso trabalhar. Em reflexões passadas, germinam vidas positivas, pensamentos que viraram ações, ações que viraram política, políticas que viraram acesso à saúde, acesso à saúde que produziram novas vidas. Focando na vida renasceram em vidas os ancestrais da AIDS - vidas. Neles reflito o meu melhor, minha gratidão. Espelho, sois vida também, sois inspiração, sois Amor.

Espelho, peço que com a força que tens, reflita a mais profunda compaixão, solidariedade e amor de um aprendiz. Termino essa carta entregando ecos de Mercedes Sosa:

“Solo le pido a Dios

Que la guerra no me sea indiferente

Es un monstruo grande y pisa fuerte

Toda la pobre inocencia de la gente”

León Gieco

Um abraço,

Eu

O texto acima é de minha autoria e faz parte do livro *Aids Sem Capa* (da Editora Devires), organizado por Bruno Puccinelli, Fábio Fernandes e Ramon Fontes. Colaboro com dois textos nesta coletânea: 1) um escrito coletivamente: "Cartas para além do fim do mundo" (Augusto Bonavita, Caio Incrocci, Franklin Rocha, Giovana Meinberg, Maurício Anunciação, Marcos Corrêa, Tiago Amaral, Vinícius de Carvalho e eu); 2) Texto individual "Entre memórias, espelhos e armários: ancestralidade indígena, homossexualidade e HIV."

A carta supracitada é parte de um texto coletivo e surge a partir de encontros online do grupo intitulado HIV/Arte composto por artistas e pesquisadores do tema. O texto oferece ao leitor cartas sobre as pandemias endereçadas para o além do fim do mundo e produz afetos de sobrevivências. O grupo foi formado por alunos do curso *Como Eliminar Monstros*¹⁶ (Freitas & Serruya, 2020). O grupo HIV/Arte encontrava-se semanalmente aos sábados no auge da pandemia através do Google Meet e discutia sobre HIV/Arte. A troca afetiva e a força desse grupo me ajudaram muito a atravessar a pandemia. No nome do grupo, a escolha do HIV/Arte substitui o clássico HIV/AIDS. A arte entra no lugar da AIDS, como um caminho para a vida, através do morrer artístico, suicídio subjetivo e consciente de uma forma do ego; e renascimento de um novo aspecto em si.

¹⁶ Participei da turma online do curso *Como Eliminar Monstros: discursos artísticos sobre HIV/AIDS* no início de 2020 de forma online, no período em que estávamos em isolamento físico em decorrência da pandemia de COVID-19. O curso teve como professores os artistas Ronaldo Serruya e Fabiano de Freitas (o Dadado) e contou com o seguinte cronograma: Encontro 1 – Uma história social da AIDS: a doença como metáfora. Encontro 2 – A performatividade da urgência e os corpos como combate. Encontro 3 – De Filadélfia à Pose: O audiovisual na construção do imaginário sobre o HIV/AIDS. Encontro 4 – As dramaturgias do eu: autobiografias e ficções autobiográficas. Encontro 5 – HIV hoje: a importância dos discursos interseccionais.

No momento da escrita desse texto e dos encontros do grupo, estávamos ainda no meio da tormenta. A pandemia ceifava a vida, afetando pessoas próximas. Lembro-me de escutar a canção e cantar quase como uma oração neste dia. Evocávamos a arte como caminho de suportar a morte, manifesta nas esferas físicas e política. A arte era o único renascimento possível. A pandemia descortina, ainda mais, a importância da arte para a vida.

1.5 Acolhimento, Ativismo e Armário

A música foi a primeira a me acolher e a produzir em mim o meu auto encontro em 2011. Foi muito intenso, embalar-me em notas, nos sons do fluir apostando na sensibilidade como possibilidade de elaboração. Penso que todos somos seres artísticos e a vida é uma grande arte. Foi muito mágico participar dos exercícios teatrais lá pelos anos 2000, conhecer atores e frequentar festivais. O teatro me desabrochou naquele momento, também acolheu muito o meu medo de expressar meus sentimentos, ainda na minha juventude.

Mais tarde, em 2010 quando me mudei para o Rio, compartilhei a casa com um meu primo que é ator e seus amigos tornaram-se também meus. A arte é a grande acolhedora, no fim das contas. Nós emprestamos nossos sentidos para que ela doe novos sentidos para nossa vida. Após meu diagnóstico em 2011, também fui acolhido por pessoas que liam o blog e que não eram especialistas no assunto, mas isso era meio que indiferente diante do afeto e da empatia. Assim, a partir do meu acesso a mim através da música, no auto encontro através da escrita, permitia-me acolher o desconhecido em mim (vivência viral) a partir do afeto dos desconhecidos (leitores do Blog).

Lembro-me que da mesma forma que recebi um lindo abraço virtual que tocava a alma no lidar com os temas, também recebia reações de estigma e discriminação, questões bem descritas na academia/ONGS e que afetam pessoas com HIV (Monteiro & Vilella, 2013, Souza & Pereira, 2021, Parker & Aggleton, 2021). Certa vez, um rapaz chegou a dizer que não ficaria com alguém vivendo com HIV e essa foi a primeira vez que senti a dor dessa rejeição causada pelo vírus ideológico que excluía os corpos positivos. De alguma forma recebemos muita projeção do medo do outro em forma de estigma.

Outra passagem muito linda que lembro foi a de uma mãe, que dizia que compreendia melhor o que se passava na cabeça do filho dela a partir da leitura de meu blog. Eu me sentia acolhido por ela, olhando para a relação dela com seu filho, e pensando em como seria contar para minha mãe. A questão do segredo era algo muito delicado naquela época para mim. O trânsito entre armários é também entre projeções dos armários espelhados onde quem tranca também reflete quem está trancado e vice-versa e o acolhimento permeia tudo isso no silêncio do (auto)amor.

Nesse processo de acolhimento foram três viradas de chave muito marcantes para a abertura das portas do armário. A primeira, conectada à arte foi um processo de acolhimento integral que a música trouxe ao permitir-me acessar meus sentimentos e organizá-los com a entrada de uma potente luz no armário.

A segunda chave foi quando resolvi copilar os textos do blog e transformá-los em um ebook em 2014. A publicação do livro, ainda na edição portuguesa em que usei o codinome de Gabriel de Souza Abreu, representava para mim a saída do armário. Era um sinal verde e colocava-me mais explicitamente como

um acolhedor de pessoas recém diagnosticadas pelo HIV. A versão impressa em 2016 veio confirmar esse processo e o livro teve êxito na proposta de compartilhar essa experiência ultrapassando 13 mil downloads em abril de 2021 na versão do ebook. O lançamento do livro foi registrado pelo documentário *Agora que eu sei* e o Gabriel compartilhava assim a autoria com Salvador, era a efetiva saída pública e literalmente documentada do Segundo Armário.

E a terceira chave ocorreu em 2018, quando o texto se torna um espetáculo teatral, com direção de Jean Mendonça que convidou Antônio de Medeiros para fazer a dramaturgia e Hugo Caramello¹⁷ para atuar como Gabriel. Era como se entregasse para a Arte essa vivência. Desde o início, embora talvez não tivesse total consciência, meu processo era coletivo. A forma como escolhi para compartilhar era coletiva – tudo estava na internet desde o primeiro momento para quem quisesse ver. O teatro me mostrou a força da coletividade. Ele me trouxe uma sutil certeza de que somos coletivos e essa história não era mais minha, foi entregue a Dionísio, Deus do Teatro e dos Ciclos. Era o fim de um ciclo e o início de uma nova percepção mais coletiva da vida e da arte. Ao mesmo tempo em que o teatro me encanta, ele me assusta pois me invade, me preenche, me transforma, desnudo, renasço. A arte é também o lugar do auto encontro em projeções.

O blog, o livro e a peça significaram na minha vida um ativismo diferente, menos institucional, a arte como expressão, e continuava, concomitantemente, no ativismo institucionalizado.

¹⁷ A filmagem do espetáculo teatral “O Segundo Armário” encontra-se disponível na íntegra no youtube no canal da Cia. Banquete Cultural: https://www.youtube.com/watch?v=2n0AXVHRS_4 (Acessado em 19/06/2023)

No âmbito institucional, o acolhimento também ocorria cada vez que me colocava, na ABIA, a serviço das grandes agendas da AIDS. Ali integrava-me a uma força muito maior que vive na potência coletiva e no diálogo com o diverso. Aprendi muito nesses tempos que passei por lá com grandes mestres do movimento social. Conheci e integrei-me na organização de um movimento que até hoje é tido como maior exemplo de participação social do mundo, construído por muitas pessoas desde a década de 1980 que viveram e morreram para criar no cenário social condições de vida para pessoas com HIV. A todas essas pessoas, que chamamos de ancestrais da AIDS, entrego minha gratidão. O HIV efetivamente tornava-se pauta diária de meus dias.

Em 2019, ingressei no doutorado em saúde coletiva no Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz (PPGSCM/IFF/Fiocruz), que abre outra forma de discutir essas questões. O alinhamento com a academia, que também foi uma característica marcante de minha passagem pela ABIA, abre espaço para um olhar investigativo, com outras perguntas que também me compõe. Assim, com o florescimento de novas sensibilidades, conduzidas pela delicadeza dos pesquisadores do Instituto Fernandes Figueira, começa a configurar mais uma possibilidade de integrar olhares para compor o ativismo que participo, sou e entrego.

1.6 O trânsito entre armários

Como já disse ao iniciar esse texto, a pandemia de COVID-19 afetou a todos nós, trazendo uma alteração em muitos aspectos de nossas vidas, mortes e lutos. O cenário brasileiro é desastroso e grandes companheiros e companheiras ativistas, assim como eu, enfrentamos muitos desafios.

Por outro lado, novos espaços de improváveis diálogos também surgem. No campo do HIV muitas organizações que não tinham forte relação com a internet apostaram em webconferências, lives e rodas de conversa online (Deslandes, 2021). Muitos espetáculos, webséries trabalharam a temática de forma remota. Tenho participado de muitas lives, aulas e conferências nesse período. Configura-se assim uma atuação muito presente do ativismo mediado pela internet, retirando mais uma vez esse tema do armário, inclusive da própria parada LGBTQIAPN+ de São Paulo que pautou a temática do HIV em 2021.

Chegou o tempo de conscientizar-se dos trânsitos entre os armários. As cores do arco-íris são as que vestimos – diversos que somos, e cada cor tem sua magia, para um tempo de liberdade do sou o que sou com fluidez. Na música me refaço, na escrita me desnudo e assim, vou me libertando desses rótulos que agora me colorem. Reergo-me na voz coletiva que impulsiona o tempo de transformação.

1.6.1 L - imite-se¹⁸

Qual o limite da existência

Quais os limites da r-existência

A paz é o ponto de chegada

Ou o ponto de partida

Parto-me

Parto de mim

Parto o que sou

Nos limites dos silêncios

Nos limites da desconexão

Conecto

Observo a espera de um milagre

Que chega em cada respiração

O não limite é o outro

O limite é o não

O limite é o sim

Há Paz

¹⁸ Texto escrito por mim em abril de 2021 durante a pandemia do novo coronavírus. Acredito que ele reflete um pouco do meu trânsito entre armários.

Projeções infindáveis

Exibem o filme

Das dores expostas que espelham cicatrizes

Prefiro vê-las sem pipoca

Consciente do que sou

Parto-me

Parto de mim

Parto no que sou

Parto-me

O não soul me leva

Há conexão enquanto houver respiração

Amor sempre houve

Há vida, Há morte

Há morte e haverá vida

Há Vida na vida

Vi dá - veja e doe

Vida

1.7 HIV, Arte e Ativismo: uma revisão do campo da saúde

Com o objetivo de fornecer subsídios para conhecermos as pesquisas que compõe o estado da arte sobre a temática, realizamos uma consulta com os termos “HIV, Arte e Ativismo” publicadas até dezembro de 2020. A busca foi realizada através do Núcleo de Informação e Documentação Cecília Minayo (NID) do Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES) da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ). Foram utilizadas as seguintes bases: Portal Regional BVS, Scielo, Scopus, *Web of Science*, PUBMED.

A partir dos dados disponíveis e contidas no título das publicações, efetuei a busca de cada trabalho no Google, a fim de encontrar e/ou confirmar as seguintes informações: autores, formato de publicação, país, objetivo/objeto e método. Ao iniciar a pesquisa considerando esses aspectos buscamos ter um breve panorama das publicações acadêmicas sobre essa temática na área de saúde.

Foi realizada a leitura e releitura do resumo de 77 títulos e selecionamos 41 publicações para trabalharmos. Excluimos 36 produções acadêmicas com base nos seguintes critérios: 1) por não apresentarem a temática do HIV como centro do debate; 2) por trabalharem com a temática de antirretroviral (ARV); 3) por apresentarem resumos sem clareza sobre a temática a ser desenvolvida pelo trabalho. Uma curiosidade observada sobre o item 2 supracitado como critério de exclusão foi que a palavra arte, ao ser traduzida para o inglês no sistema de busca, apresenta a grafia *art* que também é associada a terapia antirretroviral

(*antiretroviral therapy*). Foram excluídas também as duplicidades e corrigidas as informações equivocadas que constavam no arquivo.

Sobre a distribuição geográfica das pesquisas considerei o país/região da revista, a universidade de vinculação do autor e o país em que ocorreu a pesquisa. Algumas das publicações estão em revistas globais, valendo então essa característica como localização. Muitos estudos produzidos na África me confundiam no processo de definir a localização, pelo fato de serem majoritariamente publicados na Inglaterra e nos Estados Unidos da América (EUA), e realizados por pesquisadores americanos, europeus e africanos.

Percebe-se claramente que a maior parte das revistas globais são situadas no Cone Norte. As pesquisas sobre a África hegemonicamente ocorreram na África do Sul. Considerando que a África é o continente mais afetado pelo HIV, percebe-se uma tímida produção acadêmica para contemplar estudos sobre Arte, Ativismo e HIV nessa região, especialmente para além da África do Sul.

Por outro lado, os Estados Unidos da América são os que mais publicaram sobre a temática nas últimas 3 décadas contabilizando 37 publicações, seguido da Inglaterra com 13 publicações. A África do Sul apresenta 5 pesquisas assim como as de cunho Global. Essas pesquisas correspondem a aproximadamente 78% do total das buscas, com maior parte dos artigos em língua inglesa.

O Brasil apresentou 3 publicações, sendo o país de língua não inglesa que mais teve pesquisas nessa área, seguido de Espanha, Canadá e França, com 2 publicações cada um. Foram ainda encontradas uma pesquisa no Peru, na Eslovênia, na Austrália, em Hong Kong, na China, na Suíça, na Irlanda e na Índia.

Com relação ao período de publicação, é possível perceber que 74% das produções encontradas foram publicadas na década de 2010. Já nos anos 2000 foram publicadas 21% das produções acadêmicas sobre o tema. A década de 1990 apresentou 5% do total produzido. É importante ressaltar que durante a primeira década da epidemia (1980) não foi encontrada nenhuma publicação.

No âmbito das metodologias escolhidas pelos autores tive uma certa dificuldade para localizar essas informações no resumo da maioria dos trabalhos (18 produções). Nas demais encontramos: 7 análises de filme, 7 análises históricas, 3 estudos de caso, 2 análises documentais, 2 estudos comparativos, 1 etnografia e 1 história oral.

Já no que tange ao conteúdo dos artigos podemos afirmar que há uma variedade de produção artística investigada com destaque para filmes e também para as ações da Act Up – Organização não Governamental (ONG)¹⁹ que desperta interesse dos pesquisadores (8 produções foram encontradas sobre ela). Para descrever a interseção provocada pela arte e ativismo alguns termos foram identificados no conteúdo dos artigos: arte-ativista, ativista da arte e ativismo cultural. Curiosamente não encontrei o termo ativismo.

Dentre os debates presentes no conteúdo das pesquisas, podemos destacar: 1) as estratégias de artistas para endereçar a AIDS, a importância dos filmes para ressignificarem as subjetividades, 3) gentrificação na estética de

¹⁹ AIDS Coalition to Unleash Power (ACT UP) é um grupo apartidário e diverso, unidos pela raiva contra a crise da AIDS iniciado nos Estados Unidos na cidade de Nova York em 1987 e posteriormente espalhou-se para outras cidades e países, com forte atuação da Act Up Paris retratada no filme *120 batimentos por minuto*. A atuação da Act Up é pautada em ações performáticas de desobediência civil com bastante impacto visual. Recentemente, no Brasil, o Grupo de Trabalho sobre Propriedade Intelectual da Rede Brasileira Pela Integração dos Povos (GTPI/REBRIP) tem promovido ações inspiradas na Act Up no questionamento das patentes de medicamentos e pela ampliação do acesso ao tratamento.

filmes globais sobre LGBTQIAP+, 4) ampliação de estudos queer e trans, 5) e questões intergeracionais. Discorrerei sobre esses debates abaixo.

Sobre as estratégias de artistas para endereçar a AIDS, Miller (2006) relata 5 tipos: a) Estratégias de transcodificação; b) críticas da mídia ou críticas às representações da indústria cultural sobre a AIDS; c) publicidade alternativa; d) exemplos de AIDS e e) estratégias de luto e memorização. Para ele a AIDS tornou-se central no pensar sobre o ativismo dos artistas e a arte como intervenção social. Assim, segundo ele, a AIDS traz um novo paradigma que funda um novo fenômeno cultural global, biopolítico e midiático produzindo um novo conjunto de efeitos políticos, morais e econômico afetando as concepções de estética e arte ativista. Ativistas da arte podem inspirar-se em outros movimentos, como pode ser observado por Allen (2009) em sua análise dos eventos da Galeria Nacional da África do Sul ao comparar as produções em resposta à AIDS aos recursos e estratégias utilizadas pelo movimento contra o apartheid e pelo movimento por acesso a medicamento.

Os estudos sobre filmes com temáticas sobre HIV e AIDS estão presentes nos nossos achados. Raimondo (2010) traz a importância dos filmes ressignificarem as subjetividades espaciais desinteressadas, pois elas permitem a ocorrência de doenças evitáveis e mortes. Para ele é preciso politizar a compreensão dos telespectadores para que entendam seu papel na resposta à AIDS, olhando criticamente para estruturas de desigualdades que normalizam sofrimentos evitáveis. No entanto, reconhece o limite de atuação dos filmes que por vezes estão dentro de uma lógica neoliberal.

Este aspecto de seu trabalho dialoga com Keegan (2016) que faz uma forte crítica ao cinema LGBTQIAPN+ lançado recentemente como Dallas Buyers

Club, Stonewall e The Danish Girl que trazem um apagamento cultural do ativismo da AIDS e dos papéis importantes das pessoas trans nas histórias e políticas LGBTQIAPN+. Ele conclui que há nestes filmes uma ruptura histórica e a gentrificação estética com implicações globais para o futuro da representação LGBTQIAPN+. Sobre essa população encontramos na última década, especialmente no ano de 2016, estudos queer, trans (Mota, 2016; Keegan, 2016) e estudos raciais LGBTQIAPN+ (Ware et al, 2016; Mumford, 2016) como destaque em nossa busca HIV, Arte e Ativismo.

Por fim, algumas questões intergeracionais parecem compor o cenário da resposta ao HIV. Durante minha atuação na ABIA observei com frequência como essa questão trazia uma série de reflexões nos encontros do movimento social.

Um dos estudos que traz à tona esse tema é de Rai et al (2018), que pontua uma diferença entre a geração pré-tratamento e pós-tratamento em Londres. Antes da disponibilidade de antiretrovirais as pessoas diagnosticadas envolviam-se mais em esforços comunitários como ativismo, educação pública e grupo de apoio. Pessoas com diagnóstico após a disponibilidade de antirretrovirais optavam por manter em um assunto privado, separado de sua identidade social.

No Brasil temos uma concepção distinta. Nos últimos anos cresceram os canais de Youtube, páginas no Instagram e coletivos artísticos com pessoas com HIV que pautam a questão.

Ao olhar para os textos encontrados, percebo que embora esteja em um processo visível de crescimento, a temática da arte, ativismo e HIV ainda é discreta, porém com profundas reflexões. Penso que olhar para esse campo partindo da saúde pode trazer alguns caminhos interessantes para entender os

trânsitos entre a arte, ativismo e saúde. Para entender melhor essa área, farei um breve resgate histórico do HIV.

1.8 HIV: um breve histórico a partir do olhar de um ativista

Olhar para a história da resposta ao HIV do ponto de vista do ativismo requer resgatar um pouco de minha vivência e muitos dos ensinamentos que esse caminho me traz. A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), ONG que atuei por pouco mais de 6 anos, foi e tem sido uma grande escola sobre ativismo em HIV. A instituição é uma das grandes referências na resposta ao HIV desde 1987 e lá conheci de perto muitas pessoas que lideram respostas ao HIV no Brasil, o que certamente me deixa em um lugar muito privilegiado para compreensão histórica do movimento de AIDS para além dos livros, mas incorporando também vivência nua e crua de um movimento em plena transformação.

Olhar para o movimento social de AIDS numa linha histórica é considerar também que a história é absolutamente viva e a cronologia temporal contada em décadas, dias e anos não é suficiente para entender o que se passa no caldeirão de ebulição do movimento. Digo isso pois toda vez que grito um Viva a Vida no final de encontros do movimento, a história se faz presente e essa marca e herança do Herbert Daniel ganha outras histórias vivas, pessoas que sentem o poder dessas palavras, percebem o encontro do passado e presente em vitalidade transmutadora da morte que como ideia, como política e como experiência ainda insistem em seguir quando se pensa em HIV.

Costumo dizer que vivemos muitos tempos nesse presente, por exemplo, convivemos com pessoas morrendo com AIDS no mundo inteiro por não terem acesso a medicamentos ainda nos tempos atuais, em que já temos, desde a década de 1990, medicamentos eficazes para controle dessa infecção. O acesso encontra muitas barreiras nas históricas opressões que afetam, principalmente, a população negra, quilombola, indígena, LGBTQIAPN+, trabalhadoras sexuais, usuários de drogas, população privada de liberdade e população em situação de rua.

Registrada essa observação sobre minhas percepções iniciais sobre a história do HIV e da AIDS, preciso reconhecer que o movimento social de AIDS – que tem sido uma grande referência de participação social – apresenta momentos históricos que reverberam até hoje em nossas existências. Muitas pessoas viveram e morreram envolvendo-se em causas como o acesso a medicamentos, e graças a elas hoje eu estou vivo e realizando projetos de vida como esse de doutoramento. Eles também se presentificam na minha história diariamente quando tomo medicamento. O medicamento que me mantém vivo, carrega simbolicamente muita vida em movimentos dos ativistas que vieram antes.

O primeiro caso registrado no Brasil foi publicado no Boletim Epidemiológico de 1980 e já em 1983 o grupo gay *Outra Coisa* faz o primeiro trabalho comunitário de prevenção com disseminação de informações através de folhetos, ano em que se registra dois casos em mulheres. Nesse mesmo ano de 1983 é publicado um ensaio intitulado “A Síndrome do Preconceito” de Herbert Daniel – um dos primeiros autores a tratar do tema (Melo & Penna, 2017). Dois anos depois, em 1985, é criado o GAPA (Grupo de Apoio à Pessoa

com AIDS) em São Paulo-SP, a primeira organização não governamental na resposta à AIDS no Brasil, mesmo ano em que é criada a primeira casa de apoio a pessoa com AIDS – Casa de Apoio Brenda Lee (Galvão, 2002).

Um dos exilados da ditadura militar brasileira – Herbert de Souza – foi lindamente lembrado na canção, de 1979, “O bêbado e a equilibrista” (João Bosco e Aldir Blanca). Eternizada por Elis Regina, a música registra um “Brasil que sonha com a volta do irmão do Henfil”. Quando finalmente voltou, colaborou com muitos processos de redemocratização do país. Em 1986 descobriu-se com HIV. Nesse mesmo ano, ele funda a ABIA, primeira instituição a ser presidida por uma pessoa com HIV. Escreveu diversos textos valiosos para a arte literária, na qual destacamos o livro de crônicas “A cura da AIDS” de 1994. Ele morreu em 1997.

Ao lado do Betinho na fundação da ABIA, estava Herbert Eustáquio de Carvalho, nascido em 1946 em Minas Gerais. Conhecido como Herbert Daniel – nome escolhido após ser exilado pela ditadura militar brasileira (Neto, 2016) – foi escritor, guerrilheiro e ativista da resposta ao HIV no Brasil. Foi estudante de medicina aos 18 anos, graduação abandonada em função de seu envolvimento com a guerrilha armada contra a ditadura no Brasil – o que o obrigou a exilar-se em Portugal e na França entre os anos de 1972-1981(Dias, 2016). Voltou do exílio em 1981 e chegou ser chamado de “o último exilado” pelo cartunista Henfil e Alfredo Sirkis (Neto, 2016).

No retorno ao Brasil escreveu crônicas e críticas políticas, foi candidato a deputado estadual do Rio de Janeiro em 1986 (Dias, 2016) e chegou ser o primeiro e único ‘anticandidato’ homossexual vivendo abertamente com HIV em 1989 (Neto, 2016), como vice na chapa de Fernando Gabeira. Colaborou muito

com a resposta ao HIV no Brasil sendo um dos associados da ABIA junto com Betinho (Herbert de Souza) e outros ativistas e pesquisadores. Fundou, em 1989, o grupo Pela Vida Rio de Janeiro. Como escritor, publicou diversas crônicas sobre sua vivência com HIV, incluindo os livros AIDS: a terceira epidemia e Vida Antes da Morte. Viveu sua sorologia de forma aberta, criando conceitos que nortearam a resposta à AIDS como morte social, vírus ideológico. Inspirou vidas homossexuais, vidas positivas, resignificando em sua própria, a potência diante da morte. Ele morreu em 29 de março de 1992 no Rio de Janeiro.

Outro escritor que trouxe à tona sua sorologia para HIV foi Caio Fernando Abreu. Ele faz a primeira referência à AIDS em sua obra “Os Dragões Não Conhecem o Paraíso” de 1988, mas apenas em 1994 quando descobre-se com HIV começa a publicar as crônicas conhecidas como “Cartas Para Além Dos Muros”, que surgem após sua internação no Hospital Emílio Ribas em São Paulo.

A janela do quarto ficava de frente para a Avenida Doutor Arnaldo, onde se situa o muro do Cemitério do Araçá, em frente à avenida. A referência aos muros do cemitério, no título da série de crônicas, já deixa entrever que a possibilidade da morte iminente atuaria como um divisor de águas em sua vida: para além do muro, para quem do muro; da doença; da vida e da morte. (MAGRI, 2013, p.172)

Em 1988, a Assembleia Constituinte proíbe a comercialização do sangue, mesmo ano em que morre Henfil. Em 1989 ocorre, em Belo Horizonte, o primeiro Encontro Nacional de ONGs AIDS.

A chamada segunda onda da pandemia de HIV (PARKER, 2019), que marca aproximadamente a década de 1990, é lembrada pelo sucesso do tratamento antirretroviral, concretizado com melhorias no medicamento AZT no início da década e pelo então chamado coquetel, combinação de antirretrovirais

que significaram uma revolução no tratamento. A lei nº 9.313/1996 garantiu acesso universal à terapia antirretroviral no Brasil. Surge, nessa década, o conceito de vulnerabilidade²⁰ em resposta à ideia de grupo de risco concebida na década de 1980. Em 1994 é criado o UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. A década também é marcada por uma ampliação das organizações da sociedade civil, com uma arquitetura complexa e sofisticada (PARKER, 2019).

Em 1990 é fundado o Grupo de Incentivo à Vida, primeira ong de autoajuda para pessoas soropositivas e em 1991 ocorre o I Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS. Nesse mesmo ano, Leonilson passa a expressar sua vivência com HIV em sua arte. Ele foi um artista marcado pelo uso das palavras, imagens, lonas e tecidos, expressando-se por meio da pintura, desenho e bordado (PERIM, 2013). Nascido em 1953 em Fortaleza, mudou-se para São Paulo. Em 1991, o artista se descobre com HIV e passa a expressar essa vivência em sua obra, adotando um caráter mais biográfico e íntimo. A sua relação com a AIDS foi tema de diversas obras suas, e logo no início da descoberta iniciou a gravação em áudio de um diário, transformado no documentário “A paixão de JL” de Carlos Nader, lançado em 2015. Marcou sua época com materializações artísticas pouco usuais, uma arte que pulsa a *nova estética* (PERIM, 2013). Deixou cerca de 4.000 obras, além de múltiplo acervo

²⁰No decorrer das últimas décadas muitos termos foram utilizados na tentativa de compreender as pessoas mais afetadas pelo HIV. A noção de risco permeia a infecção pelo HIV desde o início da década de 1980, trazendo para pessoas e grupos um suposto potencial infeccioso e desconsidera que o controle de uma epidemia envolve conhecer projetos de felicidades como as vivências das sexualidades (Ayres, 2002). Por volta dos anos de 1990 surgem os estudos socioantropológicos que trazem a importância de olhar para o conceito de vulnerabilidade. Mais recentemente as noções de grupos vulnerabilizados e a perspectiva de interseccionalidade ganham força nos discursos e estudos que buscam olhar para pessoas mais afetadas pelo HIV.

documental, algumas disponíveis no site Projeto Leonilson, criado por amigos e familiares do artista meses após sua morte, em 1993 em decorrência da AIDS.

Em 1992 é criado o setor de articulação com ONG do Ministério da Saúde²¹, mesmo ano em que morre o ativista Herbert Daniel. Em 1993, ocorre o primeiro grande empréstimo com o Banco Mundial para que o Brasil respondesse à epidemia (AIDS I), ano em que ocorreu o primeiro edital para financiar a sociedade civil (Galvão, 2002).

A atriz e modelo carioca Sandra Bréa fez sucesso em telenovelas da Rede Globo nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Em 1993 assumiu-se vivendo com HIV. Ela falou abertamente sobre o assunto durante a década, indo a programas de TV e envolvendo-se na causa contra a AIDS em ONGs como o GAPA (Grupo de Apoio Pessoas com Aids). Ela relatava publicamente preconceitos vividos em restaurantes, no contato social, questões de gênero, ecoando a voz feminina no campo da arte e também doando-se na causa das crianças de transmissão vertical. Seguramente foi uma importante voz para visibilizar a temática entre mulheres.

A primeira Rede Nacional de Pessoas com HIV é criada em 1994 (RNP+). Em 1996 o Brasil garante, pela lei 9313/1996, o acesso universal e gratuito aos ARVs (antirretrovirais), mesmo ano em que é assinado o acordo TRIPS (*Trade-*

²¹ Em 2005 é criada a Comissão Nacional de Articulação com os Movimentos Social (CAMS). Em 2011 o caráter consultivo da CAMS é normatizado pela portaria 230 do Ministério da Saúde. Ela é formada pelo movimento social organizado e possui até agosto de 2021 a seguinte composição: Fóruns de ONG/Aids (10 representações), RNP+ Brasil (01 representação), Movimento Negro (01 representação), Movimento Popular (01 representação), Movimento de Populações Indígenas (01 representação), Movimento da Rede de Profissionais do Sexo (01 representação), Movimento Homossexual (01 representação), Movimento de Travestis, Transexuais e Transgêneros (01 representação), Movimento de Redutores de Danos e Usuários de Drogas (01 representação), Movimento de Mulheres (01 representação), Movimento de Estudantes Jovens (01 representação), Movimento de Hepatites Virais (02 representações).

Related Aspects of Intellectual Property Rights), que incide sobre a propriedade intelectual dos medicamentos.

No ano seguinte, em 1997, a escritora Valéria Piassa Polizzi, nascida na cidade de São Paulo lança o livro *Depois daquela viagem*, autobiografia que traz a descoberta do HIV em sua vida aos 16 anos de idade e em seu primeiro namoro. O livro vendeu mais de 300 mil cópias, foi adotado por escolas de ensino básico e ensino médio e teve um alcance amplo para setores da sociedade que não se aproximavam da questão (Melo & Penna, 2017).

Em 1997 também morre Betinho e é instalado o Grupo Temático do UNAIDS no Brasil. Nesse período inicia-se a era que alguns autores chamam de pós-coquetel (Melo & Penna, 2017).

A virada do milênio (anos de 1999 e 2000) também traz manifestações da sociedade civil em resposta à AIDS para garantir a compra de medicamentos e o governo brasileiro publica um decreto presidencial (em 1999) sobre licença compulsória nos casos de emergência nacional e de interesse público. Em 2001 ocorre o I Fórum Mundial Social, inaugurando um novo ativismo global. Em 2005, o Brasil recusa ajuda financeira dos Estados Unidos que exigia condenação pública da prostituição. Em 2007, pela primeira vez ocorre o licenciamento compulsório de um antirretroviral, o Efavirenz (Galvão, 2002).

Nascida em Porto Alegre no ano de 1971, a artista brasileira Adriana Bertini faz roupas e artefatos com camisinhas, circulando o mundo com a mensagem de prevenção, destacando-se na virada do milênio. Ela já expôs o seu trabalho em mais de 28 países, nos cinco continentes. Tornou-se uma referência internacional em HIV e AIDS, com obras em diversos lugares, como em acervos de museus (Fowler Museum UCLA, Museum of Sex NYC, Estados

Unidos; World Museum of Cultures, Suécia; e Centraal Museum, Holanda), galerias de arte e órgãos governamentais (Bertine, 2019).

Ao mesmo tempo que o ativismo se renova em várias causas, nesse período pós-coquetel, as obras literárias que abordam exclusivamente o tema se tornam cada vez mais raras (Melo & Penna, 2017). A temática da AIDS perde força entre artistas e formadores de opinião na grande mídia.

Em 2011 é relançada a Frente Parlamentar de HIV e AIDS no Congresso Nacional. Novo protocolo de 2013, incorpora o Testar e Tratar, que sugere iniciação de medicamento para todas as pessoas diagnosticadas.

No ano de 2014 inicia-se o Projeto Viva Melhor Sabendo, em que o Ministério da Saúde financia organizações não governamentais para realizar testagem para grupos e populações vulneráveis (SAÚDE, 2015). Em 2015 é lançada a plataforma virtual do Observatório Nacional de Políticas de AIDS da ABIA, que dissemina informações e produz conhecimento sobre a epidemia de HIV/AIDS no país (ABIA, 2015).

Na literatura, as autobiografias e a interlocução com a internet marcam esse processo a partir de blogs adaptados para livros e espetáculos teatrais como *Uma vida positiva* (2012) de Rafael Bolacha e *O Segundo Armário* (2014) de Gabriel Abreu – codinome de Salvador Corrêa (Melo e Pena, 2017). As histórias autobiográficas marcam a década na arte literária incluindo também as obras: *Morte e Vida Positiva* de Beto Bolpe (2016), *HIV/AIDS: confissões de um soropositivo* de Leo Cezimbra (2017), *5 anos comigo* de Thais Renovatto (2019). Em 2018 Marcelo Seiler (2018) lança *Positivo, Maxwell*, que mescla biografia e ficção.

No âmbito da poesia, o poeta Ramon Nunes Melo lança o livro *Há um mar no fundo de cada sonho* (2016) após descobrir-se vivendo com HIV e em 2018 organiza a primeira antologia poética sobre o tema intitulada *Tente Entender O Que Tente Dizer*, título inspirado em uma crônica de Caio Fernando Abreu. A capa de seu livro faz alusão à obra *34 com Scars* de Leonilson. Essa antologia foi investigada por Fonseca (2019) que ressalta a importância de trabalhos artísticos frente a forças conservadoras. A contribuição do poeta é vasta para colaborar com a construção da resposta poética ao HIV na década de 2010, destacando a concepção do vírus como linguagem ao afirmar que *a linguagem é o verdadeiro vírus* (p.18, Nunes Melo, 2019).

A performance de Micaela Cyrilo²², mulher negra vivendo com HIV, ganha os centros culturais de São Paulo, com o espetáculo “A Cura” (2019), afirmando que a “Aids é um viés do genocídio da população negra”. A presença de Micaela nesta década traz a denúncia em seu próprio corpo e existência da necessidade de um debate em que a centralidade percorra pela superação dos marcadores sociais da diferença, como gênero, classe, raça. Em seu trabalho, ela resgata sua ancestralidade africana e denuncia a histórica opressão da população negra, entendendo que as desigualdades no acesso à saúde, que geram alta mortalidade desta população por AIDS é mais uma faceta do genocídio da população negra no país. A crítica artística de Micaela, traz um legado artístico para essa reflexão.

No mesmo ano o ator e dramaturgo Ronaldo Serruya estreia o espetáculo “A Doença do Outro” que seguiu em cartaz nos anos seguintes e foi indicado ao

²² Micaela Cyrilo é uma artista com múltiplos talentos que tem somado seu trabalho sobre ancestralidade, racismo e HIV ao movimento brasileiro de luta contra a AIDS.

Prêmio Shell 2023 de melhor dramaturgia. O espetáculo teatral fala sobre vivências estigmatizantes de corpos vivendo com HIV.

Também em 2021 a poetisa, filósofa e pesquisadora Atena Roveda lança o livro “Contos Transantropofágicos”.

A partir de 2022 o ator e pesquisador Evandro Manchini começa a utilizar seu instagram para falar abertamente sobre HIV, incluindo suas vivências pessoais e conteúdo educativo sobre o tema. Nesse mesmo ano seu filme “Poder Falar” percorre festivais nacionais e internacionais e mobiliza muitos afetos.

Em 2023 o escritor, pesquisador e poeta Leandro Noronha lança o livro “O verso do vírus: a poesia brasileira contemporânea e o HIV/aids”, pela editora Appris.

Durante esse período de 2020 e 2023, em que atravessamos a pandemia de COVID-19, muitos eventos ligados ao HIV e Artes ocorreram. Coletivos de artistas vivendo com HIV, cursos sobre HIV e arte e *lives* sobre a temática ocuparam a internet fortalecendo o ativismo em rede, agora também online.

É importante ressaltar que durante todas as décadas da epidemia as organizações da sociedade civil fizeram trabalhos artísticos relevantes, como os filmes²³ da ABIA dirigidos por Vagner de Almeida da ABIA, os Saraus do Grupo de Incentivo à Vida²⁴ coordenados por Andréa Ferrara e Ricardo Tomio, Drags da Prevenção do Grupo Pela Vidda²⁵ Rio de Janeiro, para citar alguns exemplos.

²³ Alguns filmes de Vagner de Almeida estão disponíveis em seu canal do youtube e no site da ABIA: <https://www.youtube.com/@VavaBR07/videos> e www.abiaids.org.br

²⁴ Para conhecer ações e projetos do Grupo de Incentivo a Vida acesse: www.giv.org.br

²⁵ Para conhecer ações e projetos do Grupo Pela Vidda Rio de Janeiro, acesse: <http://www.pelavidda.org.br/>

Conheça um pouco da história da AIDS acessando o vídeo História Ilustrada da Aids²⁶ produzido pelo Ministério da Saúde (2014):



Figura 2. História Ilustrada da Aids

Lembro-me quando participava de um evento do movimento de AIDS e um trabalhador do Ministério da Saúde veio até a mim contando que esse vídeo seria lançado. O resultado foi uma forma objetiva e didática de contar um pouquinho da história. Considerei válido trazer para somar a breve digressão histórica contida nos parágrafos anteriores. Gostaria de também ressaltar alguns momentos entre 2014 a 2023, período de muitas mudanças no cenário político que afetaram fortemente a resposta ao HIV. Em 2015, a criminalização da transmissão do HIV volta ao debate político pressionado por parte da imprensa e gerou o projeto de lei 198/2015, preocupando parte do movimento de AIDS. Em 2016, com a saída da presidente Dilma Rousseff (em decorrência de um questionável processo de impeachment), há mudanças na gestão do então

²⁶ O vídeo também se encontra acessível no canal do youtube do Ministério da Saúde: <https://www.youtube.com/watch?v=ShaCZ9b1MKs>

Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais. Ainda neste ano, o governo brasileiro adota perspectiva de prevenção combinada em suas campanhas, atendendo a um pedido contínuo do movimento social de AIDS e somando-se as ONGs que já pautavam essa questão desde o início da década de 2010.

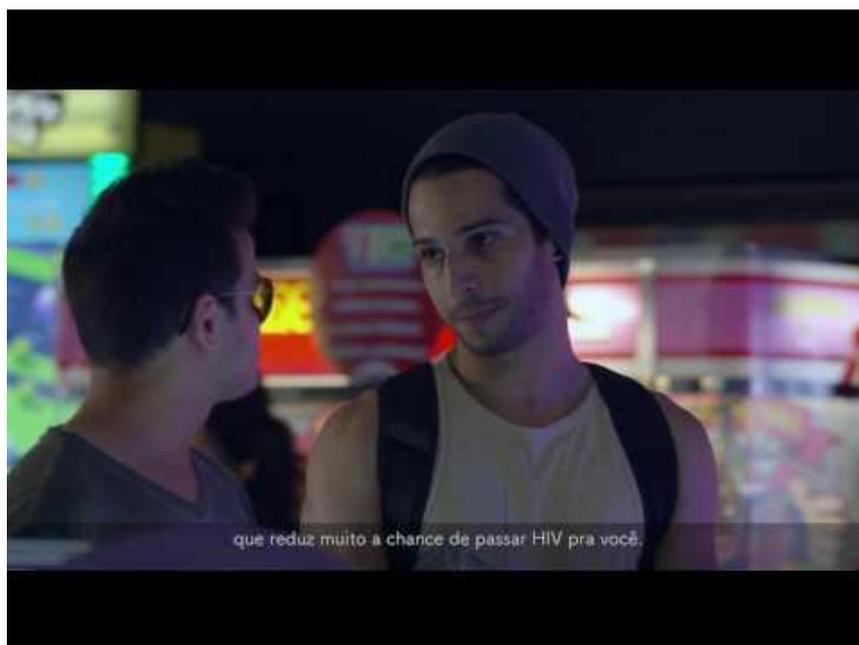


Figura 3. Aids: Escolha sua forma de prevenção

Em 2017, o país implanta a PrEP (profilaxia pré exposição), após muita pressão do movimento social de AIDS. Neste mesmo ano o medicamento dolutegravir é incorporado no esquema inicial. Em 2018, o Ministério da Saúde atualiza a sigla de DST (doença sexualmente transmissível) para IST (infecção sexualmente transmissível) e lança uma campanha de adesão com foco na disseminação da informação I=I (indetectável é igual a intransmissível). Em 2019, nos primeiros dias do governo de Jair Bolsonaro, a diretora do departamento foi exonerada em decorrência e uma cartilha voltada para homens trans. Neste mesmo ano, a pasta lança a Nota Informativa nº5, que informa o

conceito do termo I=I (indetectável=intransmissível) para pessoas vivendo com HIV, em tratamento antirretroviral e com carga viral indetectável há pelo menos 6 meses. Nesse mesmo ano, o governo retira a palavra AIDS do departamento, passando a se chamar Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, fato criticado pelo movimento social de AIDS. Em 2020, o presidente da república em exercício chamou as pessoas vivendo com HIV no Brasil de despesa, gerando a campanha “Eu Não Sou Despesa” do movimento de AIDS. Em 2021, o presidente disse que a vacina contra COVID-19 causava AIDS. Nesse mesmo ano, ONGs, mobilizadas pelo Grupo de Trabalho sobre Propriedade Intelectual (GTPI) lançam a campanha “A Vida Pede Licença”, em defesa da aprovação da licença compulsória de medicamentos e de outros insumos em tempos emergenciais, como a pandemia de COVID-19, resultando na lei 14.200/2021, que dispõe sobre licença compulsória nesses casos. Em 2022, entrou em vigor a lei 14.289/22, que proíbe a divulgações de informações, por agentes públicos ou provados, que quebrem o sigilo da sorologia de pessoas que vivem com HIV. Em 2023 o Ministério da Saúde renomeia a área responsável por implantar a política de HIV, chamando-o de Departamento de HIV/AIDS, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Uma forma artística de contar essa história foi criada pela cantora Maria Sil, em parceria com Gustavo de Albuquerque (no EP Visual Carne, a Língua, O Vírus), que apresentam notícias de jornais de vários períodos históricos. Compartilho o videoclipe:



Figura 4. A carne, a língua, o vírus

1.9 Tempo em linhas di-versos

Fui convidado a pensar em uma linha do tempo acerca de artistas que trabalharam a temática do HIV e da AIDS nesses mais de 40 anos de epidemia de AIDS. Desde que comecei a pensar na tese, a música tem sido um canal pelo qual sinto e fluo com a tese. Mesmo nos momentos em que as palavras não comparecem, ela conduz a reflexão a partir do sentir. Assim, longe de pensar em um mapeamento acerca de artistas que produziram canções sobre a temática, apresento o tempo em linhas/versos diversos.

Para abrir esse sentir, apresento-lhes, em forma de triângulo rosa²⁷, alguns versos apresentados por artistas na primeira década da epidemia de AIDS.



Figura 5. Triângulo Rosa Musical (inspirada na Act Up)

Abaixo, listo alguns versos seguido de links de canções sobre a AIDS e o HIV, que ganharam as rádios de todo país. Muitas outras canções foram escritas

²⁷ O Triângulo Rosa virado para baixo era colocado para identificar homens homossexuais nos campos de concentração nazistas; e na década de 1970 ativistas passaram a usar o símbolo virado para cima como forma de ativismo; nos anos 1980 o símbolo foi revisitado pela ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power) para chamar atenção para as mortes relacionadas a AIDS, sendo considerado um símbolo de resistência e solidariedade. O triângulo era acompanhado pelo slogan Silêncio=Morte. A ACT UP Nova York segue mobilizando pessoas sobre a importância do símbolo: <https://actupny.com/keeping-the-pink-triangle-in-context/> Para conhecer a história da Act Up Paris recomendo o filme *120 batimentos por minuto*.

e publicadas. Abaixo trago alguns artistas que fizeram alusão ao HIV e a AIDS em diversos momentos, tais como Leo Jaime, que em sua canção aborda uma crítica à cultura norte-americana e pronuncia a palavra AIDS com a pronúncia em inglês²⁸. Rita Lee foi uma das pioneiras a trazer a temática do HIV para suas letras inspirando solidariedade e crítica. Caetano Veloso trouxe a temática com discursos políticos e ativistas. Cazuza cantou suas vivências com o vírus e se tornou uma grande referência de artista vivendo com HIV abertamente. Lulu Santos compôs uma de suas mais conhecidas canções (*A Cura*) como resposta ao HIV e à AIDS. Recentemente, durante a pandemia de COVID-19, o cantor regravou a canção com Vitor Kley, em 2021. Cássia Eller também abordou o tema cantando *Rubens*. Lenine, traz a importância de se estar vivo em sua canção, apesar dos estigmas que afetam pessoas com HIV. Por fim, a banda Queen lança em 2022 a canção *Face it Alone*, gravada por Freddie Mercury em 1988. Aqui, a partir dessas canções, homenageio todas as artes sobre a temática produzidas nas últimas décadas da pandemia.

1983 - *Aids, não tente colocar band-Aids*

AIDS - Leo Jaime

Disponível em: <https://youtu.be/Spyioc-CVzw>

1985 - *O vírus do amor dentro da gente;*

beira o caos, 42º de febre e contente

²⁸ Para maior reflexão sobre produção artística no início da pandemia recomendo o podcast *HIV - do caos à cura: a esperança é uma evidência científica / #04 - HIV, Arte, Comunicação e Cultura*. Podcast do Instituto Saudiversidade e Hope. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0KQJLOs3aJMEDpJAffPgVH?si=tdTLHynXR6S-7MIIXDR2Yg>

Vírus do amor - Rita Lee

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5dyul8kqY0c>

1987 - *E a pretexto de Aids, Aids*

Nunca se falou de sexo com tanta franqueza e confiança

Vamo Comer – Caetano

Disponível em: <https://youtu.be/8SMVuRymJww>

1988 - *O meu prazer agora é risco de vida*

Meu sex and drugs

Não tem nenhum rock 'n' roll

Ideologia – Cazuza

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UxAYHFxsQqE>

1988 - *Enquanto isso, não nos custa insistir*

Na questão do desejo, não deixar se extinguir

Desafiando de vez a noção

Na qual se crê que o inferno é aqui

A Cura - Lulu Santos

Disponível em: <https://youtu.be/BXUqiiygC5Y>

1989 - *Se você quer saber como eu me sinto*

Vá a um laboratório ou um labirinto

Seja atropelado por esse trem da morte

Cobaias de Deus - Cazuza

Disponível em: <https://youtu.be/IG1plvg-kP4>

1990 - *E com essa nova doença o mundo todo na crença que tudo isso vai parar. Rubens - Cássia Eller*

Disponível

em: https://www.youtube.com/watch?v=qcEb_0zUb0U&feature=youtu.be

1992 - *Só um genocida em potencial - de batina, de gravata ou de avental*

Pode fingir que não vê que veados - tendo sido grupo-vítima preferencial

Estão na situação para liderar o movimento para deter a disseminação do HIV

Americanos - Caetano Veloso

Disponível em: <https://youtu.be/6lzPLHzjWhQ>

1998 - “Sou o HIV que você não vê.”

O Gosto do Azedo - Rita Lee

Disponível em: <https://youtu.be/bGTfsvTHdAg>

2004 - *E apesar (...) do sangue mal do soropositivo,*

*o vivo afirma afirmativo,
o que mais vale a pena é está vivo.*

É estar vivo, vivo, é estar vivo.

Vivo – Lenine

Disponível em: <https://youtu.be/e3DX7ZKS-Gg>

2022 - *No final, você tem que enfrentar tudo sozinho*

Face It Alone (gravada em 1988) – Queen²⁹

https://youtu.be/ijj_hheGEi0 ou https://youtu.be/_yJBd99tLdU69

²⁹ Canção gravada (vocal) por Freddie Mercury em 1988. Ele foi diagnosticado com HIV em 1987 e somente assumiu publicamente o HIV em 23 de novembro de 1991 através de um comunicado oficial um dia antes de sua morte. A canção foi redescoberta pela banda Queen durante a reedição do álbum “The Miracle Collector’s Edition”, sendo lançada em 13/10/2022 através do canal de Youtube da banda.

2. Parte I: Trânsitos teórico-metodológicos

2.1 Arte e Saúde: quais são os caminhos metodológicos (im)possíveis para uma reflexão acadêmica?

Para iniciar uma breve reflexão sobre arte e saúde, parto de um período marcante de minha vida que data de outubro de 2019, durante o meu primeiro ano de doutorado. Quase que sem perceber adentrava em um desafiador processo de sofrimento mental. Uma energia destrutiva e muito intensa me deixou num estado de ausência em que “eus” disputavam o “quem sou”. Estava no meu primeiro ano de doutorado, e sentia minha alma em pedaços. Reconhecia em mim meus monstros visualizados no diálogo com a loucura. Meu repertório simplesmente não dava conta do “quem eu era”, do que sentia, desestabilizando-me, conectando-me com o “mal-estar”, estava em alarme vital, impulsionando uma reconexão (Rolnik, 2020). Naquele momento escrevi³⁰:

Querido Ego,

Por que escolher a dor como trânsito? É forte demais isso. Dói querer não fluir e parar. Existe vida na arte, no ensinamento do amor, nas folhas, na paz.

Não dá para ser uma energia ruim na Terra. Você já fluiu algumas vezes e sentiu algo muito bom e positivo. Que tal tentar manter-se fluindo amorosamente?

³⁰ Esse texto foi escrito como parte de um processo de uma busca pessoal e espiritual em que recorri a medicina da floresta conhecida como Ayahuasca dentro de trabalhos espirituais responsáveis, regulamentados e legalizados, que se tornaram fontes de autoconhecimento e transformações pessoais profundas.

Não adianta pensar apaticamente, tentando pôr palavras na minha boca ou querer controlar o que não é controlável. Fluir requer a necessidade de se soltar.

Solte-se sendo a si mesmo. Não adianta tentar algo que não seja você; mesmo que faça isso às vezes bem.

Peça desculpas às pessoas que conscientemente você feriu pela incapacidade de controlar. Aliás, essa é uma questão muito forte para você, eu sei. Mas o controle não é nosso. Você se esforça muito para se silenciar e sei que, aos poucos, melhora.

Sei que você estuda para tentar fluir, mas precisa ser um pouco mais solto. Sua essência é vento. Então, não tente jogar fogo pois não combina contigo.

É bom parar de tentar prever o destino pois ele não se manifesta assim no ego, ou dentro do controle.

Outra coisa, é importante tentar parar de projetar enquanto escreve ou enquanto lê. Você não sabe o que é isso, então tente focar em si.

Busque a felicidade!

Nesse momento, vivia uma ruptura biográfica (Bury, 1982), pois estava diante da transformação de uma estrutura e de formas de conhecimento acerca de mim mesmo. Já não sabia mais o que era e menos ainda o que seria a partir dali. O tempo nunca mais foi o mesmo. Estava no meio do meu caos, profundamente doloroso, destruidor e construtor de mim. Era o meu trânsito, meu ego e meu inconsciente, como talvez Freud analisasse. Estava imerso no meu caráter *antropofalologocêntrico* (Rolnik, 2020) oriundo da busca do acúmulo de capital econômico, narcísico (do ego) e do poder, em função do abuso da vida desviada do meu destino ético (Rolnik, 2020). Definitivamente imperava uma reconexão.

Foram poucos meses com uma forte ausência e muitos pensamentos destrutivos, porém eu estava consciente, como se sugestões mentais, com conteúdos sombrios internos, comparecessem indicando novas posturas e novas conexões de vida. Foi a chegada de um novo tempo em mim, no meu corpo que implorava Yoga, uma das vias pela qual acessava algo próximo a alguma presença. A música também reverberava vida.

Meu caso não era muito grave, após poucas semanas de medicamento halopático prescritos pela minha psiquiatra mudamos para o tratamento com medicamentos antroposóficos, abordagem também seguida pela minha médica e criada por Rudolf Steiner e por Ita Wegman, influenciados pelo movimento teosófico de Helena Blavatsky. Ao mesmo tempo, eu também seguia com a psicoterapia e orientação espiritual³¹.

³¹ O processo contínuo de orientação espiritual me estimulou a entrar no yoga, tomar bastante água e melhorar minha alimentação. Agradeço muito a Ana Vitória X por todo apoio nesse momento profundo e transformador em minha vida. Hoje sinto uma nova compreensão e valorização do silêncio.

Por vezes sentia uma apatia que caracterizava a minha maior dor, pois afastava-me da capacidade de sentir. Era uma dor calada – a dor da “não dor”, do choro preso, sem expressão, silenciada em mim e que me torturava pelos caminhos das memórias dolorosas.

Minha mãe e meu pai foram acionados desde outra cidade por uma amiga que, na melhor das intenções, tentou me ajudar. Lembrei-me de meu irmão já falecido que tinha transtornos mentais e de todo histórico da relação de minha mãe com ele, de seu cuidado, suas dores. Foi a memória do afeto e convivência com ele que despertou meu interesse pelo campo da Saúde Mental na faculdade de psicologia e que me inspirou no trabalho do CAPS – Centro de Atenção Psicossocial. De repente percebia-me enlouquecendo, com medo de ser estigmatizado e estava entrando em um novo armário. Quantos armários teremos em vivência de estigmas? A culpa se misturava com a apatia e pouco era possível fazer.

Lembro-me que era um esforço grande seguir a vida em função de muitos desafios de sustentar a escuta presente, pois pensamentos invadiam fortemente minha cabeça, tirando-me parcialmente da realidade. Numa dessas ocasiões encontrei-me com meu orientador. Embora com uma espécie de ausência, havia uma consciência de tudo que estava no entorno, mesmo na transborda, considerando que estava prestes a desaguar com a força de águas de represa para iluminar partes de mim. Aliás, em todo o processo, a consciência não foi perdida em momento algum. Nesse período a arte era vivida como algo pulsante, direcionando um caminho de vida.

A arte surge não apenas como um tema, mas como uma necessidade. Inicialmente era a arte de cuidar da própria vida. Aprendendo com as plantas a

beleza do cuidado, do zelo e do florescer. Quando não cuidava das plantas as inalava com aromaterapia.

Estava sendo invadido pela arte e esse era um caminho sem volta. Os medicamentos antroposóficos eram oriundos de uma época em que a arte, a ciência e a espiritualidade tinham outra relação. Logo ao sair da primeira consulta com a psiquiatra que receitou os medicamentos antroposóficos, entrei no Palácio do Catete no Rio e lá estava uma exposição sobre teosofia, que trazia a história de Helena Blavatsky – seus pensamentos antecederam a emergência da antroposofia. Consegui cuidar de minha saúde através das plantas, da arte, integrada a outros saberes tradicionais da saúde como psiquiatria e psicologia. É como se a arte me preenchesse em música, leveza e paz. Estava anunciada uma nova forma de lidar com o tempo, ou mesmo do tempo lidar comigo.

Essa relação entre arte e saúde mental já é bem conhecida do nosso campo da saúde, e tem seus registros bem definidos no Brasil. Posso citar os trabalhos da psiquiatra Dra. Nise da Silveira, que trabalhou com a arte dentro do manicômio, revelando talentos e artistas internados e subjetividades até então internalizados puderam ser expressadas no contato com a magia artística desse (novo?) cuidado em saúde. A arteterapia hoje é reconhecida área de saúde, e um dos psicólogos que transitam por esse campo e que estudei rapidamente em minha graduação foi o Carl Jung, que discordava da teosofia de Helena Blavatsky, ao mesmo tempo em que apresentava conceitos em que uma conexão com o universo transitava por uma consciência de coletividade sendo reconhecido pela sua psicologia analítica e também entre esotéricos e místicos. Ele atuou com estudos envolvendo trabalhos terapêuticos no campo da arte e psicologia e é uma das referências estudadas nos cursos de arteterapia.

Como sou psicólogo, considero que o trânsito de minha loucura ficava ainda mais delicado. Pois, imaginava saber o que ocorria comigo, puro engano. Estava e estou – como também estamos – em plena transformação (que ousou dizer) artística.

Nesse momento percebi que a arte era também uma resgatadora de sanidade. Se a psicologia, trazia do grego, na compreensão etimológica a proposta de estudar a alma, a minha foi resgatada por um sarau inteiro, pela arte. Essa breve história pessoal visa trazer uma reflexão para além do campo da saúde mental: como nós, da saúde, temos produzido esses encontros da saúde com a arte? Quais são os possíveis caminhos metodológicos a serem percorridos para viabilizar esse trânsito? Para tentar responder essa pergunta, trago a proposta de refletir com alguns autores sobre a relação entre arte e saúde.

2.2 Arte e Saúde: um campo (de)composições

Cada vez que olho para as experiências da arte no campo da saúde faltam-me palavras para entender e descrever. Os sentidos que em mim despertam é como se houvesse uma comunicação que não é dita, pois as linguagens da arte não cabem nas limitadas palavras que temos. Para além da experiência, a arte tem sido citada recorrentemente em diversos textos do campo da saúde e buscarei trazer algumas (im)possíveis reflexões a respeito dela.

Embora as práticas de saúde sejam hegemonicamente orientadas à formulação de respostas imediatas à urgência, ao risco do adoecimento e ao sofrimento (Gomes & Silveira, 2012), o campo da saúde tem se aproximado cada

vez mais do universo das artes (Fancourt & Finn, 2019). Nas últimas décadas essa aproximação já havia sido traçada – como mencionei – no campo da saúde mental. No Brasil, além da revolução do tratamento de pessoas historicamente internadas em hospitais psiquiátricos como os feitos da psiquiatra Nise da Silveira (que se deixou levar pela arte dentro do manicômio), novos sentidos ao cuidar também foram atribuídos à palhaçaria no hospital, com destaque para o trabalho dos “Doutores da alegria” (Oliveira & Oliveira, 2008). Para além do cuidar, a arte também tem inspirado a pesquisa em saúde como um caminho essencial para a saúde e para ciência (Carvalho et al, 2020) conseguirem incluir novos sentidos e expressarem-se para além da objetividade do discurso científico (Czeresnia, 2009).

O relatório intitulado *What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review* da Rede de Evidências em Saúde/Organização Mundial da Saúde mapeou estudos sobre arte e saúde (Fancourt & Finn, 2019). Ele teve como base a literatura acadêmica em inglês e russo de 2000 a 2019 e demonstrou que as artes podem, entre outras conclusões, afetar os determinantes sociais da saúde, promover saúde, prevenir doenças e apoiar cuidados (Fancourt & Finn, 2019). O relatório aponta a arte como resposta a situações de estigmas relacionados à saúde, incluindo HIV.

A definição do termo *arte* não é um consenso entre os pesquisadores do campo da saúde podendo ter muitos sentidos atribuídos. Conceituar o que é arte parece ser uma tarefa desafiadora para nós. A medicina era considerada arte, mas aos poucos foi se identificando com a crença em uma onipotente técnica baseada na ciência (Czeresnia, 2009). A expressão *arte de curar* é retomada em artigo sobre o cuidado em HIV e a relação médico-paciente (Guzman & Iriart,

2009). Essa expressão é utilizada na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (Brasil, 2006) que foi um marco na incorporação no SUS – Sistema Único de Saúde – práticas centenárias da arte do cuidado, que recentemente foram ampliadas (14 novas práticas em 2017 e 10 novas práticas em 2018). No meio acadêmico também é comum a expressão “estado da arte” para referir-se ao levantamento de pesquisas sobre determinado tema e, nesse contexto, a própria produção acadêmica é considerada arte; o que pode explicar encontrarmos como resultado uma pesquisa sobre transferência de método de amostragem (Barbosa Junior et al, 2011) que apenas traz referência a palavra *arte* ao se referir ao *estado da arte*.

Alguns trabalhos artísticos podem produzir movimentos de estranhamentos que captam e descrevem a sociedade de maneira mais rica e reveladora do que trabalho mais orientado dentro dos padrões científicos (Velho, 1978).

2.3 Reflexões socioantropológicas

Para entender um pouco essa potência da arte que reverbera em nós, e na tentativa de traçar um trânsito entre arte e saúde, buscarei beber na fonte dos estudos socioantropológicos, na esperança de que eles tragam alguns caminhos possíveis. Para tal, preciso retornar às palavras sobre a minha relação com a arte. Mas antes preciso trazer uma primeira confissão: você está diante do erro, sim sou errante. Esse sentir a busca será por um método que integra o erro, considerando que metodologia tradicionalmente como uma especialidade proselitizante que tenta direcionar as pesquisas para que estudem dentro do que se enquadra inserida nos métodos existentes (Becker, 1997). Tenta “*converter*

os outros a estilos de trabalho apropriado, por causa de sua relativa intolerância com o 'erro' (p. 18, Becker, 1997). Ao evocar a arte, não há mais certo ou errado, tudo é processo e está em transformação.

Preciso reconhecer meu envolvimento com a arte desde minha infância quando entrei pela primeira vez em um teatro no centro da minha cidade. Ali, tive a consciência de um deslocamento forte ao mesmo tempo em que a fome como tema social relevante foi despertada em minha consciência pela atuação de meu primo Ângelo Mayerhofer. Anos depois estava fazendo teatro, vivência que tive durante ensino médio, chegando a fazer uma única apresentação. Mais recentemente fiz um potente trabalho de voz, para comunicar-me melhor com a fonoaudióloga Patrícia Cárceres e também para aprender a cantar e sinto que consigo fluir melhor oralmente, embora ainda precise de mais dedicação para aprender a cantar. Não posso deixar de relatar que frequento um espaço xamânico em que a arte é senhora da vida e onde o tempo é arte.

Feito esses apontamentos sobre minha relação com a arte, posso dizer que tenho alguma familiaridade com o tema. É preciso reconhecer que, mesmo ao descrever essa minha relação com a arte e meu suposto interesse em demonstrar que a arte tem muito mais a ver com a saúde do que parece (CARVALHO et al, 2020), estou imerso nos lugares sociais que ocupo (ativista, psicólogo e sanitarista), ações que me envolvo (participação no Grupo de Estudos HIV/Arte, lives sobre o tema das artes, livros e espetáculo teatral), crença espiritual (que vê a arte em nós como caminho de transformação). Inspiro-me na objetividade feminista crítica para a produção de saberes localizados como propõe Haraway (1995), para quem a ciência tem olhares

ativos, para além a ciência proposta pelo sistema opressor. Pelo contrário, inspiro-me em buscar novos poderes sensoriais para fazer ciência (Haraway, 1995). É preciso recordar que certas peculiaridades sutis deixam de ser notadas quando se tornam familiares (Malinowsky, 1990), e nesse sentido possa ser que a magia e o encantamento do tema me deixem passar por algo sem perceber.

É preciso reconhecer que a interpretação antropológica passa pela subjetividade e os mecanismos classificatórios estão sempre operando; nesse sentido a realidade é sempre filtrada por um determinado ponto de vista do observador (Velho, 1978). É importante lembrar que *a ciência sempre trabalha com uma realidade construída*. (p.24, Victora et al, 2000). Reconheço-me como defensor da arte na saúde, circunscrevendo-me nesse lugar para a partir daqui olhar para o que proponho.

Assim como Velho (1978) descreve em sua investigação em seu próprio condomínio, tenho o desejo de tomar consciência de meus julgamentos apressados e preconceituosos ao falar sobre a Arte e Saúde. Não sei mais o quão familiar sou desses temas, mas sinto que me constituem. Quando as certezas sobre esses saberes acontecem, o pesquisador some e sinto uma paralisia tão grande que só em pensar em escrever já canso. Retomo suavemente as leituras e as conexões que, como mágica, evidenciam-se. Vivencio na prática e, não sem dor, o confronto intelectual e emocional como caminho para o estranhamento do que é familiar (Velho, 1978), mas ao mesmo tempo estranho, inédito e transformador.

Escrever é um ato muito solitário e quando não há diálogo vira um monólogo muito chato. Quando os autores não me leem, ou melhor, quando não

reverbera, fica mecânico. Como um gelo frio, sou silenciado pelas palavras de repetição, tentando ao menos ser honesto. Acredito que num futuro bem próximo, textos assim, como alguns que também já escrevi, serão facilmente substituídos pela tecnologia de cruzamento de dados de textos escritos anteriormente³².

No entanto, preciso reconhecer a preciosidade da repetição honesta, como retrata Diniz (2013), ao falar da leitora criativa e sobre a importância de reconhecer seu texto nas vozes de outras autoras. Quando não estou no meu texto, ele não faz sentido de existência, é preciso leitura e revisá-lo até que ele ganhe vida própria. Estou aprendendo a não ter medo de meus silêncios. Não se deve ter medo do silêncio. Talvez assim como ocorrem nas entrevistas, os vazios devem existir sem preenchimento, sustentá-lo talvez seja o encontro com o indescritível. Nas entrevistas os vazios só devem ser preenchidos quando se tornam mal estar (Kauffman, 2015). No processo de escrita talvez não seja muito diferente.

O processo de produção acadêmica envolve muito mais atores, pessoas e pensamentos do que as referências de uma tese, pois são compostos, por exemplo, pelas conversas de corredores, almoços, eventos e encontros (Cardoso de Oliveira, 2016). É necessariamente um processo de produção de encontros.

Ou seja, há implicitamente muitas vozes que não são nem mesmo citadas no trabalho, mas que inevitavelmente o constituem. Estaríamos diante de uma coletividade e um processo interativo de produção de encontros invisíveis que implicaria uma revisão ética acerca dos trabalhos de um curso de (pós)

³² Um recurso chamado Chat GTP tem sido utilizado para escrita de textos diversos.

graduação? Em que medida a arte poderia colaborar para a compreensão ou vivência dos sentidos de uma nova ética, mais ampla e integrativa? No campo do movimento social os encontros e formação de coletivos crescem e somam-se às vozes das ONGs.

No campo da descoberta da vacina do novo coronavírus, o mundo inteiro compartilhava a produção de conhecimento em tempo real. Emerge uma ciência mais coletiva? A arte é constituída de encontros na medida que movimenta e reverbera coletivamente sentimentos, emoções, afetos e pensamentos – aspectos nem sempre integrados nas pesquisas acadêmicas em saúde que seguem um rigor científico biomédico com pressuposto de neutralidade. “Livros, telas, músicas, filmes, peças de teatro que invadem, desestabilizam e completam pessoas” (Castello, 2007, p.15). A arte, na pesquisa em saúde coletiva, transita em uma coletividade implícita, para além das colaborações globais que vivemos?

Enquanto escrevo, uma série de pensamentos me circulam na tentativa de determinar minhas palavras, impedindo os encontros meus com os autores. Nesse aspecto, é como se um pequeno juiz operasse tentando julgar o encaixe das palavras pressupondo o que o outro precisa ouvir, e meu esforço vai no sentido contrário: permitir-me escutar o que os textos estão dizendo para, junto com ele, fazer meu trânsito expresso em palavras.

Acho que estou aos poucos aprendendo, agora no doutorado, a ler e escrever. Antes eu subscrevia, ou pela via da ação de repetir palavras de autores que me inspiram - com as devidas citações, ou mesmo na reatividade não espontânea e não pacífica diante do que lia – talvez fruto do meu ativismo mais impulsivo. Muitas das vezes quando subscrevia, não estava em meus textos pois

não conseguia acessar o tempo interno para escutá-lo e me encontrar nele. Talvez esse seja o mais delicado dos trânsitos da escrita: o auto encontro.

Sobre os encontros de alma, daqueles que transformam via arte, Castello refere-se ao encontro de Hélène Cixou e Clarice Lispector, embora nunca tenham se visto fisicamente – a transformou em bruxa (Castello, 2007). O encontro ao qual o autor se refere diz respeito aos *livros que devoram pessoas* (p.13) na medida em que pessoas encontram partes preciosas de si em livros. Para que ele alcançasse essa percepção teve que exercitar o caminho do silêncio. O que viabiliza o encontro é a arte e ela nos aproxima do real (Castello, 2007).

O trânsito pela via das artes implica o encontro com o não saber. Os caminhos metodológicos apresentados expressam formas de acessar o não saber diante de tantas regras e formatos prontos do suposto saber previsível. Ir aonde ainda não fui pode ser um dos mais desafiadores passos para esse (auto) encontro, porém evoca uma transformação uma vez que iniciei esse texto a partir de meu trânsito pessoal pelas minhas próprias sombras. Seria a arte um farol para guiar esse inesperado encontro?

Esse trabalho tem o objetivo de compreender os trânsitos entre arte, ativismo e HIV no processo artístico de artistas vivendo com HIV no Brasil. Para isso busco: a) analisar as concepções sobre arte e ativismo no percurso de cada ativista; b) analisar como o diagnóstico de HIV contribuiu para o processo artístico e político para cada um/a; c) entender os trânsitos entre as fronteiras indivíduo/coletivo na produção artística de artistas vivendo com HIV.

2.4 Conceito-Ando

Alguns conceitos podem ajudar a olhar para os projetos de vida de artistas vivendo com HIV e permitem analisar a relação com os armários em suas metamorfoses. A seguir discorreremos sobre alguns conceitos que lançaremos mão na construção da análise a ser elaborada na pesquisa.

2.4.1 Projetos, Metamorfose (ambulante), Campos de Possibilidade: um novo mergulho Velho

Raul Seixas talvez tenha sido um dos cantores mais ouvidos nas ações de saúde mental ao lado do Ney Matogrosso: tanto Maluco Beleza quanto a Balada do Louco são grandes hinos da Luta Antimanicomial. Não consigo abandonar as referências de saúde mental nem o quanto elas me constroem. Talvez por ser exatamente neste encontro que vejo a arte ebulindo, em nascentes de loucura, um velho novo, de novo. Os conceitos de velho e novo são lineares e estão inscritos em um suposto tempo linear. Mas como já cantava o Raul, “Eu sou o início, o fim e o meio”, um tempo não linear, o tempo da arte, que tudo trans, que tudo forma.

As contribuições do Raul Seixas parecem ecoar com a proposta de Velho (1994) que recorre à ideia de metamorfose para olhar para as permanências e mudanças. Essa metamorfose consiste em constantemente fazer e refazer mapas cognitivos, trajetos e percursos. A metamorfose também opera num nível

coletivo (especialmente ao falarmos de artistas/ativistas. A vivência do HIV é necessariamente uma construção coletiva e inscrita em constelações culturais singulares, a partir de projetos.

Os projetos constituem-se como condutas organizadas para alcançar um objetivo e mudam ao longo do tempo e em cada contexto (Velho, 1994) e, acrescento entre tempos (no caso da arte). Para Velho (1994) o projeto diz respeito a um instrumento básico para negociação da realidade com indivíduos e coletivos. O meu processo de vivenciar o HIV passou por essa organização na escrita do blog, recorrência das postagens, seleção das músicas, criação de playlist, publicação de um livro e composição de um espetáculo teatral.

(...) as noções de “projeto” e “campo de possibilidades” podem ajudar a análise e trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (Velho, 1994, p.29)

O campo de possibilidades de existência (e resistência) diz respeito às diversas formas de inter(agir) com os processos de descontinuidades e fragmentação da sociedade moderna. Velho (1994) destaca a importância da memória neste processo, especialmente a que evoca uma unidade, transcendendo a noção moderna de biografia. Assim a memória e o projeto ocupam o lugar de ordenadores e atribuem significados nas trajetórias.

2.4.2 Armário

O lugar do armário também transcende biografias num sentido de individualidades e remete a um lugar social. Em a “Epistemologia do Armário”, Sedgwick (2007) traz a percepção do armário como dispositivo regulador da vida

de gays e lésbicas que consente às pessoas heterossexuais privilégios de visibilidade e de valores hegemônicos. Cecílio (2020) lembra que no armário a observação é contínua: *O armário não tem materialidade. Ele é um diagrama de controle, como o radar da estrada que nos faz pisar no freio do carro mesmo quando ele está desligado* (p. 72, Cecílio, 2020).

Com a evocação da figura do armário preocupo-me em não aprisionar vivências que são reguladas por essa simbologia, mas ao contrário, desejo olhar esse espaço – reconhecendo sua composição heterossexista, opressora e preenchida por estigmas – como lugar de trânsitos de afetos que viabilizam fluxos criativos, ou quem sabe, curativos – não como usualmente entendemos essa expressão oriunda de modelo curativista e sanitário – mas no sentido de viabilizar fluxos sociais e individuais que a arte alcança, operando-se e circunscrevendo-nos em um outro nível de tempo, o tempo dos afetos, o tempo da arte.

Quando trago a representação do armário para o título deste projeto, evoco também minha memória e experiência das frestas que permitem a entrada de luz no armário, que invoca em alguns casos muita vida em movimentos, fluxos vitais em cenários em que a morte tem sido circunscrita (através da aidsfobia, homofobia, sorofobia e outras formas de morte social). As frestas do armário permitem, para algumas pessoas, o acesso a um fluxo de expressões artísticas que me interessam neste projeto. Em algum aspecto, o buraco que ilumina o armário é interno e transcende as experiências individuais, impulsionando encontros coletivos mesmo mantendo as individualidades e singularidades. Na arte, toda experiência é social e coletiva.

O medo também é uma emoção condutora e construtora do armário. Essa temática é abordada por Zeca Baleiro (2014) em sua canção Armário, que retrata um diálogo sobre o entrar e sair do armário, mostrando o papel da família e comunidade nessa construção. Na canção a figura do armário traz uma dualidade: um lugar de *bolor e naftalina*, mas também de *amor e adrenalina*. Já a cantora Arícia Mess (2014) em sua canção que também se chama *Armário* invoca-o como um espaço de amor escondido cheirando a naftalina.

O armário, como os apresenta Sedgwick (2007), consiste também em uma estrutura definidora da opressão LGBTQIAP+ do século XX. Seguramente em sua composição é possível encontrar a herança de criminalização e patologização (Fry & Macrae, 1983; Mott, 1986; Figari, 2007; Nunan, 2003; Green, 2000); estas preenchem, pelo menos, alguns cabides deste armário.

Olhar para o armário como um lugar de trânsito pode ser uma forma de entender os conteúdos que o preenchem como elementos a serem transmutados em um processo de fluxo artístico. Trata, portanto, de integrá-los na vivência artística dos processos opressores que o constituem.

Partindo de uma análise anti-homofóbica como sugere Sedgwick (2007) sobre o uso da expressão armário, expando a compreensão de sua simbologia para além das questões da sexualidade. Para isso, recorro da compreensão do meu antigo armário da homossexualidade, para entender outros campos da vida em que as noções sugeridas pela autora de segredo/revelação e público/privado estão fortemente presentes, como a vivência do HIV e da minha ancestralidade indígena. O meu ativismo nasce dentro de meus armários.

2.4.3 Ativismo

O ativismo social em resposta ao HIV e à AIDS foi fundamental para o Brasil ter alcançado êxito na resposta da epidemia, conseguindo – inclusive, permitir a incorporação da Terapia Antirretroviral (TARV) de forma gratuita e universal no Sistema Único de Saúde (SUS) através da lei 9.313 de 1996, conquista da participação social. No decorrer das décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010, houve grandes mobilizações sociais, organizadas em ONGs, redes, articulações e coletivos, participando da construção de políticas públicas em resposta à AIDS no SUS. Esse processo permitiu com que o Brasil tivesse uma resposta ao HIV com muita mobilização comunitária, transformação social e *empowerment* (PARKER, 2000). Parte desse ativismo organizado ocorre também através do ativismo ou a arte ativista de pessoas vivendo com HIV.

Como nos lembra Baldissera (2019), a arte não acontece no vácuo e sim ocupa o lugar de pertença e resistência política, que ocorre no fluxo das relações sociais. Neste sentido o artista ativista situa-se no interior de uma relação social, com desejo de luta e reconhece a existência de conflitos a serem lidados com atividades políticas e práticas estéticas, como uma anti-arte - que atribui um novo significado da arte na sociedade capitalista capaz de permitir ampliação da vida (Chaia, 2007). O ativismo tem sido ampliado nos últimos anos com o surgimento de coletivos em resposta ao HIV.

Dois momentos são considerados importante na visibilidade dessa forma estética e artística de ativismo: o final dos anos de 1960 e os anos de 1990. Nos anos de 1960 o ativismo é visível nas manifestações estudantis, luta pelos

direitos civis, e guerra do Vietnam e nos anos 1990, ganhando força e expansão com a internet (Chaia, 2007).

Para que ocorra o ativismo há uma necessidade de um espaço estético e criativo (Machado, 2019), com intervenção no microcosmo ou macrocosmo (Chaia, 2007) e visivelmente a rua tem sido um importante cenário para intervenções com essa característica, assim como a internet.

Quando saio para fotografar, sinto como se estivesse atrás das pistas deixadas pelas caminhantes que passaram antes de mim e, assim, me aproximo delas, eu também uma mulher caminhando pela cidade, “praticando esse espaço” (Baldissera, 2019, p.197)

O ativismo também traduz uma conexão ampliada com a sociedade que pode partir de experiências individuais (muito comum nos casos de artistas vivendo com HIV) que são intrinsecamente sociais. Assim o ativismo envolve a luta por causas próprias que não são individuais, mas sim coletivas (Baldissera, 2019). *O ativismo delimita o âmbito de ação que parte do individual, passa pelo coletivo e alcança insuspeitados espaços no qual se localiza o outro* (Chaia, 2007, p.11).

Com isso, vemos florescer uma gama de intervenções políticas, que fazem das formas estéticas o meio de expressão no espaço público com um caráter subjetivo e atemporal (Machado, 2019). Essa estética artista no espaço público bebe e conecta com diversas formas de expressões artísticas como performances, músicas, teatro, pinturas, fotografia e muitas outras.

No contato com o campo foi evidente uma recusa da maior parte de artistas-autores participantes da pesquisa reconhecerem-se como ativistas, embora todos sejam unânimes ao afirmarem que fazer arte é fazer política.

Embora o conceito tenha participado na constituição de meus olhares para essa pesquisa.

A seguir apresentarei outros dois conceitos que fizeram parte da construção desse olhar, embora igualmente não sejam diretamente aplicáveis nessa pesquisa.

2.4.4 Escrevivência

Não podemos apropriar do conceito de escrevivência para não distorcer seu papel de retratar a grave questão de histórica opressão da população negra, mas é possível deixar-me inspirar por ele para entender a importância social das vivências individuais inseridas no espaço coletivo. Para Evaristo, escrevivência é escrever vendo-se, escrever vivendo-se (EVARISTO, 2021).

O sentido da palavra Escrevivência tem como ponto nuclear a imagem de mulheres negras africanas e suas descendentes, escravizadas dentro da casa grande, e não deve ser retirada desse contexto. Por esse motivo explicitado pela autora no decorrer do curso Escrevivência e Educação Literária que fiz em 2022, decidi que não deveria recorrer a esse conceito com o risco de distorcê-lo em sua aplicação. Assim, trago um olhar para esse conceito, observando a sua essência ancestral, de forma a buscar inspirações para compreensão do processo artístico e sua relação com ancestralidades, como trazem as entrevistas desta tese.

Ao lembrar das mulheres escravizadas que originam o conceito de escrevivência, Evaristo (2022) diz que, na casa grande, as mulheres da imagem que envolve o conceito tinham o contar história também como um processo de

uma escravização de sua voz, que contavam histórias para adormecer os filhos da casa grande.

A escrevivência proposta por Evaristo (2020) não se resume a escrita de si e não se resume a uma história do ego, ou ficção de si. Segundo ela a escrita narcísica do mito de Narciso traz um espelho que não cabe no rosto da mulher negra;

não vamos encontrar nosso rosto no espelho de Narciso; perdido na sua própria imagem; outros espelhos possíveis: o espelho de Oxum; O espelho de Oxum é arma de guerra. Através do espelho ela vê o inimigo; ela sabe quem está por trás dela; o outro espelho é o espelho de Yemanjá; que é o espelho da mãe (que nos coloca no coletivo). É importante buscar nossas narrativas míticas. Um dos primeiros embates no domínio de um povo é a imposição da língua. Escrevivência é uma escrita que nasce do compromisso com a vida. Desejo de captar a dinâmica da vida. Esse fluir que está o tempo todo. Perseguição da vida para transformá-la em escrita. (Informação verbal³³)

2.5 Produzindo os dados por meio de conversas-narrativas

Para realizar esse caminho de pesquisa, me apoiei no referencial de pesquisa qualitativa desenvolvido pelo sociólogo francês Daniel Bertaux (2010), por meio de seu método de narrativa de vida.

A narrativa de vida, como propõe Bertaux (2010), consiste em uma forma peculiar de entrevista que objetiva estudar um fragmento particular da realidade social-histórica. Busca compreender as transformações das relações sociais, seus mecanismos, seus processos e suas lógicas de ação. Quando concentramos a atenção nas práticas recorrentes, no caso, às artísticas sobre

³³ Informação verbal realizada durante as aulas do curso Escrevivência e Educação Literária do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP) no segundo semestre de 2022.

HIV, é possível olhar para as relações sociais que estruturam essas práticas e fornecem pistas que permitem um espaço de generalização.

A narrativa de vida circunscreve-se dentro da perspectiva etnossociológica que diz respeito a inspiração etnográfica da observação do campo com objetos construídos com referência sociológica. Assim é necessário tentar passar do particular para o geral, num exercício desse trânsito, como o próprio termo provoca: etnossociologia (Bertaux, 2010). A perspectiva etnossociológica propõe a identificação das lógicas próprias de cada mundo social ou cada situação.

A análise de uma narrativa de vida encontra um cenário com muitos elementos sobre as relações e processos sociais e pode trazer resultados objetivos. O mundo da arte – como propõe-se nesta tese - constitui um dos exemplos de mundo social, que para o autor, ocorre em torno de uma atividade específica, por vezes centrados em atividades profissionais – no caso, a arte. Bertaux (2010) evoca a noção de microcosmo e mesocosmo para trabalhar a ideia de mundo social, explicando lógicas sociais estruturantes e semelhantes operam em ambos. Para identificá-las é preciso encontrar as lógicas de ação, mecanismos sociais e seus processos de reprodução e transformação. Essa é a hipótese da etnossociologia para ele: As lógicas que regem o conjunto de um mundo social ou mesocosmo operam igualmente em cada um dos microcosmos que o compõem (Bertaux, 2010, p.26).

Para chegarmos nesse ponto de compreensão de generalização, é preciso entender a narrativa de vida também como uma forma de coleta de dados empíricos que se ajusta à formação das trajetórias. Permite entender por meio de que mecanismos e processos os participantes chegaram a uma dada

situação, como administram e como superam. Assim, para que seja viável uma análise nestes termos, faz-se necessário definir uma categoria de situação (Bertaux, 2010), que diz respeito à situação social que gera obrigações e lógicas de ação que apresentam vários pontos comuns, esquemas coletivos, como proponho na tese: artistas vivendo com HIV.

Pretendeu-se na abordagem etnossociológica investigar parte da realidade sócio-histórica que não se tem muito conhecimento ou hipóteses. O pesquisador avança na sua ignorância, por vezes, numa questão não formulada ou as vezes explicitada de maneira um pouco artificial que sua pesquisa pretende responder. Busca conhecimentos práticos, ou narrativas práticas. Propõe-se, para isso, a articulação da narrativa de vida com outras formas de observação e outras fontes documentais. Os dados permitem ver como funciona um mundo social ou uma situação social. Consiste, portanto, em descobrir o geral no interior das formas particulares.

A construção do universo de pesquisa se dá na busca de casos que permitem uma comparação – que compreende semelhanças e diferenças, não fazendo sentido uma amostra estatisticamente representativa. Pode haver uma variedade de posições acerca das narrativas dos participantes e, para uma boa compreensão dessas diferenças, faz-se necessário levar em conta as relações de poder. A diferencialidade também diz respeito ao percurso de vida de cada participante e essa variedade de testemunhos deixa a amostra ainda mais rica.

Para a análise, nos debruçamos sobre o material produzido a partir do encontro-conversa com a literatura acadêmica e com as temáticas que os meus interlocutores compartilharam.

2.6 Aspectos Éticos

Os participantes da pesquisa foram acionados através de minha rede de contatos pessoais que tenho adquirido nos últimos anos de ativismo em resposta ao HIV. Apresentei aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preservando o direito à informação e à autonomia do participante, conforme resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Informei sobre os benefícios sociais da pesquisa que se soma às investigações acerca da arte no campo da saúde. Os riscos da pesquisa são imensuráveis por serem mínimos. Foram selecionados participantes que já vivem abertamente com HIV, ou seja, possuem o diagnóstico de HIV publicizado, o que reduz constrangimentos ligados ao manuseio ético do sigilo da sorologia. Ainda assim, tomei todo o cuidado para oferecer a garantia do anonimato e a não identificação dos participantes que assim desejaram, assim como busquei garantir a identificação de ativistas que desejaram ter sua identidade revelada (esta última foi a escolha de todas/os artistas participantes). Seguirei prestando assistência para as/os artistas participantes sempre que solicitado. Informei sobre os benefícios, confidencialidade, riscos de forma alinhada à resolução 510/2016.

O TCLE foi compartilhado com a/o artista participante previamente para que tivessem tempo hábil para entender e esclarecer as dúvidas. No dia da entrevista, antes de ser iniciada, o Termo foi explicado em cada uma de suas partes e ao sanar das dúvidas e na concordância dos participantes, seguimos para o encontro que ocorreu por videoconferência.

Para fins dessa pesquisa foram selecionados como participantes artistas autodeclarados, vivendo abertamente com HIV, que produzem alguma

manifestação/produção artística sobre a temática. Para critérios de seleção, busquei pessoas que tenham compartilhado suas obras em eventos, livros, exposições e/ou plataformas digitais.

2.7. Os encontros com artistas participantes

As entrevistas ocorreram de forma online entre os dias 24/11/2021 a 03/02/2022. Durante esse período eu estava morando na roça, em Valão Seco. Lembro-me de preparar o espaço para as entrevistas online com uma garrafa d'água, teste de internet e sons de pássaros e galinhas ao fundo. O contato prévio foi realizado pelo WhatsApp e acordamos as datas e horários para as entrevistas. Em decorrência da dificuldade de agenda, uma das convidadas precisou sair da pesquisa.

Nesses encontros estava revendo pessoas queridas que eu já acompanhava e conhecia há algum tempo. Todas as pessoas entrevistadas eu já havia tido algum contato anterior e com grande admiração. A arte dessas pessoas me toca muito profundamente e me desloca internamente. Senti uma admiração recíproca e um respeito muito grande de todas as partes.

As perguntas conduziam o encontro e o conteúdo produzido trouxe uma riqueza tão grande que cheguei a ficar paralisado com tamanha informação. Não sabia exatamente o que selecionar diante do encantamento produzido pelos encontros e pelas informações compartilhadas. Ainda hoje, ao retornar às entrevistas, há um certo pesar por não conseguir incorporar a imensidão valorosa de seu conteúdo.

Em certa medida posso dizer que as entrevistas também me levaram a auto encontros. Isso não ocorria apenas pelas experiências de estigmas que vivemos por ter HIV, mas também em decorrência de uma presença de reflexão artística que me deslocava como se os próprios artistas carregassem consigo a força reflexiva de uma obra de arte; uma força transformadora em gotas de conexões imensas.

3. Parte II - Arte: um antirretroviral social

A arte é um antirretroviral social para lidar com os estigmas que afetam pessoas com HIV. Como vimos na parte anterior, a arte tem sido um caminho para muitos artistas que vivem com HIV desde o início da pandemia. Cantar, atuar, pintar, poetizar, escrever, dançar, costurar e todas as expressivas formas de encontros subjetivos que produzem artes, no campo do HIV tem percorrido, não apenas, por um caminho de denúncia como também uma própria transformação dos olhares sobre HIV e AIDS.

Tenho afirmado, somando-me a outros ativistas, em muitos encontros que a arte é um antirretroviral social e as obras de muitos artistas apontam para um caminho de produção de vida neste cenário. No meu diário "O Segundo Armário", vivenciei a escrita como um espaço de uma intensa transformação de construções sociais fortemente associadas a AIDS como doença de homossexuais, associada a pessoas com múltiplas parcerias, trabalhadoras sexuais, usuários de drogas. Por vezes me considerava como o próprio vírus, algo que já ouvi muitas pessoas sentirem e, com ativistas que vieram antes, aprendi a perceber que se considerar o próprio vírus era a ideia da morte, e a *ideia da morte é a própria morte instalada* (SOUZA, p.22, 1994). Olhar para

essas emoções através de um diário com mergulho nos sentimentos mais vivos fazia-me refletir e transformar-me.

Durante o levantamento da produção sobre HIV, arte e ativismo o termo ART foi encontrado, traduzido do inglês, como terapia antirretroviral (anthiretroviral therapy = art). Isso poderia ser uma mera coincidência se não um claro sinal de que ao olhar para HIV a arte se apresenta como um caminho possível de cura de aspectos dolorosos associados ao estigma.

Ao apresentar a arte como um antirretroviral social, assim como os medicamentos, não deve ser administrada sozinha. O sucesso brasileiro na resposta à AIDS se deu em função da valorização das ações da sociedade civil, englobando a resposta social (Parker, 2015), cultural, integrando aspectos estruturais e deixando emergir os saberes sociais através de projetos inovadores e expansores das possibilidades de compreensão da AIDS como uma questão que vai muito além da saúde. A história da resposta à epidemia de AIDS mostra como a resposta social pode fazer emergir diversos aspectos que contemplam as relações entre saberes dito como oficiais e saberes comunitários. A AIDS retira da retórica a importância da valorização dos saberes sociais diversos para a resposta plural à epidemia de HIV e AIDS, e reinsere na prática, como possibilidade tangível, fazendo do Brasil um exemplo na resposta ao HIV.

Quando entendo a arte como um antirretroviral social, não pretendo reduzi-la a um modelo quase mágico (Biehl, 2011) como um comprimido³⁴ que se propõe resolver um complexo problema social. Essas respostas mágicas para

³⁴ As pesquisas biomédicas avançaram no tratamento eficaz do HIV com o medicamento antirretroviral, viabilizando a ampliação da qualidade de vida das pessoas com HIV. No entanto, ainda hoje, o acesso aos medicamentos antirretrovirais ainda é precário em algumas regiões do mundo, mostrando a necessidade da busca por uma equidade social enfrentando as desigualdades e alcançando os grupos vulnerabilizados (UNAIDS, 2022).

desafios contemporâneos complexos no campo da AIDS são limitadas para responder os problemas de saúde global (Biehl, 2011) que demanda grande transformação para reinserir a solidariedade política. Se por um lado é fato que existem avanços significativos no campo biomédico, por outro lado a realidade das populações que lidam diretamente com a epidemia parece não ter o fim da AIDS como uma perspectiva tão mágica e palpável como dizem.

Entender que a imagem que a sociedade tem da epidemia é construída através dos discursos e das metáforas³⁵ (Sontag, 2007) é um necessário ponto de partida para a concepção da arte como antirretroviral social.

(...) a imagem que temos sobre a epidemia é necessariamente uma visão ideológica – uma visão feita dos diversos discursos que possuímos, e é dentro desses discursos que a realidade da epidemia também é construída (Parker, 2015, p. 03)

As pessoas entrevistadas nessa pesquisa são transformadoras de discursos acerca do HIV e da AIDS a partir de suas próprias vivências. A seguir vamos apresentá-las e iniciar um diálogo sobre HIV, Arte e Ativismo.

Ao trazer a arte como um antirretroviral social exponho-me a um grande risco que trazem as metáforas (Sontag, 2007) biomédicas. Sontag (2007) nos mostra quando traz a história da tuberculose que metáforas associadas ao artístico e belo como algo devastador e que não se deve pronunciar contribuem para a descaracterização da doença e dificulta o acesso ao que ela é, produzindo discursos que afastam a pessoa da informação acerca da doença e do autocuidado. A arte transforma as metáforas e devolve o viver com uma doença, para além das expectativas limitadas das metáforas. Assim, mesmo recorrendo

³⁵ Sontag (2007) evoca a expressão morte social para falar da aids, reforçando que essa precede a morte física.

a uma metáfora (antirretroviral social) e colocando a arte como um caminho, busco aqui, dialogar com Herbert Daniel (2018) que traz a ideia de vírus ideológicos, para se referir a um conjunto de *virulências* que marcou a construção social da AIDS. Contra essas virulências, proponho que a arte possa ser um antirretroviral social.

3.1 Entre participantes, informantes e sujeitos: os encontros criativos com artistas

As entrevistas realizadas produziram muitos conhecimentos e informações e este fato me deixou com um grande desafio de fazer recortes de aspectos que deveriam estar presentes na tese. Além desse recorte necessário, também me questioneei muito sobre como deveria referir-me à participação das pessoas na pesquisa. Pensar na ideia de sujeitos já não fazia muito sentido para o viés qualitativo que tenho como proposta. Artista-autor participante é uma forma interessante de pensar sobre as pessoas entrevistadas, e que de fato, foram até mais do que participantes, mais do que informantes, nossos encontros foram criativos de reflexões profundas sobre o tema do HIV e Arte. Precisamos considerar que estamos localizados em corpos, e com os limites de uma perspectiva parcial, e nos inspiramos na construção de uma *pesquisa situada* (Haraway, 1995) para uma conversa narrativa de vida (Bertaux, 2010) que viabilize a produção de encontros de ideias, sentimentos, afetos, deslocamentos para compreendermos os trânsitos entre arte, ativismo e HIV. Talvez uma investigação com perspectiva artística incorpore a possibilidade de ir além dos

poderes sensoriais, e neste sentido ir além do que se vê, no caminho de produção.

Refletir sobre como tratar a pessoa entrevistada nesta tese também evoca uma grande responsabilidade, considerando que encontros com artistas também podem produzir encontros artísticos, não apenas reflexões acadêmicas como produção, mas também um olhar artístico para a temática, que carrega uma expressão transformadora da existência.

Assim, chamarei participantes da pesquisa de artistas-autores participantes. Ao evocar a arte como profissão para referi-las reconheço nelas e neles a própria arte, no sentido de carregarem um olhar artístico capaz de ser o arco-íris no seu dia e o brilho da lua em sua noite. Ao chamá-los de artistas-autores busco uma equidade de tratamento, respeitando a autoria de suas entrevistas que trouxeram para esse trabalho valiosas reflexões sobre o tema.

Nesta pesquisa, parte dos artistas-autores participantes optaram por manter seus nomes revelados e outra parte resolveu ficar no anonimato, cabendo a mim a responsabilidade de junto com eles e os demais autores contidos nas referências refletirmos nas próximas páginas sobre HIV, arte e ativismo. Isso me fez lembrar de uma das aulas da professora Suely Deslandes durante a pandemia, quando discutíamos sobre metodologia. Na ocasião, ela destacou a importância de olharmos para as questões que a pesquisa traz, respeitando os desejos do participante e que, por exemplo, para alguns grupos como artistas e ativistas, a revelação de sua identidade é um fator de afirmação, de uma posição e um olhar. Ou seja, neste caso não cabe uma fórmula visando cumprir um protocolo ético de que “seu sigilo será garantido”. O tratamento ético

se apresenta em um nível mais abrangente e profundo, no fluir do percurso reflexivo ao qual esse trabalho se propõe, abrindo um diálogo não apenas com os artistas-autores participantes, mas com os artistas autores e produtores de si e de arte.

3.2 Artistas-autores participantes

No período de análise da pesquisa decidi, em conjunto com meu orientador, que era o momento de contatar novamente as/os artistas-autores participantes da pesquisa para informar sobre seu andamento. Assim, enviei pelo whatsapp uma mensagem informando que a pesquisa segue em finalização e, em documento anexado, enviei as transcrições das entrevistas para que pudessem fazer o uso que desejarem.

Achamos por bem, questionar novamente sobre a questão da revelação da sorologia, se, de fato, estariam dispostos a revelar seus nomes. Num primeiro momento todos foram unânimes em falar abertamente que vivem com HIV, no entanto, eu senti que deveria falar novamente com as pessoas que sabia que não falavam abertamente sobre essa questão, embora produzisse arte com o tema. Assim, retornei o contato e, uma pessoa participante sentiu o desejo de manter seu nome no anonimato. Por se tratar de artistas, com visibilidade social e diante das possibilidades de reconhecimento essa pessoa não terá revelada sua idade, gênero, raça/cor ou qualquer aspecto que traga possibilidade de identificação. Traremos suas contribuições para a análise, entendendo que no âmbito do sigilo da sorologia, além de sua garantia ser um preceito ético e legal, essa opção de não relevar também é uma grande forma de contribuição com a

pesquisa, também com muita força e potência. Um dos motivos que levou essa pessoa a manter a seu anonimato foi a preocupação com familiares, como me revelou: (...) *Meu coração agora diz que ainda não tenho fôlego para mergulhar nesse estampado de minha sorologia, considerando os possíveis impactos que virão para além de mim.*

A vivência do HIV não é tão simples. No movimento social conheci pessoas que muito fizeram pelas políticas de resposta ao HIV, mantendo o sigilo acerca de sua sorologia e, por vezes, sendo cobradas por isso pelos seus pares, como se uma saída compulsória do segundo armário fosse uma premissa para contribuição com a causa. Essa é uma falácia que precisa ser enfrentada. Em cada momento dessa vivência, ou seja, em qualquer tempo, há uma força de vida que pode ser compartilhada, revelando ou não publicamente a sorologia positiva para HIV.

A seguir apresentamos artistas-autores participantes da pesquisa, incluindo um breve relato de como foi conversar com cada um, trazendo as principais questões debatidas. Manterei as palavras e frases de artistas-autores participantes em itálico. A ordem de apresentação segue a mesma em que ocorreram as entrevistas.

3.2.1 *A potência de se sentir vivo* - encontro com Ramon Nunes Mello

Ramon Nunes Mello é poeta, escritor, yogui nômade e ativista dos direitos humanos. Autor dos livros “Vinis mofados” (Língua Geral, 2009), “Poemas tirados de notícias de jornal” (Móbile, 2010/2011), “Há um mar no fundo de cada sonho” (Verso Brasil, 2016) e “A menina que queria ser árvore”

(*Quase oito, 2018*). Organizou “*Tente Entender O Que Tento Dizer: Poesia + Hiv / Aids*” (*Bazar do Tempo, 2018*) e “*Ney Matogrosso, Vira-Lata de Raça – memórias*” (*Tordesilhas, 2018*)³⁶.

Conheci o Ramon no ano de 2016, na ocasião do lançamento de meu livro *O Segundo Armário*. Desde então nos tornamos amigos e é uma pessoa com a qual tenho um carinho muito especial. Certamente foi um encontro guiado pela terra, desses que transformam as vidas presentes. Hoje o artista-autor participante tem 39 anos e mora no Rio de Janeiro-RJ.

Participamos de diversos momentos juntos, incluindo alguns projetos que envolviam a temática do HIV e AIDS como a mostra *Todos os Gêneros: mostra de arte e diversidade (2018 - Itaú Cultural)*, o filme *Tente Entender o que Tento Dizer*³⁷ (2019 - MPC Filmes), *Boletim ABIA: Ativismo na Era Digital*³⁸ (2019 – ABIA).

Quando o contatei, convidando-o para ser um dos entrevistados, ele rapidamente se disponibilizou, sempre solidário. Abaixo, segue um trecho do filme com a participação de Ramon Nunes Mello.

³⁶ Informações do site <https://numaeditora.com/pessoa/ramon-nunes-mello/>

³⁷ Filme de Emília Silveira disponível na Globo Play disponível em <https://globoplay.globo.com/v/9302742>. O filme conta com o roteiro de Miguel Paiva e apresenta a força da coletividade que transforma as pessoas que vivem com HIV, a partir da história de 6 pessoas. Na ocasião, colaborei com a pesquisa do filme a convite de Daniel Souza, produtor audiovisual, presidente da Ação da Cidadania e filho de Betinho (Herbert Daniel), que tem dado seguimento as causas herdadas pelo seu pai.

³⁸ Disponível em: http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Boletim_ABIA_64_WEB-FINAL.pdf

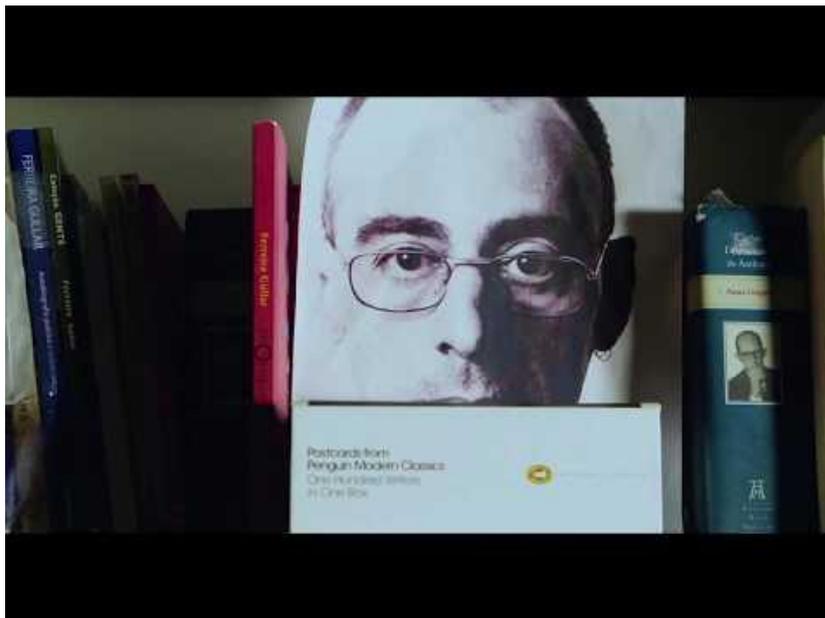


Figura 6. Tente entender o que tento dizer (pílula 6)

Nossa entrevista ocorreu no dia 24/11/2021 e durou cerca de 43 minutos. Logo no início Ramon harmoniza com uma força vital as palavras Arte e HIV, quando diz que ambos têm em comum *a potência de se sentir vivo*, trazendo a noção de *pulsação* para traduzir essa comparação.

Para ele a arte não deve estar em função de alguma coisa e nesse sentido não deve ser *panfletária*. Em suas palavras a arte *não está em prol da causa, ela está envolvida na causa*. Esse envolvimento artístico permite *mover os imaginários do HIV e da AIDS*.

O artista-autor participante relata ainda que demorou um tempo após o diagnóstico para voltar a publicar pois necessitou de um tempo de *digestão* da sorologia e depois um tempo para entender o lidar publicamente com a sorologia, para então, publicar um novo com suas poesias. Hoje diz que consegue *ter um olhar mais leve, até brincar com algumas situações*.

Sobre os corpos positivos que produzem arte sobre a temática, ele entende que, quando comparada com o início da epidemia, hoje há uma arte

menos dramática em decorrência do tempo em que ela está inserida, com acesso a antirretrovirais. Assim, o artista reforça que essa produção sobre HIV hoje, trata de corpos não só adoecidos, mas também *corpos pulsantes, sexualizados, controlados por remédios*. Ramon reconhece que o acesso a medicamentos ainda é um problema de saúde pública ao questionar: *Que corpos acessam a medicação?* Ele também reconhece que cada artista terá seu repertório de vida e isso é também central.

A iniquidade também é refletida pelo artista-autor participante no campo da produção artística quando questiona: *Que corpos escrevem e publicam?* Para ele, a literatura brasileira é feita majoritariamente por corpos brancos. Nesse sentido ele enfatiza que *toda arte é política de toda forma, pois lida com essas questões*.

Para Ramon, a força de criação permite reinventar as linguagens do lidar com o HIV através da arte, e afirma que *a arte faz entender que existe uma coisa além*. Para evocar o processo de reinvenção dessa linguagem no processo de criação, Ramon evoca a força da morte nesse processo e diz que *o lidar com a morte é reelaborado a partir da arte. Para criar, alguma coisa tem que morrer*. A partir de seu *diagnóstico morreu um Ramon inteiro: morreram alguns sonhos, cresceram outros. Morte de uma percepção, de um olhar*.

Ao ser questionado sobre seu processo de criação, a resposta foi o sentir. *Sinto aquelas palavras. Sinto o prazer de estar presente durante o processo de criação. Prazer em estar naquele exercício de presença e de criação*. Pontua, no entanto, uma diferença entre criar e recriar. Ao recitar os poemas ele diz que sente *uma alegria interna*. E nesse momento entende que está *recriando*. Ramon evoca uma metáfora de cura de feridas para referir-se ao

momento da criação. Diz que vai *cicatrizando com a escrita; fazendo uma sutura com o que restou*. Hoje ele busca simplicidade na criação.

Reconhece que desde jovem já transitava em causas políticas e sociais. Foi *envolvido em ativismo político dos estudantes*, como presidente do grêmio na escola de arte. Ele entende que o *ativista traz uma reflexão junto a um corpo social*. Ele se entende como uma voz somando e vê a diversidade como um componente importante nesse coro. Para ele o olhar de quem está produzindo arte precisa refletir o momento político que vivemos.

Possui como referências no campo da arte artistas visibilizados por Nise da Silveira e enfatiza que gosta da loucura por entender que *a arte está no limite da loucura com a sanidade*. Também bebe nas fontes de artistas com conexão profunda com a natureza. A arte pode fazer um resgate das forças de ancestralidade; *não com a intenção de, é quando ela se manifesta*.

Finalizamos a entrevista falando sobre o silêncio. Ramon exalta a importância do silêncio em cotidiano. Ele é tutor de um gato chamado Silêncio e é professor de *Yoga OM line* no *Espaço Silêncio Yoga*. Para ele *a gente cria quando a gente consegue silenciar um pouco nossa mente*. No entanto ressalta que isso ocorre no próprio caos. *Gosto do lugar do silêncio quase como um útero*.

3.2.2 Cura dos estigmas colecionados – encontro com Caju

Conversando com a pessoa que resolveu manter a garantia do sigilo, resolvemos fazer uma homenagem ao Cazuzá. Assim chamaremos pelo codinome Caju, apelido do cantor Cazuzá e trataremos pelo gênero masculino.



Figura 7. Cazuzza: Boas Novas

Durante a entrevista, Caju entende que trazer a pauta do HIV para sua arte produz cura dos estigmas. Revela que é um passo no processo *de cura dos estigmas colecionados* ao longo da vida. Entregando assume que *tem uma série de questões que orbitam na minha arte*.

Teve o diagnóstico em 2017, no meio de viagens a trabalho. Descobriu junto com o namorado da época. Informa que passou pela crise de ter nojo de si³⁹ e de não querer ver pessoas, *isolamento profundo*. Entende que seu relacionamento atual deu forças para começar a pôr o pé *fora do armário*.

Para Caju, o contato com pessoas que falavam abertamente sobre a questão o fortalece. A partir desse contato começou a produzir também sobre o

³⁹ Polleto et all (2015) informam que o nojo de si pode estar associado a crença de se sentir sujo. Essa binaridade limpo x sujo contribui para a dificuldade de aceitação do diagnóstico e produz sorofobia.

tema. *Foi um descortinar de um universo imenso. Isso precisa estilizar de alguma forma no mundo.*

Caju foi introduzindo cada vez mais o tema na sua produção artística. Sente que *afirmação do afeto é possível através da arte. O amor se tornou uma coisa muito preciosa para mim. Quero afirmar ele em todas as instâncias.*

Acredita que a saída desse armário se dá através do afeto, através do amor e é pouco a pouco. A possibilidade de expressar esse tema na arte é *um processo de cura não só para mim.*

Ao falarmos sobre a cura, Caju afirma que *talvez ela não venha só de um processo medicinal, biológico, químico.* Ele afirma que existe uma outra cura que está no imaginário, no psicológico e que se espalha pelo corpo. Às vezes o adoecimento vem dali, de uma doença social, de um vírus de um sistema colonizado. Ele lembra ainda que *a cura precisa ter prazer.*

Ao abordar o HIV em suas obras, Caju evoca a importância de artistas que trabalham o tema, em seu passado, presente e futuro. *É acessar e afirmar essas pessoas todas que nessa espiral de tempo vem antes de mim, estão comigo e as que virão.*

Para ele a arte abre portais no sentido de abrir portas. *A partir do imaginário a gente desperta algum pensamento. Nesse sentido a gente está abrindo um portal.* Caju entende que a pessoa se desloca. Para ele, *tem algumas chaves ali.* Sobre o deslocamento, ele afirma que produz algo novo, no sentido de algo que está chegando. *De uma brecha que a semente faz para nascer e brota numa planta que vai dar flores e frutos.*

Desde criança já encontra pistas de seu caminho para as artes. Produzia e apresentava sua arte mobilizando pessoas para fazerem isso acontecer. *Me sentenciei e fui. Vou escorregando em tudo quanto é possibilidade para viver.*

Caju acredita que o diagnóstico pode ter o *salvado de muitas outras encruzilhadas*. Diz que começou a visitar muitas coisas que *guardou no baú* que talvez não acessaria. *O HIV é uma porta de afirmação da minha biografia, minha ancestralidade, minha família*. Diz que não sente mais culpa. Começou a cuidar mais de si.

Ele diz que produz sua arte também pensando em deixar um lugar melhor para as crianças em seu entorno. *O HIV me fez entender micropolíticas*. Para ele, *essa movimentação da bandeira ela existe. Mas existe no meu dia a dia*. Busca equilibrar a ação e a fala.

Caju aposta no afeto como algo efetivo. Traz o termo *ativista afetivo*. *A partir do momento que sou mais afetivo, eu sou efetivo*.

Para ele, não existe arte que não seja política. *Minha troca é política*. Afirma que quanto mais a gente discute no micro, abre espaço de transformação em um espaço macro.

Ele afirma que somos sujeitos coletivos. Refere-se as pessoas que vieram antes, que abriram portais que permitiram a sua vida com afirmação de suas identidades. *Eu não existo sem você. Eu sou coletivo. Eu carrego todas essas pessoas. É de fato um eu coletivo*.

Eu saí da entrevista com a sensação que a interrompi. Senti que ela ainda não tinha acabado quando finalizamos. É um ser humano profundamente belo, com uma expressão de vida e profunda conexão em sua arte.

3.2.3 O tempo da arte não é em horas - encontro com Micaela Cyrino

Micaela Cyrino, que é graduada em Artes Visuais. Atuou como Consultora no Projeto “Awon Obirin – Cuidando De Quem Cuida”. Participou da Sicalíptica-Residência (2015 – Quito-Ecuador). Em 2010 representou o Brasil na XVIII Conferência Mundial de Aids Viena-Áustria e realizou consultoria no Consenso de guia para médicos no tratamento de crianças, Conferência Regional de Aids Lima-Peru. Em 2009 foi palestrante no TEDx Vila Madá- Juventude e HIV/Aids e também participou como palestrante na Conferência Mundial de Juventude Guanajuato-México Adolescente e jovens vivendo com HIV/Aids.⁴⁰

Por volta de 2012 ingressei como jovem da Rede de Jovens Vivendo com HIV do Rio de Janeiro-RJ⁴¹, inicialmente participando online através de lista de e-mail, de forma quase anônima e posteriormente comecei a frequentar os encontros presenciais, período em que atuei na BEMFAM. Naquela época a rede possuía uma coordenação nacional, pontos regionais e locais. Nesse período Micaela já era uma grande referência para jovens de todo Brasil e escutava muito sobre sua história e atuação como uma das fundadoras da Rede Nacional de Jovens Vivendo com HIV mas ainda não a havia conhecido. No ano de 2013 eu já trabalhava na ABIA e organizamos um encontro da Rede de Jovens Vivendo com HIV da região sudeste. O evento precedia o encontro nacional e ocorreu na cidade de Petrópolis-RJ. Nesta ocasião conheci Micaela Cyrino e logo me

⁴⁰ Texto adaptado por mim contido na descrição do evento *SESC Ideias: A Importância da arte como enfrentamento e resistência ao longo dos 40 anos de HIV* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7QjgPpxlRhk&t=2040s>

⁴¹ Recomendamos a leitura da tese de Cláudia Cunha sobre jovens vivendo com HIV: CUNHA, C. C. “*Jovens Vivendo*” com HIV/AIDS: (Con)formação de sujeitos em meio a um embaraço. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

impressionei com sua presença e grande força de mobilização, encontrando caminhos para suavizar mesmo os momentos mais tensos das disputas políticas internas presente nos movimentos sociais. Mesmo depois desse momento seguimos nos encontrando em outros eventos do movimento de aids e nossos encontros sempre me inspiraram muito, pelo seu olhar oxigenador para as questões que se apresentavam, ao mesmo tempo com posicionamentos fortes.

Em 28 de novembro de 2020 foi lançado seu filme *Derivar: a resposta fluiu da mente (diálogos sobre desobediência e cura)*⁴² no canal do Youtube da Agência de Notícias da Aids, vídeo que apresentamos a seguir.



Figura 8. Derivar: a resposta fluiu da mente

Mulher, negra, vivendo com HIV, natural de São Paulo, Micaela expressa que *nascer mulher negra já abarca muita coisa além de ser soropositiva*, como

⁴² O Filme *Derivar: a resposta fluiu da mente (diálogos sobre desobediência e cura)* possui a produção atuação de Micaela Cyrino que integra suas vivências e ancestralidade, mobilizando afetos e sensações a partir de experiência corporais performáticas. O filme conta com produção, roteiro e direção de Micaela Cyrino, Preller e Transfônico e está disponível no canal do youtube da Agência de Notícias da Aids: [\(1\) MICAELA CYRINO | DERIVAR: A RESPOSTA FLUIU DA MENTE \(DIÁLOGOS SOBRE DESOBEDIÊNCIA E CURA\) - YouTube](#)

machismo e racismo. Ela encontrou um lugar de falar do HIV *quase como deboche*, pois tem muita coisa para falar que integra sua vida.

Micaela nasceu com HIV (transmissão vertical⁴³) e sua mãe faleceu em decorrência da aids. Quando ela tinha 6 anos de idade e foi para um abrigo. Vivenciou sua infância⁴⁴ com HIV na década de 1990 e chegou a tomar medicamentos injetáveis para tratamento do vírus. Ela conta que começou a entender um pouco sobre a descoberta do HIV quando aprendeu a ler. Nessa época esse entendimento ocorreu pela via do lúdico. Ela recorda que era caótica, nesse momento, a imagem de tomar um remédio para combater um vírus, como explicavam seus cuidadores. Quando entrou na adolescência sentiu a necessidade de falar também sobre essa questão. Aos 13 anos, começou a trabalhar esse tema na escola através de uma peça de teatro de fantoches que falava de soropositividade. Aos 17 anos participou da fundação da Rede Nacional de Jovens Vivendo com HIV.

Hoje, aos 33 anos, Micaela relata que se comunica, principalmente, através da arte. *Falar livremente sobre HIV é sair dos estereótipos que até eu frequentei como pessoa soropositiva*. Ela diz ser necessário criar *estratégias de comunicação, de construção e de quebra de pensamentos* acerca do tema, para lidar com os *estereótipos da sorofobia*.

Ela faz parte de alguns grupos de mulheres e considera necessário pensar os direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres com HIV, o desejo de

⁴³ A transmissão vertical do HIV é quando o vírus é transmitido da pessoa grávida para seu bebê, e pode ocorrer durante a gestação, o parto ou a amamentação. O tratamento do HIV previne a transmissão vertical. O recém-nascido deve ser acompanhado no serviço de saúde e receber o medicamento antirretroviral. A amamentação não é recomendada. No movimento de AIDS há constantemente a necessidade de se pautar políticas públicas para pessoas de transmissão vertical, que denunciam pouca visibilidade de suas questões.

⁴⁴ Sobre essa vivência recomendamos que conheça o depoimento de Micaela Cyrino na campanha *O Cartaz HIV Positivo* da ONG GIV disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w01tJhFXV4k>

maternidade, qualidade de vida e saúde mental. Viver com HIV influenciou bastante a produção artística e crítica como a arte tem sido valorizada no país: *viver de arte no Brasil é quase um milagre*. Hoje diz que o que a completa atualmente é a pintura e o bordado.

Micaela diz que nasceu artista. Relata que no abrigo que morou teve vários estímulos artísticos desde criança. Entende a *arte como o lugar de estratégia de renovação para estar viva*. Nesse sentido ela explica que a arte é um *lugar de salvação de vida*, que apresenta uma comunicação ampla com muitas possibilidades de acesso no tempo cronológico e das interpretações. *A arte é atemporal*. Segundo a artista-autora participante, *a arte está no imaginário, na rua*. Retrata ainda que o tempo artístico rompe com o relógio e com uma contagem ao expressar que *o tempo da arte não é em horas; É o tempo do momento. Ele é infinito, ele é cíclico ele é efêmero*.

Micaela cita como referência Keith Haring⁴⁵ (Kolossa, 2005), Leonilson⁴⁶ (Perim, 2013), e também suas amigas atuais, como Silvana Mendes que traz o lugar de espiritualidade e ancestralidade. Sobre ancestralidade e integração afirma que *não dá para ser só uma parte. Quando vê tá tudo junto*.

Ao ser questionada sobre o termo *ativismo*, ela diz que não se considera uma ativista e ressalta que *arte já é ativismo; ser artista já é ser ativista*. Ao citar a arte como um espaço de ativismo ela lembra que *nos movimentos de opressão sempre a arte é a primeira a ser cortada*. Ela se considera artista e ativista. *Ser*

⁴⁵ Keith Haring foi um consagrado artista estadunidense que produziu um extenso legado de obra de desenhos, pinturas, murais e esculturas. O artista faleceu em fevereiro de 1990 em decorrência da AIDS. Fã de hip hop, o Keith Haring marcou o metrô de Nova York ao desenhar em cima de telas pretas que cobriam propagandas antigas. Junto com a ong Act UP Nova York produziu o cartaz Ignorância=Medo, Silêncio=Morte, que segue sendo uma grande referência para o movimento de AIDS no Brasil e no mundo.

⁴⁶ Ver na Parte 1 o texto HIV: um breve histórico a partir do olhar ativista.

ativista não é uma opção, é sobre estar viva. Eu estou viva porque sou ativista. Nesse sentido, Micaela evoca um movimento mais amplo e coletivo reforçando que alguém lutou pelos seus direitos antes e ela segue essa luta. Para ela, fazer arte é fazer política. *Pessoas que se mantiveram vivas para eu estar viva.* Inspira-se em diversos movimentos sociais que permite, segundo ela, ampliar o entendimento do processo coletivo. Segundo a artista-autora participante, o ativismo e a arte sempre estiveram juntos.

Em determinado momento de nosso encontro, Micaela compara a arte com a fé ao dizer que o que move é invisível, e a motiva acordar todos os dias. Encontra nesses espaços (arte e fé), *lugar de estímulo, quase de medicamento assim mesmo. A minha pintura vem de um lugar quase que religiosidade.* Micaela se considera sincretista. *Sou do candomblé e da Jurema sagrada.* Entende que o espaço sagrado é seu *estímulo para estar viva, onde eu busco consolo, equilíbrio, resposta, onde peço para ter força.* Nesse processo, tanto na arte como na fé, há um lugar de acreditar em si. *Se eu me perdi em algum momento eu sei que a arte vai me fazer voltar.* No encontro com sua ancestralidade, relata a importância do contato com as plantas e com as ervas. *A tecnologia ancestral me segurou até aqui.* Lembra ainda que mesmo a medicina tradicional tem como base as ervas também.

Para ela a arte ocupa um papel de guia no caos, entendido como um lugar de criação muito potente. *Ser artista nesse caos é trazer um pouco de respiro.* A arte guia. A arte como um caminho *do caos à ordem* também é expressa nas reflexões da atriz Cavalli (2009). A compreensão da arte como um caminho para ordenação do caos ajuda a entender o que Micaela traz como reflexão.

Finalizei a entrevista muito emocionado e afetado pelo diálogo profundo sobre arte, ancestralidade e espiritualidade trazido pela artista.

3.2.4 A arte me ajudou a entender que isso que eu estava sentindo era o programado - encontro com Ronaldo Serruya

Ronaldo Serruya é ator, dramaturgo e pesquisador das questões queer nas artes cênicas. Integrante do grupo XIX de teatro (SP) e do Teatro Kunyn (SP). Por seu texto Desmesura, ganhou o Prêmio Suzy Capó no 25º Festival MIX da Diversidade. Desde 2016 pesquisa e estuda as relações entre arte e HIV/AIDS, criando o projeto “Como eliminar monstros: discursos artísticos sobre HIV/AIDS” que já contou com o apoio institucional do Itaú Cultural e do Goethe Institut. Seu mais recente espetáculo “A doença do outro”, sucesso de público e crítica, foi contemplado pelo 7º Edital de Dramaturgia do CCSP e foi indicado ao prêmio Shell 2023 de melhor dramaturgia.⁴⁷



Figura 9. Deus tem AIDS

⁴⁷ Texto informado pelo artista participante.

Ronaldo Serruya abre o teaser do filme *Deus tem aids*, 2022⁴⁸. Encontrei o Ronaldo Serruya durante a pandemia de COVID-19 quando ele ministrou o curso “*Como eliminar monstros?*”⁴⁹ em 2020. Fui aluno da turma e tínhamos encontros online. Nesta ocasião conheci muitos artistas que viviam com HIV. Foi um momento de muitos intercâmbios. O curso já era conhecido por parte das pessoas vivendo com HIV do movimento de AIDS de São Paulo. A versão online ocorrida em função da pandemia permitiu a participação de muitas pessoas de vários estados brasileiros. Já havia escutado sobre alguns trabalhos do Ronaldo e, após o curso, me envolvi mais com sua arte e seus olhares sobre a epidemia de HIV. Durante a pesquisa do doutorado pude assistir uma versão online (e mais curta) de seu premiado espetáculo *A doença do outro*, oriundo de suas buscas e pesquisas artísticas sobre o tema.

Nosso encontro online foi um bate papo muito agradável e podemos refletir sobre os temas propostos de forma muito fluida. Ronaldo tem uma visão reflexiva profunda e muito crítica sobre o tema.

Ronaldo informa que quebrou com o que era esperado para ele na medida em que foi se aproximando do caminho das artes. Oriundo de uma família de médicos, chegou a cursar faculdade de medicina e abandonou o curso. *Cresci ouvindo que tinha que ser médico. Eu passei na UNICAMP, na USP. Seu pai alugou um apartamento para ele em Campinas e deu um carro. Saí da medicina para jornalismo e depois descobriu o teatro.* Era muito difícil para sua família entender que *a arte poderia ser uma profissão. Minha família vive essa história*

⁴⁸ O teaser do filme encontra-se disponível no canal de youtube da distribuidora Vitrine Filmes: [\(1\) DEUS TEM AIDS | Teaser - YouTube](#)

⁴⁹ Para conhecer mais sobre o curso recomendo a leitura da Parte 1, *Uma carta para além do fim do mundo*.

do legado. Para ele, havia um destino traçado. Eu tinha que ser médico, pois meu pai já tinha construído um hospital, um consultório. O artista-autor participante descreve que passou por processo de depressão para traçar seu caminho nas artes. Se eu não tivesse rompido isso não sei como lidaria com o HIV.

Para ele a arte é um caminho para elaboração de discursos, especialmente aqueles programados e planejados para nossa vivência. No seu entendimento existe um script de estigmas criados para nossa vivência, constituindo-se em uma vivência programada. *Tudo aquilo que está programado para a gente lidar* na descoberta de um diagnóstico, por exemplo. No entanto o artista percebe que *há um limite no discurso que é o próprio corpo*, que apresenta vivências singulares marcada por questões diversas, como gênero, raça/cor, orientação sexual por exemplo.

Ronaldo diz que a *arte está mais preocupada em abrir dúvidas*. A dúvida o coloca num espaço de investigação. *A arte me deu um olhar alargado sobre o mundo; uma desconfiança e uma interrogação sobre o mundo*; nesse sentido a arte permite *olhar o mesmo objeto de pontos de vista diferente*. Em nossa conversa foi possível entender que ele percebe que a arte tem a possibilidade de produzir *deslocamento*. Entende que a arte tem premissa de elaborar as coisas que vivemos no mundo; e nos ajuda a deslocar. Para ele, *ninguém nasce artista. Artista é construção. Você se torna artista trabalhando*.

O artista-autor participante afirma que existir é um *ato político* e reforça que *fazer arte é fazer política*. Considera que desprogramar é um papel da arte; *aquilo que eu estava sentindo era programado, e a arte era o caminho para desprogramar*.

A temática do HIV entra em sua arte após ele elaborar suas questões pessoais sobre o diagnóstico, *tudo aquilo que estava programado para lidar, se sentir um corpo sujo, um corpo bomba*. Entende que precisava superar o discurso que ele retrata como da *autocomiseração e vitimização* diante do diagnóstico para deslocar o olhar. Ele já trabalhava com questões identitárias na sua produção artística. Ele afirma que o legado de mortes dos que vieram antes e morreram em decorrência do HIV estão vivos nele. Mas que também busca inspirar-se nos seus ancestrais vivos, que evidenciam as diversidades de corpos dissidentes da norma. Ele reconhece, no entanto, que há um limite colocado na sua produção que é o próprio corpo: *não posso ter um discurso de uma pessoa trans*, por exemplo.

Para ele a arte produz um inconsciente coletivo. Ele não acredita em invenção, e propõe a noção de reinvenção. *Só juntei as peças e 'hummm, posso ler dessa forma'*. Ronaldo afirma que *o deslocamento pode ser desconfortável; não necessariamente doloroso*. Ele gosta da ideia de a arte *iluminar lugares que antes não estavam iluminados e sombrear lugares que precisam ser esquecidos ou deixados para lá*. Ele finaliza a entrevista dizendo que está recusando o silêncio. *Pode colocar os meus nomes com todas as letras*.

3.2.5 O espaço da arte é o espaço da reflexão - encontro com Leandro Noronha

Leandro Noronha é mestre em Letras com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL). Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/ECA/USP). Jornalista, escritor e pesquisador.

Integrante do Coletivo Contágio @coletivocontagio, grupo formado por artistas vivendo com HIV.⁵⁰



Figura 10. Literatura e HIV/Aids

Acima, em *Literatura e HIV/AIDS*⁵¹, o artista-autor participante nos convida a uma reflexão sobre o tema. A entrevista com o paulista Leandro Noronha trouxe reflexões profundas acerca da arte e do HIV. A arte veio antes que o HIV em sua vida. Ele lembra que bem antes disso já se interessava por literatura e já havia se envolvido com grupos de teatro. Entretanto ele não se considera ator, prefere olhar para o teatro como um espaço de experimentações.

O poeta confirma que sua *base de vida é a palavra*, e esta foi sua companheira logo no primeiro momento do diagnóstico, quando diz que ficou *muito mal, mas estava consciente*. Ele relembra: *uma das primeiras coisas que*

⁵⁰ Texto informado pelo artista participante.

⁵¹ Vídeo do projeto *Você Sabia?* da UFMS disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7cxypjNKNkg>

fiz foi um poema. Esse poema tinha como título a senha que estava aguardando para fazer o teste rápido. De alguma forma, o poema humanizou o número. *A palavra sempre me engajou a pensar a vida e as coisas que me cerca.* O HIV foi um dos temas a mais que chega com o diagnóstico, embora relate uma produção literária menos frequente após o diagnóstico. Além de poeta e escritor, Leandro também é jornalista e pesquisador. Para ele *a escrita acadêmica acaba sufocando um pouco.*

Em 2019, junto com outros artistas, formou o Coletivo Contágio que conquistou editais de arte em São Paulo para trabalhar a temática. Relembra do *experimento cênico "pode entrar o cachorro está preso"*. Ele entende essa produção com resultado de algo coletivo, que vai além das vivências pessoais. *O que a gente colocava naquela peça era além de nossos umbigos. Experiência de outras pessoas.* O artista-autor participante relata que a consciência artística passa pela compreensão de que *o HIV é uma questão muito mais ampla do que as nossas experiências específicas de vida.* Por isso entende que possui uma *necessidade de pensar o HIV com outras pessoas.*

Ele afirma que já estava engajado com o campo da saúde quando descobriu o HIV, pois atuava como estagiário na área. Com o uso da medicação antirretroviral teve uma outra consciência acerca do vírus. *O comprimido, eu colocando na boca, era como se a ficha caísse dentro de mim.*

O contato com pessoas positivas se deu muito no âmbito das ONGs. Nesses encontros começou a entender que o HIV era uma *questão profundamente política também.* *Silêncio é igual a morte, como nos ensinou o grupo ativista Act UP.*

A vivência do estigma o fez tomar a decisão de viver a sorologia abertamente e publicamente. Ouviu de um rapaz: *eu não fico com gente doente. Me acendeu uma chave.* O episódio trouxe a compreensão do estigma através do discurso. *Tem uma outra coisa aqui que não é um vírus, que não tá no meu corpo. Depois eu vi que isso é discurso.*

Sobre seus primeiros passos na direção da arte, lembra que sempre teve uma expressão artística como busca. Quando criança, gostava de quebrar os bonecos para fazer outros bonecos com as peças. *O meu irmão do meio teve muito impacto na minha vida. Me ensinou a gostar de Elis Regina, Ana Carolina, Renato Russo, Cássia Eller, coisa fina.* E também *me engajou muito na leitura. Sempre trazia um livrinho para mim.*

Além da influência em casa a *biblioteca era um refúgio contra a homofobia.* Eu era bem bixinha e os meninos não *davam trégua.* *A biblioteca era uma fortaleza.* Depois começou a ir em uma biblioteca municipal na cidade vizinha e ao lado dela havia um museu natural. Quando a gente vai lendo, *fiquei com vontade de escrever.*

Ele lembra que seu Ensino Médio foi muito importante para essa formação. Estudou em numa escola técnica no ensino médio. Viu *viados se beijando, bandeira LGBT, diretor da escola era viado.* *Era uma escola com espírito democrático.* A escola tinha um grupo de teatro na época. Ele participava do grêmio estudantil na parte de cultura. Conheceu o movimento estudantil e movimento artístico no ensino médio e entende que isso aumentou ainda mais essa possibilidade de criação. A escola foi um *espaço primordial.* *Promoção a leitura feita pela homofobia.*

Como referência o artista-autor participante diz que gosta de muitos artistas vivendo com HIV hoje. Do passado lembra do Cazusa. Ele entende que os artistas falam que precisa superar a imagem dele, mas a arte dele é necessária. *Isso não pode nunca esconder*. Também traz como referência Keith Haring. Mas reforça que tem flertado muito com a produção atual. *Flerto muito com a poesia do Ramon Nunes Mello*. Entende o trabalho do poeta como um incentivo e encorajamento para outros artistas falarem sobre a temática. *Dando algum gás para que outros poetas começassem a falar sobre HIV na arte*. Relembra também das obras de Leonilson e o impacto que elas produzem. Em uma exposição do artista sentiu uma *delicadeza profunda*. *Chorava de soluçar*. Também tem como referência o Caio Fernando Abreu e o Herbert Daniel.

Para Leandro a *arte não é o espaço necessariamente da prevenção; não é obrigação do artista fazer prevenção*. *O espaço da arte é o espaço da reflexão*. Gosta de obras que instiga a temática para além do HIV. Ele entende que *toda obra de arte é política*. *Arte é o território da liberdade*. No entanto critica os artistas que fazem *uma nota de repúdio em verso; ou um manual de prevenção em verso*. Para ele *uma obra de arte não é uma campanha de prevenção; uma obra de arte não é um boletim epidemiológico*. Reconhece que isso foi muito necessário no passado quando não havia muitas informações disponíveis, lembrando que as vezes é o próprio *sentido da urgência*. Mas afirma que os artistas devem estar preocupados em fazer arte.

Entende a palavra como algo central em sua arte, compreendendo-as como *válvulas de escape*. Se expressar por meio das escritas tem o *poder de construir mundos, construir universos*. E também de *desconstruir*, ele lembra. Leandro afirma que a arte é uma via de transformação social. *A palavra é uma*

coisa fundamental nessa questão. O imaginário social da AIDS foi construído pela palavra, como câncer gay. Se a Aids tem um corpo, o corpo dela é a palavra. Ele diz que tudo que sabemos sobre HIV foi construído através da palavra. A arte permite que a gente olhe uma mesma coisa de vários pontos distintos. Lembra que Leonilson trabalhava muito com as palavras nos bordados dele; quase que versos visuais. A dúvida é necessária para a produção artística, sendo considerada uma dádiva. A poesia só tem que dar pergunta. Não resposta. Leandro acredita que se a palavra construiu estigmas acerca do HIV e da AIDS, pela palavra é possível ressignificar tudo isso. Para ele, o termo ativismo vem de uma arte mais militante. Ele se considera artista.

3.2.6 *Limpar esse imaginário tenebroso - encontro com Evandro Manchini*

Evandro Manchini é realizador audiovisual, ator, professor e mestre em criação e produção de conteúdos digitais pela ECO/UFRJ. Ao longo de sua trajetória esteve envolvido em projetos multidisciplinares nos quais teatro/vídeo/dança e performance se misturam. Desde 2020 atua, também, como consultor audiovisual no UNAIDS Brasil.⁵²

⁵² Texto informado pelo artista participante.



Figura 11. Videobook

Evandro, apresentado pelo Videobook⁵³ acima, foi um dos meus colegas do curso “*Como eliminar monstros?*” ocorrido durante a pandemia de COVID-19. Nesse período de distanciamento físico consegui acompanhá-lo mais de perto. Ele tem produzido conteúdo voltado para a prevenção do HIV e o enfrentamento do estigma. Fomos colegas de turma nas aulas de yoga online com o Ramon Nunes Mello. Foi um período em que me dedicava diariamente ao yoga.

Pouco tempo antes da entrevista Evandro me envia seu filme prestes a ser lançado intitulado *Poder Falar: uma autoficção*⁵⁴. O filme me emocionou muito e, de algumas formas inspirou ainda mais o desejo desse encontro. Agradei ao Evandro pela confiança de enviá-lo pouco tempo antes da estreia. O filme segue percorrendo festivais e ganhando reconhecimento internacional.

Em nossa entrevista, ele afirma que sempre foi da arte, desde pequeno. Quando descobriu o diagnóstico tinha essa consciência de que a elaboração

⁵³ Disponível no canal do youtube da Pingo na pia Filmes:
<https://www.youtube.com/watch?v=WBRNN8RcOv4>

⁵⁴ O trailer de seu premiado filme *Poder Falar: uma autoficção* está disponível em:
<https://vimeo.com/655354271>

seria pela via da arte. Mas esse processo não ocorreu de imediato, ele ficou durante três anos pensando sobre isso. Sempre via coisas muito informativas no sentido mais técnico e diante disso, foi entendendo que a forma que queria lidar era com algo mais concreto, que eram suas vivências. Ao falar abertamente como uma pessoa com HIV, entende que essa representatividade tem um peso. Às vezes, quando as coisas partem da vivência, *parece que é muito umbilical*. No entanto não quer delimitar a sua arte a essa temática.

Ele tem como referência ativistas clássicos como Herbert Daniel. Lembra que *a morte civil foi o que eu vivi. Foi muito mais o pesar de "como eu falo com as pessoas?"* Quando decidiu ingressar no mestrado foi a virada para ele. A partir da experiência do mestrado ele decidiu, no final de 2018, querer falar sobre HIV. No momento do diagnóstico ele reconhece que o apoio familiar e social foi fundamental. Sentiu-se acolhido pela família. Diz ter recebido muito amor das pessoas próximas.

A abordagem do tema em suas obras seguiu um processo semelhante aos outros artistas participantes. Como se as obras fossem se transformando e sendo aprimoradas durante o processo. Após o mestrado, ele produziu uma live artística que posteriormente inspirou a produção do filme. Assim como ocorreu com outros artistas, há uma espécie de movimento nas obras que se transformam.

Sobre sua relação com Herbert Daniel, Evandro gosta de pensar nele como um mentor. *Relação espiritual, afetiva, um mentor*. Ele explica essa mentoria com a seguinte pergunta: *O que essa pessoa faria se ela tivesse aqui?* Evandro inspira-se também em ativistas que trazem a vida como resposta ao

HIV. Ressalta a força do Herbert Daniel escrevendo sobre viva, lançando um Viva a Vida num contexto de AIDS.

Para ele, a escolha por qual linguagem vai transitar é central no contato com as coletividades. Ele descreve como exemplo a imagem do filme *Poder Falar: uma autoficção*, em que traz abertamente sua vivência com HIV. *Tem as imagens do arquivo, coisas do Evandro*, mas tem o coletivo que fala de todo mundo, recorda ele. Em nossa conversa Evandro relembra que o filme não é uma autobiografia, mas sim uma autoficção. *Prefiro autoficção à autobiografia*.

Quando criança, o artista-autor participante brincava de fazer câmera, escrevia revista e já sinalizava seu talento artístico. Conta que quando começou a estudar teatro entendeu a questão do ofício do artista. Durante uma aula de improvisado, *num calor, sala com 30 pessoas e eu [estava] gostando de estar ali*.

Ele gosta de pensar em *artista humanista*. Conta que é budista desde 2014 e costuma se questionar em como posso lidar de forma artística e unir com o seu propósito como artista, o ofício. A integração da arte com o budismo se dá nas perguntas: *qual o propósito desse trabalho?*

Evandro tem o desejo de fazer intervenções e quer ir mais ao encontro das pessoas. Entende que tem muitos tipos de ativismo. Acredita no ativismo do diálogo, do acolhimento. Tem deixado os trabalhos falarem por si só.

No âmbito de suas referências sempre gostou das linguagens mais experimentais. Gosta de videoarte, videoinstalações. Inspira-se em Bill Viola, movimento Dogma 95. Entende que humanizar é falar em primeira pessoa. *Tenho uma consciência, estou vivendo super bem. Essas coisas podem*

transitar. Para ele, às vezes, as pessoas acham que as questões já estão muito dadas, mas não. Ele diz que não renuncia à informação. A desinformação é muito grande. Seu papel passa por esse lugar de humanizar as informações.

Questiono sobre a projeção que ele inspira as pessoas a fazer no filme *Poder Falar: uma autoficção* e ele responde que o convite a projeção é limpar o imaginário tenebroso. No filme, quando aborda prevenção, entende que a vivência e o corpo do Evandro se tornam esse instrumento. Tô aqui dando a cara a tapa; pode projetar um pouco seus estigmas e preconceitos e fantasmas em mim. Como um caldeirão de transformação deseja que, de alguma forma, durante o filme, vamos ver se a gente consegue projetar outra coisa.

Evandro finaliza dizendo que *viver com HIV é uma parte de um todo muito maior*. E para a arte, o importante são as lacunas. Ele evoca um termo utilizado para se referir aos players de jogos de realidade virtual para repensar o lugar do espectador mais ativo: *interator*.

3.2.7 *Essa energia mais primordial* - encontro com Atena

Atena Beauvoir Roveda é vereadora suplente da cidade de Porto Alegre-RS, escritora, poetisa, professora, filósofa e educadora social. Recebeu Menção Honrosa pela atuação em defesa e promoção da dignidade humana de LGBTQs em Canoas. É ativista nas causas do movimento trans e hiv/aids. Idealizadora da Nemesis Editora para publicação de literatura invisível e transantropológica. Participa e defende a arte de rua, como os Slams. Publicou cinco obras: Contos transantropológicos volume I, Libertê: poesia, filosofia e transantropologia,

*Phóda: poesia, filosofia e sexualidade, Contos transantropológicos volume único e Contos transantropofágicos*⁵⁵.

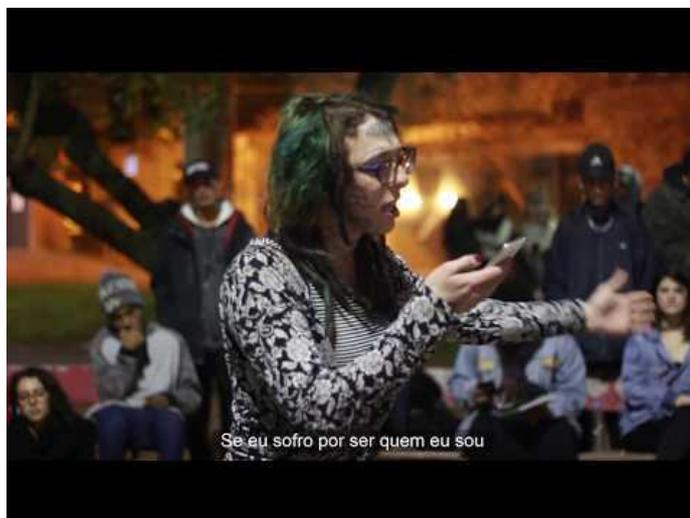


Figura 12. Slam Peleia

Conheci Atena durante o *XIX Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS: 26 anos de ativismo, solidariedade e resistência* em dezembro de 2018, organizado pelo Grupo Pela Vidda/RJ, ocorrido na cidade de Porto Alegre-RS. Logo que a vi recitando suas poesias no estilo *slam*, durante o evento, senti uma força grande de denúncia e transformação. Ela é uma mulher trans em vários sentidos das palavras, pois com uma força da terra é uma mulher que trans/forma. Nos encontramos após esse momento em outros eventos antes da pandemia de COVID-19.

⁵⁵ Texto escrito por mim baseado no *Papo Justo* com Atena disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSZggEICHsw>

Logo no início da entrevista ela traz uma reflexão importante: *É o meu corpo que tem HIV ou sou eu que tenho HIV?* Ela diz que no período em que recebeu o resultado do exame de HIV *começou a leitura de livros de RPG do autor Leonel Caldela*⁵⁶. Ela disse que foi com a arte que conseguiu iniciar o processo psicológico do HIV a partir da leitura desses livros. Ela relembra que desde 2014 vive com HIV, mas que a adesão aos medicamentos não foi imediata. Levou 4 a 5 anos até ter adesão de fato. *A arte foi muito cirúrgica*. Foi exatamente na parte da estrutura psíquica onde o HIV estava apertando. Sobre as leituras dos livros de RPG, lembra que falava de um mundo de magia e uma espécie de tempestades vermelhas entendidas como tormentas, que são idealizadas por demônios (que, segundo ela, não são demônios, apenas espécies diferentes interpretadas dessa forma). Ela conta que personagens do livro ficam loucos quando *observam essa tempestade rubra*. Na magia da arte ela fez o trânsito dos primeiros momentos do diagnóstico. Relata que fica muito imersa na arte. Evita se expor muito, pois, às vezes, *é um turbilhão de coisas para pensar*.

Atena lembra que tinha muito medo de falar da sorologia. Quando eu a conheci ela ainda não vivia abertamente com HIV. Isso fez com que eu entrasse em contato com ela mais uma vez para certificar de que sua sorologia era realmente pública. Ela contou que quando entrou na política resolveu falar abertamente sobre o assunto. Para ela, nossa estrutura psíquica nos ajuda a trabalhar. *Ela naturalmente dá um jeito de desaguar essas coisas*.

⁵⁶ Leonel Caldela é escritor de Role-Playing Game RPG, autor da *Trilogia da Tormenta* composta por *O Inimigo do Mundo*, *O Crânio e o Corvo* e *O Terceiro Deus*.

Sobre o processo do HIV ela acredita que há uma identidade que morre para outra nascer no processo do HIV. E compara esse momento com a transição de gênero. Ela conta que foi um período de muitas transformações, *o meu processo de transição de gênero veio na sequência do HIV*. Relembra que em 2014 descobriu-se com HIV e no ano seguinte, em 2015, fez a transição de gênero.

Atena se considera uma pessoa observadora. Esse é *um dos fundamentos da produção da arte*. Isso é *o ver a experiência sem experienciar naquele momento. Uma coisa de pré-produção*. Sente que se abre muito para entender a pré-produção das obras. *Esse turbilhão também é o sensível. Tocar nosso processo interno*. No ano novo, em dois dias, assistiu três filmes indianos, cada um de duas horas e meia. *Fiquei quase que uns 5 dias com aqui na mente a ponto de sonhar forte com alguns elementos*. Reconhece que tem também a percepção de espírita kardecista. Mas muito vem da própria alma. *Não posso me jogar muito, se não me embebedo no líquido artístico*.

Sobre as artes, ela gosta de transitar em diversas formas de expressão, mas reconhece que *a literatura ainda é o meu campo mais primordial de fazer desaguar essas águas*. Para ela, a força artística é instintiva, *quase que selvagem*. A força intelectual é a expansão disso de algum jeito. A força artística é necessariamente *essa energia mais primordial; até uma energia infantil. É muito da infância. Da percepção do corpo, da percepção do outro*. Relembra que quando buscou a arte, quis retornar para esse lugar da infância.

Ela revela que se descobriu como artista na barriga da sua mãe. *Minha mãe era atriz de rua e meu pai era ator também. Minha dinda também*. Segundo

ela, era muito envolvida com essa energia selvagem. *Era criada entre lobos e lobas*. Com 3 e 4 anos assistia espetáculos de rua. A compreensão da arte como ofício veio com 10 anos de idade. Seu padrinho tinha deixado na sua casa o figurino de um espetáculo *Drauzio, um vampiro diferente. Olha que engraçado, de novo a presença do sangue*. Na quarta série ela organizou essa peça de teatro. Foi um sucesso na escola. *Não era bagunça, era organizado*. Com 15 anos já foi para São Paulo, no Ibirapuera, apresentar espetáculo de rua. A partir do processo do HIV e transição de gênero começou a organizar a escrita. *Escrita em si, literatura, poesia, declamação, interpretação e por último a música*. Relata que a arte foi importante no processo de transição. *Leu o livro a Metamorfose, Malala* e outro livro de uma mulher que fugiu da Coreia do Norte. Reforça que buscou referências de pessoas que foram contra a estrutura cultural que estavam inseridas, numa busca de perspectiva existencial. Ela entende que essa produção artística me ajuda a desvelar questões da transição de gênero e a transição de gênero ajuda a movimentar agora aonde o barco leva.

Para ela a arte precisa estar engajada. *Arte que não está engajada é arte burguesa*. A artista-autora participante diz que antes de pensar em ser ativista é preciso entender esse fenômeno. Atena inspira-se em Sartre. Ela entende que a arte é o desaguar de uma fonte interna. Acredita que ativismo talvez seja produzir arte pensando em superar o destino que se acha que é fadado a nós. Ela diz que existe arte para todo mundo. *O sujeito primeiro precisa afirmar que sua arte é ativista na intenção*. Sobre a importância da intenção nesse processo Atena diz que essa intenção de quem produz pode ter mais ativismo do que muita gente com cartaz dizendo *Fora Bolsonaro na rua*.

Ela finaliza a entrevista dizendo que estamos em uma *falência do simbolismo político brasileiro*. Acredita que existem questões perigosas: *brasileiro e brasileira tem o costume de criar oligarquia, e fixar nas oligarquias, nesse poder de poucos*.

4. Parte III: Refletindo com artistas-autores-participantes

4.1 *Morte/Criação: para criar, alguma coisa tem que morrer internamente*

Na epidemia de AIDS, especialmente durante a década de 1980, a morte em decorrência da doença era uma realidade. Nas décadas de 1980/1990 a expressão *silêncio=morte* ganhou força entre ativistas de todo mundo. O slogan fez parte de um cartaz em que um triângulo rosa denunciava a morte por AIDS da população LGBTQIAPN+. O *silêncio=morte* era uma forma de mobilizar as pessoas com HIV e populações afetadas para falarem sobre a AIDS, lutarem pela vida, conquista de seus direitos, como a garantia de medicamentos eficazes para controle da doença e o enfrentamento do estigma que atingia pessoas vivendo com HIV e populações mais afetadas pela epidemia.

No livro *Sentença de Vida*, a médica Márcia Rachid (Rachid, 2020) conta como o início da epidemia foi um grande desafio no Brasil. Ela descreve o cotidiano com a morte em um hospital no Rio de Janeiro, e também o lidar com a vida, com a alegria da solidariedade e por vezes com forças coletivas de construção da vida que mobiliza a sociedade a buscar respostas para o HIV. A própria médica ajudou a fundar o Grupo Pela Vida-RJ, e também atua na resposta à epidemia e faz ecoar o *Viva a Vida* lembrando as palavras de Herbert Daniel.

Além da morte física, a morte civil (Daniel, 2018) era algo denunciado pelo ativista, na qual deveríamos ter a cautela para, segundo o ativista, não ingressarmos nessas ideologias que matam pessoas vivas. Daniel (2018) referia-se a essa morte como *a pior*. Segundo Daniel, no seu clássico livro *Vida antes da Morte: Querem matar os doentes de Aids, condenando-os à morte civil. Por isto, desobedientemente, procuro reafirmar que estou vivíssimo* (p. 21, Daniel, 2018).

Outro ativista histórico do movimento de AIDS, o Herbert de Souza, conhecido como Betinho, trazia reflexões sobre paralisações e movimentos associados à ideia de vida e morte. Em seu texto *A cura da AIDS* publicado no *Jornal do Brasil* em janeiro de 1992, Betinho escreveu:

Que a ideia da morte inevitável paralisa. Que a ideia da vida mobiliza... mesmo que a morte seja inevitável, como todos sabemos. Acordar pensando que se vai morrer, no lugar da vida, é a própria morte instalada. De repente me dei conta de que a cura da aids sempre havia existido, como possibilidade, antes mesmo de existir como anúncio do fato acontecido, e que o seu nome era vida (SOUZA, 1992).

A ideia de morte segue presente no processo do diagnóstico do HIV, especialmente por também ser constituída pela noção de morte social construída socialmente, evidenciada no processo da descoberta do diagnóstico positivo de HIV dos artistas-autores participantes dessa pesquisa. Para Ronaldo Serruya é necessário *desprogramar* os estigmas construídos socialmente que atingem pessoas com HIV. Ele entendeu que aquilo que vivia era socialmente programado e a arte era um caminho para desprogramar esses sentimentos, que não cabiam apenas nos cuidados da saúde pública e da ciência. Para ele, a arte desloca o olhar.

*Talvez só quem consiga realmente desconstruir esse estigma, seja os processos artísticos, né?! Ou que, esses discursos científicos, seja da Saúde Pública, da Política Pública, do Ativismo se... se junte a esses discursos artísticos, porque eles por si só não vão conseguir. É... então, o que **a Arte me deu foi uma possibilidade de olhar pro meu corpo vivendo com hiv de outra forma**; entender quais são os vetores que me atravessam. É... me ajudaram a... a conseguir identificar e recusar esse script, né?! Me... a Arte me ajudou a recusar o silêncio... né?! **Eu acho que sem a Arte, talvez eu não tivesse recusado o silêncio.** (Ronaldo)*

Ronaldo reafirma a vida diante do discurso de morte, como propôs Herbert Daniel no início da pandemia e ainda nos tempos atuais em que se ecoa no movimento de AIDS o *Viva a vida!* Para Ronaldo, a recusa do silêncio é destacada como uma afirmação da vida, e, acrescento que sua arte colabora para romper com as imagens distorcidas da epidemia que são produtoras de pânico moral (Daniel & Parker, 2018).

No movimento de AIDS seguimos repetindo o Silêncio=Morte. Essa expressão segue viva diante da sobrevivência da morte social, na qual propomos aqui que deve ser transformada a partir da arte como antirretroviral social.

Para refletirmos acerca da noção do silêncio e seus significados, caberia aqui pontuar uma proposta de diferenciação entre os termos silêncio e silenciamento. Neste sentido, a primeira pontuação deve ser a consideração de que não há processo de silêncio absoluto, entendendo a vida como movimento. Outra observação é que talvez a ideia de silenciamento traga mais compreensão e ilumine a existência de relações de poder, uma vez que diz respeito a uma força que é imposta a uma pessoa/grupos ou populações através de uma relação de opressão e anda em conjunto com a perda de direitos (Darmont, 2022). Embora esse tema mereça um aprofundamento e debate que não daremos conta neste momento, cabe salientar que algumas pesquisas têm recorrido ao termo

silenciamento para falar de algo que deve ser visibilizado diante de forças que oprimem e imputam um silêncio forçado (Darmont, 2022; Nascimento, 2019).

No processo de pesquisa, como vimos na parte metodológica, o silêncio pode possuir infinitos significados e, neste sentido, deve-se cuidar de olhar com a devida atenção ao contexto, símbolos, significados e sinais para buscar escutá-lo. Penso que é muito fácil confundir-se diante de um silenciamento disfarçado de silêncio, ou melhor, diante de um silêncio imposto por questões sociais como observamos na vivência com HIV.

Aqui, precisamos considerar um outro aspecto do silêncio lembrado pelo artista-autor participante Ramon Nunes Mello. Ele descreve, na entrevista, a importância do silêncio para acessar o processo de criação. Neste aspecto, a criação passa pela morte de partes de si em um movimento de nascimento que tem o silêncio como útero.

*(...) a gente cria quando a gente consegue silenciar um pouco os nossos pensamentos, assim; silenciar um pouco os ruídos internos. Eu acho que a gente consegue fazer isso, a gente consegue abrir a nossa mente pra um estado de criação mais produtivo, assim. Eu acredito nisso. Não que a gente não crie no caos. Isso não quer dizer (que) a gente não vai tá no caos, que no caos a gente vive, né?! **E o caos é importante pra criação, né?! Mas eu gosto desse lugar do silêncio como... quase como um útero, sabe?! Pra gestar, as ideias, os projetos, as criações** (Ramon)*

O artista-autor participante refere-se ao processo de criação como um lugar de prazer no espaço de presença. Para ele, a escrita tem o poder de *cicatriz*ar. Ele diz sentir as palavras no processo de criação, em um momento que não pensa mais em nada, quando é possível *silenciar os ruídos internos*. Sente prazer em *estar no exercício de presença*. Ramon pontua, no entanto, que há uma diferença entre criar em processo de escrita e recitar/recriar ao falar os

poemas. Sobre o processo de recitar os poemas ele retrata sentir uma *alegria interna*.

O processo de criação, para ele, diz respeito à *morte de uma percepção* e, especialmente, move imaginários do HIV e da Aids, que se assemelha com a noção de deslocamento produzida pela arte como propõe Ronaldo. Ramon ainda afirma que para criar *alguma coisa tem que morrer internamente* e segue explicando que a arte ensina a lidar com o processo de morte-renascimento: (...) *sempre criando e renascendo, criando e renascendo. Então, a arte faz você aprender a lidar com essa morte-renascimento constante, nem que seja apenas de um verso, de uma palavra, entendeu. (Ramon)*

Uma das possibilidades de entender o processo explicitado pelo artista-autor participante ao expressar a arte: *criando e renascendo* é associar a criação a um processo de morte e renascimento. O lidar com a morte-criação-renascimento de forma constante que Ramon cita como um dos ensinamentos da arte, dialoga com a noção de criação como *reinvenção do mundo* citada por Ronaldo Serruya, que acrescenta que a criação possibilita *uma desconfiância e um eterno estado de dúvida*. Ele lembra que nada que se cria pode ser uma verdade absoluta. Para ele, a dúvida ocorre diante de algo que se entende como supostamente conhecido. O artista-autor participante evoca a ideia de que há no processo de criação uma reinvenção de algo que já existe. *Pra mim, o processo de criação é um processo de reinvenção de reinvenção do mundo, né?! Não de invenção, né?! Não de criar uma coisa absolutamente nova, sabe?! É de reinventar o que já tá dado mesmo. (Ronaldo)*

Essa noção de que a criação ocorre a partir de algo previamente existente é compartilhada por todos os artistas autores participantes da pesquisa. O

espaço de criação como algo potente também é percebido por Micaela, que considera que a arte pode guiar a artista dentro do caos.

*(...) o caos, ele é um lugar de criação muito potente, né?! E é o lugar de guia também. E, sei lá, São Paulo é um caos, né?! Brasil é um caos. O mundo é um caos. E aí, **ser artista nesse caos, é trazer um pouco de respiro pra isso também; ou um guia dentro desse caos** (Micaela).*

Para Atena, a criação percorre, além de influências externas, também um espaço interno que apresenta a força artística como força *instintiva e selvagem*. Atena nos revela que chega a sonhar com alguns elementos que mobilizam seu processo de criação com uma expressão de muita força e vida: *(...) que vem da própria alma, e a gente sente... Eu sinto que é uma coisa que me carrega. Então, eu não posso me jogar muito, senão eu me embebedo no líquido artístico (Atena).*

Para a artista, o processo de mortes de partes de si marcou dois momentos em sua vida que ocorreram em sequência: a descoberta do HIV e a transição de gênero. Segundo ela, os casos se assemelham no sentido de que *uma identidade morre para outra nascer*.

A arte como caminho de expressão de uma dor é relatada por Leandro Noronha quando compartilha que uma das primeiras coisas que fez após a descoberta do diagnóstico foi escrever um poema.

Uma das primeiras coisas que eu fiz foi um poema, né?! Então... e é um poema que eu acho péssimo. Hoje eu leio ele, eu acho ele horróroso, mas o mesmo tempo ele é muito bonito porque é justamente a expressão de uma dor ali, de uma angústia que eu tava sentindo ali no momento. Ahhh.... eu não vou te lembrar, assim, exatamente o poema, mas o título dele era o número a minha senha, quando eu tava aguardando pra fazer o teste rápido. Então, é uma coisa muito específica, muito íntima, né?! Então, ah... é, mas, assim, só pra você ter uma noção do quanto

a palavra, ela é uma coisa que... que eu sempre me engajei muito e ela sempre muito me engajou, né?! (Leandro)

Entendendo a arte como um processo também de desconstrução/reconstrução de si(da)⁵⁷, a evocação da morte no sentido simbólico pode fazer parte do processo de criação artística e elaboração de antirretrovirais sociais (recorrendo a essa metáfora para responder aos vírus ideológicos).

Assim, a morte evocada no contexto artístico pode simbolizar transformações de partes de si, processos de deslocamentos e rompimentos de programas artificiais que sustentam a manutenção de vivências estigmatizadas. A arte pressupõe vida após a essa morte, uma vez que, segundo nossos artistas-autores participantes, evoca renascimentos, entendida como força instintiva/selvagem, permite novos olhares e deslocamentos e produz oxigênio e é guia no caos.

É possível encontrar, nos conceitos propostos por Velho (1994), lentes que podem viabilizar olhares que trazem uma compreensão para o processo de morte artística aqui relatado. Olhemos o processo de morte/renascimento/criação como metamorfose que oferece um trânsito entre permanências e mudanças (Velho, 1994), capazes de refazer mapas cognitivos, trajetos e percursos também diante da ruptura biográfica (Bury, 1982) que pode ser gerada na vivência do diagnóstico para os artistas-autores participantes. Em sua pesquisa, Velho (1994) considera que:

⁵⁷ A expressão *escritas de si(da)* tituló uma oficina de escrita literária e artística do Grupo de Incentivo a Vida (GIV) ocorrida em 2021. O resultado dessa oficina gerou o livro *Poéticas de Vida: escritas de si(da)* publicado em 2022 e organizado por Leandro Noronha da Fonseca.

Aqui, no nosso caso, mesmo nas mudanças aparentemente mais incisivas de identidade individual, permanecem as experiências e vivências anteriores, embora reinterpretadas com outros significados. Entre um self fixo e imutável, por detrás das aparências, e uma plasticidade total, procuro captar o jogo da permanência e da mudança. (p. 5, Velho, 1994)

Essa metamorfose ocorre a partir de um campo de possibilidades (Velho, 1994) ofertado pela arte e produção de outras perspectivas de si e do mundo, que nos casos estudados, também incluem perspectivas ativistas. Aqui, o individual também é político; as fontes de águas internas desaguam no mar da coletividade.

4.2 Deslocamento: a arte é o desaguar de uma fonte interna

*Tempo é arte, foi o que eu aprendi
Não é dinheiro ou outra coisa que se conte
É uma outra dimensão
(Eu sou outro você - Lulu Santos)*

Na canção *Eu sou outro você*, Lulu Santos afirma que *Tempo é Arte*, trazendo uma dimensão (a)temporal artística para compreensão da vida. A dimensão atemporal da arte é compartilhada também pela nossa artista-autora participante Micaela, que expressa as seguintes informações sobre a arte:

Ela é atemporal, né?! Ela tá no imaginário, mas ela tá também nos livros, ela tá na rua...né?! A gente tem uma arte que ela é efêmera também, que tá ali, que te toca, mas que no outro dia pode não tá ali também, mas te tocou de alguma maneira, te inspirou de alguma maneira, pra algo que você vai fazer. Então eu acho que o tempo da Arte, ele não é... não é em horas, né?!, ele não tem um tempo cronológico ou um tempo datado, assim. Ele é... ele é o tempo do momento, e ele é... ele é infinito, ele é cíclico, ele é efêmero...(Micaela)

Ao permitir acessar a realidade em uma experiência (a)temporal não linear e impossível de ser medida dentro das métricas que temos (dias, meses, horas, anos), a arte traz *um desaguar de uma fonte interna*, como sugere nossa artista-autora participante Atena no título deste texto.



Figura 13 - Elza Soares e Pitty - Na pele

As cantoras Pitty e Elza Soares na canção *Na Pele* cantam: *a vida tem sido água, fazendo caminhos esguios, se abrindo em veios e vales, na pele leito de rio*. O videoclipe da canção é um passeio pelas memórias de Elza Soares, com imagens de muitos momentos de várias etapas de sua vida. A música também aborda o envelhecer evocando o contemplar das *rugos*. Seria a arte o encontro entre os tempos: o do relógio e do corpo que envelhece e o dos ciclos e do corpus que é uma outra dimensão (como sugere Lulu Santos) e evoca mortes e renascimentos (como vimos na parte anterior)?

Ronaldo Serruya inspira-se em Paco Vidarte (2019) e em seu livro *Ética Bixa* ao dizer que, com sua arte, busca *iluminar um lugar que estava escuro, escurecer um lugar que tava iluminado*. O artista entende que arte é uma

possibilidade de produzir deslocamentos. Ele diz: *acredito piamente no deslocamento, porque se eu não acreditar no deslocamento, não tem nenhum sentido eu fazer tudo isso*. Ele entende que os processos de deslocamento podem ocorrer pela via do *encantamento*. Nesse movimento das águas internas, o artista-autor participante afirma que é preciso sair diferente, com alguma mudança.

Ronaldo entende que esses deslocamentos artísticos também ocorrem com os próprios artistas. Nesse sentido Atena e Ramon nos ajudam a buscar um caminho para compreender como o diagnóstico do HIV se relaciona com o processo artístico e produção de deslocamentos, ou, como a arte foi um caminho para fluir nas águas da vivência do HIV:

*Quando a gente não dá conta consciente, acho que a nossa estrutura psíquica, ela nos dá... ela nos ajuda a trabalhar e a... é quase que uma cachoeira, né?! Quando a gente não pensa qual... pra onde que vai, ela naturalmente dá um jeito de desaguar essas coisas. Porque, se não... ninguém melhor do que a gente sabe que um luto mal resolvido é uma... é uma experiência... é uma experiência de luto em algum tempo. A nossa identidade quase que... Nem sei como é que pode dizer isso, mas... é... **mas há uma identidade que morre pra outra nascer na questão do hiv, né?! é muito semelhante ao processo, inclusive... o meu processo psicológico da transição de gênero, ela veio na sequência do hiv. Em 2014 tem o hiv, em 2015 eu faço a transição de gênero. Então, leva um ano pra eu destrinchar internamente e essa outra força psíquica vir através da... da... da dor e do choque do hiv com meu sistema interno, né? (Atena)***

*Quando se trata da arte, mesmo que atravessada pelo tema do HIV, é... ou infectada pelo vírus da AIDS, ela tenta trazer esse vírus, ou lidar com esse vírus, porque na verdade ela não traz, né?! **O vírus se torna presente dentro da arte. Quando eu vi, o vírus estava nos versos.** Então, eu não quis trazer ele; ele que veio, né?! Ele veio porque ele tá em mim; então... eu e a arte, né?! a criação, elas se... elas se fundem, elas se tocam, né?! Então, as coisas são muito próximas, né?! criam atritos. Embora sejam coisas muito diferentes. Então, é... a questão do vírus, ele... faz... é difícil falar sobre a arte e o HIV, pra mim, porque ainda é um aprendizado a entender como, né?! (Ramon)*

A busca pelo aprendizado sobre arte e o HIV expressada por Ramon também me motiva a pensar junto com artistas-autores participantes, mesmo reconhecendo que apenas posso limitar-me a reflexões sobre esses temas.

Embora reconheça a bagagem histórica e o legado de artistas que fizeram e fazem parte da resposta social do HIV, é imensurável e infindável as possibilidades de aprendizagens oriundas desse campo do HIV e Arte. Estamos aqui, juntos, buscando uma forma de entender esse desaguar proposto por Atena e para encontrarmos em uma perspectiva.

A presença do HIV na arte é descrita por Ramon, não como um tema à parte, mas como um tema integrado à sua produção artística. Assim, ele afirma que não buscou trazer o HIV para os versos, quando se deu conta, ele estava presente dentro da arte. No seu texto *A linguagem é o verdadeiro vírus: corpo é texto*, ele se questiona: *a temática do hiv/aids no campo das artes pode ser considerada como estratégia política de atuação e visibilidade?* (p. 17, Nunes Mello, 2018).

Assim como os vírus ideológicos chegam nos espaços antes mesmo do vírus biológico (Daniel, 2018), é possível responder à pergunta do Ramon que sim, a arte pode ser considerada um caminho de atuação política que também visibiliza o tema, no entanto reconhecendo-a como muito maior do que essa vertente. Inspirado no que o próprio Ramon costuma dizer quando defende que a arte não deve estar *a serviço de*, pois ela é sempre maior, podemos dizer que ela não é apenas um *campo de possibilidades* (Velho, 1994), mas também o é. Ou seja a arte não é apenas um antirretroviral social, mas também o é. Assim como a vida é soberana, a arte também é soberana e vai além das *metamorfozes*

(Velho, 1994) e adentra no campo do inexplicável, mas que também contempla metamorfoses e deslocamentos.

Ronaldo Serruya entende que os deslocamentos produzidos pela arte perpassam pelo estranhamento do que é reconhecido e isso produz um alargamento do mundo, ou um movimento das águas internas, para referirmos à metáfora escolhida no título. Algo que pode ser sentido até fisicamente como ele explica:

*As pessoas falam muito isso: “Nossa, eu saí, tô um pouco desnorteado... tô um pouco tonto, né?! Que é isso... O tonto tem a ver com: **a estrutura que eu tava pisando, saiu do lugar; as placas tectônicas deram uma [sinal de balanço com as mãos], e aí eu preciso me reorganizar...** tipo, como eu vou dar... Mas isso é maravilhoso, porque o mundo vai alargando assim, né?! (Ronaldo)*

Aqui podemos pensar nesse alargamento a partir do impacto da arte que produz fissuras, desnorteiam – no sentido de produzir deslocamentos para além do que já está instituído e conhecido. Não seria esse o efeito desejado por ativistas também? De que as pessoas se desloquem de uma posição conhecida para outros modos de ver o mundo, a partir das vozes de pessoas vivendo com HIV?

Esse alargamento que a arte possibilita como propõe Ronaldo, parte, para Atena, de uma experiência interna que nasce em um tempo, um espaço e uma experiência existencial singular para ir além daquilo que é posto. Ela entende que ao propor transcender as questões sociais colocadas como um destino, a arte é em si um espaço de ativismo:

É que o ativismo, na minha concepção – essa arte com ativismo – ela não vai depender do observador. Porque a gente tá falando em produção de arte. E se a produção da arte... Se a arte que eu produzo,

*ninguém mais vai conseguir produzir... Pode ter... vai lá... Alguém publicou, também, Atena, um "contos transantropológicos", mas não é a mesma coisa! Não vai ser o mesmo projeto, não vai partir do mesmo espaço, do mesmo tempo, da mesma experiência existencial. Então, às vezes... hã... hã... hã... **superar o destino que se é colocado; superar o destino fadado, que a gente pensa que é fadado a nós; produzir arte pensando em superar o destino, pode ser que seja uma espécie de ativismo.** Porque tu vai, basicamente, ir além daquilo que é posto. (Atena)*

A afirmação de que fazer arte é fazer política foi um consenso entre artistas-autores participantes. Velho (1994) entende que *projetos* são condutas organizadas para alcançar um objetivo e mudam ao longo do tempo e em cada contexto. O conceito de *projeto* contribui com um olhar possível na relação entrelaçada do fazer arte com o fazer político, incluindo uma perspectiva atemporal e transitória. Os artistas-autores participantes entendem a força política presente na arte.

Para Atena, *a arte que não está engajada é arte burguesa*. Para Caju a expressão artística é política. Evandro reconhece a importância do diálogo no ativismo. Para Micaela a arte já é ativismo. Leandro Noronha alerta, no entanto, que é importante não perder a carga emocional necessária para esse processo, quando cita exemplos da literatura:

uma obra de arte, ela não é uma campanha de prevenção. É... Uma obra de arte, ela não necessariamente, ela... ela... é um boletim epidemiológico, né?! Ahn... o que eu acho que alguns artistas acabam se perdendo um pouco por aí. É... Mas, é quando, nessa dosagem entre política e arte, ou estética e política, a gente acaba tendo um... uns pesos que acabam não se igualando, né?! Em contrapartida, a gente tem obras incríveis, né?!, assim... em que a gente tem uma alta carga política, e uma alta carga poética e estética também. Poxa, isso dá outras possibilidades, abre frestas na... na nossa consciência (Leandro)

Para Caju sua arte permite se afirmar. Como ele diz, em primeira pessoa, *fazer arte é afirmar a mim, é afirmar a minha vida, os meus afetos*. A arte

tangencia os *atravessamentos da vida, mantém vivo e elabora discursos* (Ronaldo Serruya); potencializa o *lugar de comunicação, de restauro de vida, de sobrevivida e é estratégia de renovação para estar viva* (Micaela). A arte tem propiciado um espaço de criação com o que se tem, com o que se é e se quer. Ao desaguar as fontes internas, nossos artistas transformam seus atravessamentos em arte, geradora de força vital. Seus relatos permitem perceber que através de sua arte renascem. A arte é um fazer político muito peculiar que transita em esferas individuais e coletivas.

O conceito de *alianças afetivas* (Krenak, 2022) propõe uma alternativa à política vigente que pretende igualar ou busca por convergência. Esse conceito inspira-se nos saberes da floresta:

afetos entre mundos desiguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado. (p.82)

Ao buscar romper com alianças políticas que buscam uma *igualdade que chega ser opressora*, Krenak (2022) aponta para uma direção na busca por entender a arte/política de artistas vivendo com HIV, tão diversa em vivência, formatos acessos, mas igualmente vivas, portais de acesso a outros mundos e afetos. Como nos inspira Krenak (2022) essa forma de fazer política se constrói por afetos entre mundos não iguais.

(...) eu não preciso mais ser uma entidade política, posso ser só uma pessoa dentro de um fluxo capaz de produzir afetos e sentidos. Só assim é possível conjugar o mundizar, esse verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões (...) (p.83)

Fazer arte é fazer política a partir do desaguar de uma fonte interna; nascentes de si em encontros coletivos que deslocam e transformam. O

diagnóstico de HIV é um dos elementos que contribuiu para o processo artístico e político para cada um dos artistas-autores participantes. Existir e resistir é um processo político para populações minorizadas, vulnerabilizadas e marginalizados.

4.3 Renascimento: processo de cura dos estigmas

*ela é uma luz que chega de repente
Com a rapidez de uma estrela cadente
Que acende a mente e o coração*

Poder da Criação – João Nogueira

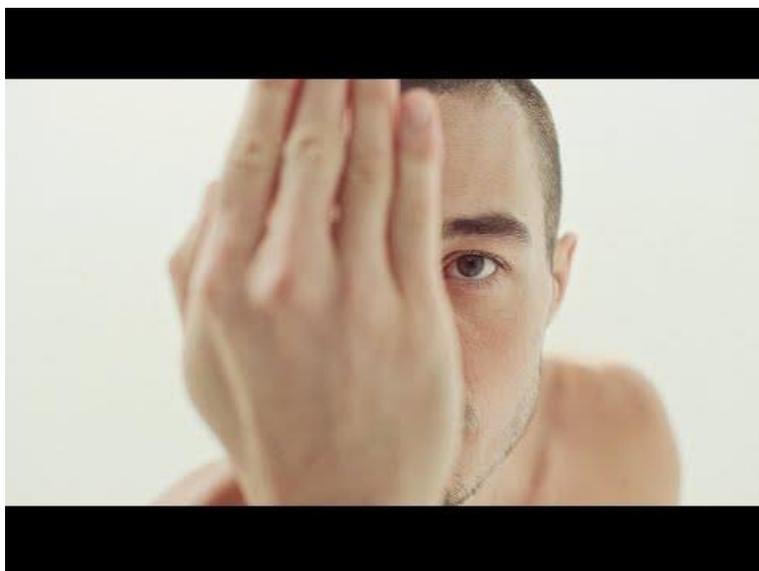


Figura 14 - Tiago Iorc - Masculinidade

Após mais de mais de um ano afastado das redes sociais, o cantor Tiago Iorc ressurgiu com o lançamento da canção *Masculinidade*. Na letra da canção, Iorc toca em diversos temas ligados à masculinidade, desnudando-se, confessando suas ações e desejos de mudanças, questionando-se sobre *o que é ser homem*. O cantor assume:

Meu pai foi minha referência de homem forte / Trabalhador,
generoso, decidido / Mas ele sempre teve dificuldade de falar /
O pai do meu pai também não soube se expressar / Por esses
homens é preciso chorar / E perdoar / Essa dor guardada / Até
agora, enquanto escrevo/ Me assombra se o que eu digo é o que

eu devo / Um eco de medo / O que será que vão dizer? / O que será que vão pensar?

Ao escutar a canção temos a sensação de renascimento, talvez pelo deslocamento provocado já sinalizado como um dos caminhos da arte. Na canção o processo de renascimento ocorre pelo percurso de mostrar sua vulnerabilidade e libertar sua ancestralidade. Talvez o nascimento de uma arte também perpassa pelo contato com o (des)conhecido e ancestral.

Tive uma sensação de libertação de forças ancestrais no presente, também quando fiz o curso *Escrevivência e Educação Literária* com Conceição Evaristo na USP na modalidade EAD em outubro de 2022. Ouso dizer que Evaristo é uma professora artista que desloca e mobiliza estruturas. A escrevivência é um conceito que liberta. Ele nasce da imagem de mulheres africanas e suas descendentes escravizadas dentro da casa grande. Para Conceição Evaristo, não se deve utilizar esse conceito descontextualizando seu surgimento, ele carrega uma força ancestral para além da história do ego. Filha de lavadeira, ela conta que aprendeu a colher as palavras do tempo/espço, uma vez que não cresceu rodeada de livros (EVARISTO, 2020). Seriam os renascimentos artísticos transformações de forças coletivas? Seriam essas forças também ancestrais?

Recorro a Conceição Evaristo como uma força acadêmica e artística que me ajuda a olhar para a arte como um portal que permite o trânsito nos estigmas. A autora refere-se à escrevivência como escrever-se vendo ou escrever-se vivendo. Considera que:

escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites,

escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (p. 54, EVARISTO, 2020)

Durante a aula, lembro-me de Conceição Evaristo afirmar que a Carolina Maria de Jesus é uma das primeiras escritoras do que ela propõe como *Escrevivência*. Como exemplo, Evaristo diz que há uma intenção em ferir com a expressão *a gente combinamos de não morrer*. Ela cita a experiência e força de sua mãe lavadeira que escrevia o sol para invocá-lo para secar as roupas (EVARISTO, 2020) entendendo esse ato como uma escrita inscrita.

Essas inscrições e escritas podem também produzir caminhos para lidar com a vivência do HIV. O artista-autor participante Ramon Nunes Mello recorre a associação da linguagem como o *verdadeiro vírus* e diz que *com apropriação da linguagem modificamos o vírus do preconceito, aqui o corpo é texto* (p. 23, Nunes Melo, 2018). Ele propõe que:

(...) para romper com o tabu e o preconceito do hiv/aids, tanto na vida como na literatura, é necessário encarar essas siglas. hiv/aids: pronuncíá-las e escrevê-las, só assim podemos criar um novo imaginário, diferente do estigma associado ao início da epidemia. É possível ressignificar a ideia em torno do vírus, que não mais significa uma sentença de morte, e, além disso, tratar do tema de forma estética, através do trabalho com linguagem. (p. 17, NUNES MELLO, 2018).

A vivência do HIV, como vimos, circunscreve-se no lidar com vírus ideológicos (DANIEL, 2018) e estigmas. Goffman (2008) propõe que as pessoas estigmatizadas têm muito em comum entre si. Embora os processos de produção artísticas que deslocam estigmas através de renascimentos que movimentam ancestralidades sejam diversos, é interessante olhar para os sentimentos e

sensações dos artistas nesse processo. Como já vimos aqui, a ideia de turbilhão, nascimento, deslocamento, desaguar interno são associados ao processo de criação. Caju chega a afirmar que é um processo quase que terapêutico para ele:

quero entender esse amor que sou eu e acho que tem muita gente por aí que não acredita nessa possibilidade, justamente por estar dentro dessa... dessa sequência aí, de... caixas que vão tentando nos colocar, pra gente ficar mais afastado do mundo, pra gente não ter acesso, não se afirmar, pra gente não se reconhecer. (Caju)

O artista-autor participante Caju chega a afirmar que esse processo de busca do amor que ele é, produz cura dos estigmas. Muitas pesquisas têm buscado compreender os processos de estigma e sua relação com HIV. O surgimento da epidemia de AIDS no início da década de 1980 foi um divisor de águas na pesquisa do estigma. (p. 27, PARKER, 2013). Um dos aspectos destacados por Parker (2013) é a necessidade de passarmos da teoria à prática. Ao propormos aqui a arte como um dos antirretrovirais sociais para lidar com o estigma, buscamos entender a arte como uma prática capaz de transformar as pesquisas em saúde e a própria práxis da saúde coletiva. Caju explica como sente essa vivência da arte no que ele entende como cura dos estigmas:

Toda vez que tento trazer a pauta do hiv, eu acho que é uma... que é um passo que dou no meu processo de cura dos estigmas que vou colecionando ao longo da minha vida, né?!, assim... É... eu digo de estigmas não só relacionados especificamente ao hiv, mas também até a própria... a minha própria sexualidade, né?!, assim... Tem uma série de [questões], aí, que orbitam na minha arte. (Caju)

O artista-autor participante também enfatiza que o processo de seu nascimento como artista que viabiliza a *cura dos estigmas* ocorre pela via de uma consciência ancestral que o fez nascer como artista.

algum tipo de ancestralidade me tocou pra eu chegar nesse lugar, sabe?! De fato, quando eu cheguei no teatro, eu me... eu me.... eu pirei! Tanto que eu fiquei um ano nesse grupo, aí o grupo meio que terminou. Eu não quero parar não! Eu não sei fazer esse negócio eu não sei fazer isso, mas eu vou fazer. Aí, juntei umas pessoas e falei: vamos fazer um grupo?! “Mas, como é que trabalha?!” Eu não sei gente, vamos pegar uns livros, vamos ler; vamos pegar aqui uns exercícios, a gente inventa umas histórias, a gente cria uns personagens. E eu fui pra esse grupo sem saber de nada!!! (Caju)

Essa consciência ancestral associada a uma consciência artística também tem sido narrada por outros artistas autores participantes como veremos adiante. Caju associa a arte a um processo de semear algo que trará novas possibilidades de trânsito. Ele afirma que não se trata de algo completamente novo, mas que permite um brotar e um fruto que no futuro irá nutrir. O nascimento de algo a partir da arte é reafirmado por ele:

É quase como se eu tivesse colocando semente pra descortinar, pra abrir, pra nascer, sabe?! Pro novo, não o novo de novidade, não é isso. Mas é, o novo no sentido de algo que eu não conhecia, que tá chegando; uma provocação é feita, entende?! Porque, também, eu não gosto dessa ideia do... do novidadeira, sabe?! Acho que a gente tem vive, também, um pouco dessa ideia, de que tem que ser o novo, a descoberta, sempre da novidade, sabe?! A gente vive essa fúria louca. Não é isso! Eu num... Eu não acho que eu tô inventando nada. É... quando eu digo “o novo”, é no sentido dessa... dessa brechinha ali, que a semente faz pra nascer. E aí, brota ali uma planta que vai dar flor... flores, e frutos e a gente se alimentar daquilo dali. Então, também a arte como alimento, como portal, desse lugar todo aí. (Caju)

A arte como fonte de nutrição e força vital, respiro tem sido bem representada pelos artistas autores participantes. A arte tem sido descrita como essencial. A visão de Caju, de que artistas não inventam, mas recriam/transformam/deslocam também é compartilhada por outros artistas-autores participantes. Essa compreensão de processos artísticos como amplos,

reinvenções, renascimentos e deslocamentos trazem um movimento próprio para a arte.

Evandro entende que o seu processo artístico de abordagem da temática do HIV em suas obras ocorreu a partir de uma elaboração que durou alguns anos. Para ele, falar sobre o HIV ocupa um lugar de transformação.

eu vim desse **processo de elaborar ali durante alguns anos como eu ia lidar com essa questão de forma artística**. Agora eu consegui concretizar, sabe?! Pô, fiz uma *live*, fiz um filme, que eu acho que tá bem acabado, que tá bonito, que tá com a minha cara. E aí, o que que vem depois disso, assim. Depois desses anos todos vivendo e elaborando essa questão. Então, eu acho que isso me faz pensar: Tipo, ah, beleza. Se eu quiser falar sobre isso num outro trabalho, eu posso falar. Mas, existem tantas outras coisas, né?!, que às vezes... Que acho que tem a ver com tudo o que a gente já falou também. A coisa da... do **peso [sinal de aspas com os dedos] da representatividade, que às vezes depositam na gente**, essas coisas, enfim. (Evandro)

O artista-autor participante diz que a representatividade tem um peso em função das expectativas que são depositadas em artistas associados à causa do HIV. Portanto esse processo de nascimentos e renascimentos que pode produzir deslocamentos de estigmas pode também produzir outros estigmas a serem manejados pelos artistas. Ao possibilitar o desaguar de fontes internas no mar da coletividade as águas se encontram em oceanos de possibilidades.

Por fim, chama a atenção a associação entre a criação artística e os processos de redescobertas infantis, com certa inocência, ou associados a crianças na descoberta de si, de seu corpo, de sua voz e das sensações humanas. Atena entende que estar nesse lugar de investigação, quase que infantil, permite o acesso à força artística.

O quanto essa força artística que eu sinto, é uma força instintiva, quase que selvagem; e a força intelectual é quase que uma... Não seria uma organização disso, mas seria uma... uma... uma

expansão disso.... em algum jeito. Tanto é que pensar artistas enquanto profissionais, é pensar pessoa que... hãhã... hãhã... hãhã... que... que envolvem a arte com essas, com essa... com essas... com esses métodos, né?!, que vem de caminho; com essas organizações. Então a... a... esse... a... a arte, a força artística, ela é necessariamente... hãhã... hãhã... hãhã... essa energia de... hãhã... hãhã... hãhã... mais primordial, que eu acho que é até a energia infantil, né?! acho que isso é interessante, porque se é uma... essa energia artística, se é uma energia selvagem, se é uma energia inata, ela surge... E todo mundo tem energia artística, né?!, é impossível a gente dizer que não. Todo mundo... porque é uma energia muito da infância, né?! é muito do... dos jogos psíquicos infantis... da percepção do corpo, da percepção do outro; da cinética do corpo, né?!, desse movimento que surge. Então... hãhã... hãhã... hãhã... quando eu busquei, no processo de hiv, a arte, eu acho que eu busquei re... retornar pra essa instância, né?!... in... infantil, pra essa geração do meu corpo e entender melhor essa... essa... esse espectro. (Atena)

A energia artística descrita por Atena é entendida com força primordial, instintiva, selvagem que organiza. Para Gilberto Gil⁵⁸ *o papel da arte, o papel da poesia, é devolver esse terreno do sentimento, da percepção da presença do espírito, esse é o papel da arte*. Vencer o medo da exposição é permitir esse renascimento, se entregando como uma criança à energia criativa e criadora. Evandro resgata a lembrança de seus primeiros contatos com a arte na infância.

Então, assim, esse meu universo infantil sempre passou muito por aí. E... E aí, quando eu comecei a estudar teatro, eu entendi a coisa do ofício, assim, mesmo do artista. E aí, teve um momento, que foi no meio de uma aula de improvisação... Isso, assim, estudando teatro já. E... e aí eu lembro que, tipo, tava no meio da aula, depois de uns 40 minutos, aqueles inter... Não sei se você já participou de alguma aula de improviso assim de teatro, mas é isso: as pessoas soltas pelo espaço, cada uma ali, tipo – se pesquisando, mexendo o corpo, articulações, entendendo como é que o corpo responde, que sensações são essas, enfim, pesquisando, né?! e aí eu vi que eu tava, tipo assim – no meio do verão, pingando, numa sala com outras trinta pessoas, eu olhei pro lado e vi que todo mundo ali... Eu falei: “Cara!”... E eu gostando daquilo, sabe?! E eu falei: “Bom, eu acho que eu tô entendendo, assim, o que que é esse ofício, assim. (Evandro)

⁵⁸ Família Gil, Temporada 1, Ep. 1 lançado na Prime Vídeo em 2022.

Outros artistas autores-participantes relembram momentos da infância em que a energia artística já pulsava, e/ou mostrava pistas do futuro artístico que estava a se revelar:

eu escrevia desde criança. Tinha uma coisa louca de... que eu dava cartinha de presente de Natal pra todas as minhas tias, pra todo... Isso era meio uma... uma... enfim, toda uma história, né?!, uma lenda na família. Todo mundo esperava esse momento. (Ronaldo)

sempre falam que quando eu era criança eu adorava criar várias coisas. Óbvio, toda criança é muito criativa, lúdica, né?! Mas... mas pais sempre falam que eu adorava desenhar, e de quebrar os bonecos e fazer outros bonecos com os pedaços meio frankenstein, assim. (Leandro)

Desde criança, a força instintiva, e com dez anos essa coisa de querer organizar isso, porque eu acho que quando começa a organizar, em algum momento tu cons... tu consegue... tu consegue estrutura isso. (Atena)

Hum... Ai. Engraçado, porque... é engraçado mesmo, porque eu tenho um momento bem claro... na minha vivência. Óbvio que, assim, desde pequeno eu sempre gostei, tipo, sabe?!; as minhas brincadeiras eram: pegar uma caixa de sapato e bo... e... pintar e botar um copo descartável na ponta e aquilo era minha câmera, sabe?!, coisas assim. E escrevia revistas... (Evandro)

Ah, eu nasci artista, assim. Eu tenho entendimento disso hoje. Mas, no abrigo em que eu morei, eu tive vários estímulos artísticos. Eu tive aula de pintura desde criança; tive aula de escultura desde criança; aula de música, aula de teatro (Micaela)

Minha mãe é... aquelas noveleiras clássicas. Então, eu pequeno assistia. E, na minha cabeça, inventava as minhas histórias, brincava com... as ... pegava umas canetas botava lá, fazia de cabelo, e pra mim eram as minhas bonecas, e ficava brincando, inventando histórias ali, pra mim era o meu teatro. (Caju)

Quando eu me percebi como artista?! Eu acho que desde criança... desde criança. Eu queria... brincar com a arte, assim... eu lembro... Eu tenho na memória, assim, que eu ia pra um centro cultural na cidade pra fazer recortes de artes, assim, com pintura, e eu adorava aquilo, assim. Eu acho que, talvez, aquilo ali foi meu primeiro start, assim, de coisa artística que achava

interessante e tal. Depois eu comecei a ter contato com leituras, assim, de professora de português lendo poemas e tal; e aquilo me chamou muito, assim, me deixou muito excitado e querendo escrever, mas a minha cidade tinha pouco espaço pra literatura e tinha teatro. (Ramon)

A força artística associada ao universo de criação/infância presente nas ações profissionais dos artistas-autores participantes até hoje é uma relação que merece uma análise mais aprofundada que não daremos conta neste momento. Talvez, como sugere Gilberto Gil⁵⁹, a arte deve ser considerada um elemento vital básico e deveria ser garantido como um direito tal qual uma cesta básica distribuída, tamanha a força que ela tem. Nessa mesma direção, voltamos a Carvalho, Lima e Coeli (2020), quando as autoras destacam que a produção de conhecimento acontece no coletivo e que o encontro da arte com a ciência é cada vez mais essencial, já que o mundo científico não deve estar apartado do mundo social, cultural e artístico.

A força da arte proposta na reflexão com artistas-autores participantes é capaz de mobilizar afetos/sentimentos/emoções que produzem deslocamentos que podem ser interpretados como cura. A arte como antirretroviral social que desloca vírus ideológicos (DANIEL, 2018) é capaz de mobilizar ancestralidades, afetos, vivências apontando para novos re-nascimentos e metamorfoses, como nos lembra Velho (1994):

A metamorfose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos — portanto, a universos simbólicos diferenciados — que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. Assim, eles não se esgotam numa dimensão biológico-psicologizante, mas se transformam não por volição, mas porque fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade (p. 20, Velho, 1994)

⁵⁹ Fala de Gilberto Gil quando foi ministro da cultura, disponível no seriado Família Gil, Temporada 1, Ep. 1 lançado na Prime Vídeo em 2022.

No monólogo *Máscaras de Penas Penadas ou Cantos dos Cantos Iniciáticos do Ator*, a dramaturga Ana Vitória Vieira Monteiro narra o nascimento da personagem/ator:

Assim, munida de sombra, mostro-me diante de ti,
Alucinada, transpassada, berrando, gritando!
Respiro, nua. Para que saibas quem eu sou.
Em teus braços, colhida, cega e muda,
Finalmente apresentas perante o mundo da luz
O fruto que o teu ventre gerou. Totalmente teu, entregue a ti.
Vida ou morte, não importa mais.
Em teus braços me aconchego, em teu peito me acomodo,
procurando a vida da vida que me deste, Mãe! (p. 68, VIEIRA
MONTEIRO, 2009)



Figura 15 - Maria Bethânia - "Debaixo d'Água/Agora"

Agora que agora é nunca

Agora posso recuar
 Agora sinto minha tumba
 Agora o peito a retumbar
 Agora a última resposta
 Agora quartos de hospitais
 Agora abrem uma porta
 Agora não se chora mais
 Agora a chuva evapora
 Agora ainda não choveu
 Agora tenho mais memória
 Agora tenho o que foi meu
 Agora passa a paisagem
 Agora não me despedi
 Agora compro uma passagem
 Agora ainda estou aqui
 Agora sinto muita sede
 Agora já é madrugada
 Agora diante da parede
 Agora falta uma palavra
 Agora o vento no cabelo
 Agora toda minha roupa
 Agora volta pro novelo
 Agora a língua em minha boca
 Agora meu avô já vive
 Agora meu filho nasceu
 Agora o filho que não tive
 Agora a criança sou eu
 Agora sinto um gosto doce
 Agora vejo a cor azul
 Agora a mão de quem me trouxe
 Agora é só meu corpo nu
 Agora eu nasco lá de fora
 Agora minha mãe é o ar
 Agora eu vivo na barriga
 Agora eu brigo pra voltar
 Agora
 Agora
 Agora⁶⁰

4.4 Eu sou um sujeito coletivo: do corpo para um corpus

Eu vi muitos cabelos brancos

⁶⁰ A canção *Debaixo D'Água* é de autoria de Arnaldo Antunes e interpretada por Maria Bethânia junto com a poesia *Agora* e fazem parte do show *Dentro Do Mar Tem Rio* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=emSP3WTxEig>

*Na frente do artista
O tempo não pára e no entanto
Ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo
Do fogo das coisas que são
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão
Força Estranha - Caetano Veloso*



Figura 16 - Gal Costa - Força Estranha

O título deste texto refere-se a frases de dois artistas-autores participantes, respectivamente: Caju e Ronaldo. As noções explicitadas para expressar coletividades foram amplas e diversas. No entanto, a força do acesso a um contato coletivo que movimenta processos artísticos e de movimentos sociais foi presente em todas as falas. A força coletiva é trazida como algo central nos processos de ativismo e arte. Caju, explica um pouco essa questão:

Quando eu falo que eu sou um corpo bicha, eu tô falando de uma série de bichas que vieram antes de mim, até para que eu estivesse aqui pra afirmar pra você que eu sou bicha. Quantas bichas não vieram.. não... não morreram, não sofreram para que eu pudesse aqui te dizendo isso?! Quantos corpos positivos não vieram a forra pra que eu pudesse tá aqui te falando?! Então, eu sou, inevitavelmente, um sujeito coletivo. (Caju)

No início deste trabalho, compartilhei um pouco de minha trajetória como ativista e como fui descobrindo-me como parte desse movimento coletivo. Um

dos pontos em comum entre a arte e o ativismo talvez seja a noção apresentada pelos artistas-autores participantes de que artistas e ativistas nascem com essa força coletiva.

As iniquidades sociais, as desiguais relações de poder, os processos de estigmatização, as desigualdades econômicas entrelaçadas às questões de gênero, raça/cor, orientação sexual, diversidade religiosa, etarismo e tantas questões produzidas pela nossa forma de convivência social mecânica, artificial e afastada do ecossistema ancestral evidenciam a necessidade do envolvimento com processos coletivos profundos como a arte e o ativismo como sinônimo de vida. Micaela revela que ser artista e ser ativista para ela é *sobre estar viva*:

Então, eu me considero uma artista e ativista, né?! E aí, ser ativista não é uma opção. Não é que eu escolhi: "Olha, aqui, eu vou ser um ativista!". Ser uma ativista é sobre... é sobre estar viva, assim. Eu estou viva porque eu sou ativista, porque... porque alguém lutou por meus direitos antes. E eu tô seguindo essa luta. E... e aí ser artista e estar junto com isso, porque tem a ver com quem eu sou também. (Micaela)

Esse continuum de coletividades expressa por Micaela quando fala sobre quem lutou pelos seus direitos antes é fortemente visível em suas obras e também em seu ativismo. Ancestralidade é algo vivo, e não apenas discursivo. É preciso envolver-se exatamente com o que se é para encontrar-se na coletividade. Recentemente conversando com a atriz Lúcia Talabi, que criticava a forma como o termo ancestralidade tem sido utilizado de forma quase mecânica e não vivo, concluímos que é preciso que se viva esse processo, no meu caso, também como uma busca. Tenho entendido que a arte é um caminho para esse auto-encontro, o encontro entre o individual e o coletivo, o re-encontro de partes de si, o encontro com a ancestralidade. Talvez esse processo também

perpasse por saber transitar em um espaço atemporal, integrando o respeito, reparação, liberação e deslocamentos, como a arte ensina.

A noção de ancestralidade foi abordada por alguns artistas-autores participantes e a seguir compartilho algumas de suas reflexões. Micaela exemplifica durante a entrevista como é realizado o resgate de sua ancestralidade, como mulher negra: *o que me segurou aqui foi isso também, foi a minha ancestralidade, foi essa tecnologia ancestral, que são esses cuidados através das ervas. A gente sabe que a medicina tradicional tem como base as ervas, também.*

Ramon, ao falar sobre sua admiração por artistas que tem *uma conexão com a natureza profunda*, refere-se à ancestralidade:

Essas forças que eu digo, é de ancestralidade, né?!, assim... de lembrar dessa... dessas pessoas que criaram, que veio antes e tal. Acho que.... a arte tem esse... esse poder, assim, de transformar e, e fazer esses resgates, assim. Eu acho que ela é capaz disso sim, é... mas não como uma intenção de. Eu acho que é quando ela se manifesta, entende?! (Ramon)

Os artistas-autores participantes Caju e Ronaldo trouxeram outras perspectivas de ancestralidade. Caju aborda ancestralidades como *bichas positivas* que vieram antes, citando como exemplo Cazuzza e Leonilson:

... é acessar e afirmar essas pessoas todas que nessa espiral de tempo, vem antes de mim, estão comigo e as que virão. Eu penso muito nisso. Acho que naquele momento eu tava fazendo essa espiralagem de tempo, e de ação e de... sabe?! É... é. Enfim... tem um pouco de tudo isso nessa minha loucura de jorn.... (Caju)

Ronaldo nos convida a pensar na noção de *ancestrais vivos* para se referir às pessoas que caminham junto, na contemporaneidade, na abordagem do tema para produção de deslocamentos:

*... as minhas referências são... são os meus contemporâneos, os meus ancestrais vivos, por exemplo; **as pessoas que estão***

***caminhando junto, e que tão construindo**, também, uma série, é... de tentativas de tornar o mundo, ou de torn... ou de fazer com que as pessoas que estejam no mundo, é... possam olhar pra... pras... pras coisas e... e desconfiarem, e duvidarem daquilo que é dado muito pronto, assim... e questionarem, né?!, e... e terem mais dúvidas. Acho que todos esses artistas; pessoas que eu conheço, e que não conheço, mas que estão aqui hoje, é... nesse momento, construindo, e que... e que tão muito interessadas, é... **em dialogar com esse tempo**. (Ronaldo)*

Leandro também compartilha sobre a importância dessas inspirações que ocorrem no contato com outros artistas que contribuem para as reflexões acerca do HIV e da Arte.

*Então, o Cazuzza, é... é uma grande referência pra mim, é... ah... é... pra além da questão do... do hiv, mas, é... é... Tive muito impacto, também, com os trabalhos do Keith Haring, que é um... um grafiteiro, né?!, um artista plástico norte-americano; que ele morreu, também, em decorrência, é... é... da aids. E... mas, é... eu tenho flertado muito com essa produção nossa atual, né?! Eu tenho.... tenho uma grande admiração pessoal pela poesia do Ramon Nunes Melo, né?!, um... poeta carioca, positivo também. É... eu acho que... o trabalho dele é um trabalho que vem acender uma luz, aí na nossa literatura contemporânea em relação ao hiv-aids, né?! É... Veio, inclusive, eu vejo o trabalho... dele, né?! **Um trabalho muito de encorajar, também, outros artistas, a falarem sobre a temática**, né?! (Leandro)*

As referências citadas pelos artistas-autores participantes apontaram para um envolvimento coletivo como artista e/ou ativista. Destaca o impulso de pioneirismo e abertura de caminhos presentes nas trajetórias dos artistas-autores participantes. Micaela foi uma das fundadoras da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS; Ronaldo fundou o grupo Teatro Kunyn junto com outros artistas de São Paulo; Caju também colaborou com a fundação de grupos artísticos; Ramon organizou uma pioneira antologia com 96 poetas sobre a temática do HIV intitulada *Tente Entender O Que Tento Dizer*; Leandro criou junto com outros artistas o *Coletivo Contágio* que produz sobre a temática do HIV; Atena fundou a Nemesis Editora para viabilizar publicações

LGBTQIAPN+; Evandro criou o curta *Poder Falar: uma autoficção* evocando a solidariedade política e força coletiva.

Esse movimento coletivo presente em todos os artistas-autores participantes entrevistados é destacado por Caju e Leandro que entende que a consciência artística e coletiva por vezes caminha juntas:

E a gente tem vivido uma série de selfies, né?!, o mundo self, o mundo eu. Mas **eu gosto de pensar que eu não existo sem você**. Eu não existo sem a minha mãe, eu não existo sem... sem... sei lá, eu não existo sem... o... o agricultor que tá plantando a comida, que eu não sei nem quem é, mas ele tá plantando o alimento, que dali a pouco eu vou no mercado comprar e que vai chegar até as minhas mãos. Eu sou ele. Eu sou essa gente toda, entende?! E pensar isso faz com que eu entenda que, de fato, **eu sou coletivo**; eu carrego em mim todas essas pessoas. E, ao pensar isso, me faz pensar, lugar... o meu lugar no mundo, o que construo, o que faço, o que espelho na minha arte, qual é o discurso que eu tô trazendo... (Caju)

E aí, conforme a gente foi pesquisando, a gente foi se dando conta de que o que a gente estava colocando naquela peça ia muito mais, ãh... para além dos nossos umbigos. Era uma questão que não dizia respeito ao Leandro ou aos demais integrantes do coletivo. É... era uma questão de âmbito muito maior, porque a gente tava falando também das experiências de outras pessoas. Então, a consciência artística, ela passa no sentido de que, é... obviamente, somos pessoas vivendo com hiv, e a gente é transpassado por isso. Mas, **existe também uma consciência de que o hiv é uma questão muito mais ampla do que as nossas experiências específicas de vida. Até porque, temos marcadores sociais específicos, e... e a experiência positiva, ela é muito diferente quando a gente fala de aspectos, é... de gênero, sexualidade, étnico-raciais, de... de classe, de religião...** enfim, de várias questões, né?! (Leandro)

A noção de solidariedade, já explicitada nesta tese, é herdada, dentro do movimento de AIDS, dos ativistas históricos como Herbert Daniel e Herbert de Souza. Esta parece que ainda segue com a mobilização de afetos nos processos artísticos e de ativistas. Esse conceito evoca a necessidade de uma visão mais ampla, uma visão ética. A atriz Leona Cavalli (2009) ao abordar as pedras no

caminho do ator explicita que *ótica não é ética: ótica é um ponto de vista e ética, uma visão coletiva* (p. 30, CAVALLI, 2009). A construção dessa visão coletiva e ética também tem estado em transformação para transcender históricos processos de opressão como propõe Vidarte (2019).

Uma ideia de liberdade que transcende a lógica neoliberal, que restringe o termo a liberdade de consumo, pode nos ajudar a entender essa visão coletiva explicitada. No livro *Vida antes da Morte*, Herbert Daniel defende que não há luta por meia liberdade:

Vivi clandestino durante anos, no Brasil, enquanto lutava contra a ditadura. Naquela época, também vivia clandestinamente minha sexualidade. Foram duros tempos. Por lutar pela liberdade, eu era perseguido pelas forças policiais. Nesta luta eu achava que havia uma incompatibilidade entre ser guerrilheiro e homossexual. Foi depois disto que aprendi que não se luta por meia liberdade. Que não há liberdade sem liberdade sexual. Há muitos anos entendi que viver transparentemente minha sexualidade significava exigir cidadania para todos, não apenas para aqueles que são ou são ditos homossexuais. (p. 46, Daniel, 2018)

A busca explicitada por Herbert Daniel por uma cidadania para todos encontra eco nos deslocamentos artísticos. Os artistas partem de si, *do corpo ao corpus*. O desaguar da fonte interna caminha, como um rio se desloca, para encontrar outras águas, se misturar e se transformar. Os artistas revelam que há um movimento que viabiliza os encontros.

Para Ronaldo, o encontro ocorre nas intercessões: *É você se deslocar, como artista, e o público se deslocar e o encontro se dá no entre. E esse entre, ele é desconfortável. Porque nem eu artista e nem você, público, expectador, a gente tá num lugar confortável.* (Ronaldo)

Evandro diz que lacunas são importantes nesse processo e que elas permitem uma interação com a obra. Ele exemplifica como isso ocorreu no seu filme *Poder Falar: uma autoficção*.

As lacunas que essa narrativa autoficcional vai meio que deixando, assim, pra quem tá assistindo. Tem um termo que tão utilizando pro... pra quem experiencia uma... uma experiência de realidade virtual, né?! A pessoa coloca o óculos... as pessoas tão designando de interator. É um termo que eu acho interessante, assim, porque a pessoa que, né?!... às vezes é mais legal do que o espectador, assim. O interator, ele tá ali, tipo, realmente interagindo com aquilo... Então é isso. (Evandro)

o convite à projeção é tentar, de alguma forma, limpar, desembaçar um pouco esse imaginário tenebroso, né?! Tipo assim: Vfum! Projeta nesse cara uma história de vida, né?! que é a frase final do filme, assim. Que na verdade é isso: no começo é – projete em mim uma história, e no final é – projete em nós uma história de vida, sabe?! Acho que tem a ver com aquilo que a gente tava conversando do individual com o coletivo. É... Mas, é isso, eu acho que... O que eu tenho feito, ultimamente assim, tem muito a ver com... me entender, assim, a vivência e o corpo do Evandro, um pouco, sendo esse instrumento, assim, um instrumento. Então, acho que isso tem a ver tem a ver com um pouco da, sabe?!, da projeção. Porque pra mim, assim, pouco importa. Pouco importa não! No âmbito particular é super importante poder acolher alguém e falar que eu tô, sei lá!, numa relação sorodiferente. Que eu tô vivendo bem e que vai ficar tudo bem; e que... Essas coisas todas que a gente sabe que são super importantes. Mas, acho que tipo assim, no âmbito de uma realização artística, me interessa muito mais estar ali como um veículo mesmo, assim; um veículo de... quase um, tipo assim: Pow, tô aqui dando um pouco a cara à tapa, projeta; pode projeta rum pouco a sua... os seus estigmas, e seus preconceitos e fantasmas em mim que, de alguma forma, durante o filme, eu vou tentar, assim... Vamos tentar juntos ver gente consegue... projetar outra coisa, sabe?! (risos) (Evandro)

Por isso que eu gosto tanto da coisa da autoficção, e prefiro a autoficção que autobiografia. Porque a autobiografia me parece ter esse compromisso, assim, em contar a história daquela pessoa; e a autoficção, tipo: tá, beleza, eu tô me colocando aqui em primeira pessoa, tô assumindo que parte de mim... Mas, assim, vamos pra outros lugares também, sabe?! Enfim, vamos abraçar mais esse coletivo, então...(Evandro)

Nos encontros coletivos a arte e o ativismo se fundem; o tempo onde a ancestralidade é também presente, artistas em um continuum integram as referências que tem mobilizado vida e solidariedade desde o início da epidemia de HIV.

5. Considerações

Quem poderá fazer aquele amor morrer
Se o amor é como um grão?
Morre e nasce trigo
Vive e morre pão
Drão - Gilberto Gil



Figura 17 - Drão - Gilberto Gil e Caetano

Algo que tenho aprendido com a arte é que não há fim, mas sempre recomeços, como na vida. Algumas dessas considerações estão longe de ser algo conclusivo, muito menos perto de um fim. Está mais próximo de um recomeço, mais uma tentativa de pacificação das expectativas, mais um giro no ciclo da vida.

Essa pesquisa me ensinou muito e deixou muitas sementes em minha vida. Assim compartilho com vocês algumas dessas sementes de vida colhida com os artistas-autores participantes que foram muito generosos; certamente foi uma farta colheita; colhidas com os autores e artistas que participaram como referências e os que não são inomináveis mais inspiram nas trocas.

Assim, olhando a vida como semente, talvez o armário seja apenas um trânsito de morte artística, logo se transforma em algo na força da arte. Para isso precisamos encontrar caminhos para lidar com o estigma e a discriminação que seguem afetando pessoas com HIV. Nessa busca de profunda mobilização afetiva, a arte é o deslocamento no impossível, que nos mobiliza a iluminar nossos armários e seguir como a semente em direção a luz, em direção à vida. Escrevo em profundas lágrimas esses momentos finais. Talvez seja em função do apego a esse contato tão precioso com a arte, desaguar é fluxo, e nascimento. A seguir compartilho algumas das reflexões para considerarmos oriundas desse processo de construção da tese.

A arte tem muito a oferecer ao campo da saúde coletiva, e isso não é novidade. Temos o desafio de incorporar ainda mais arte nos processos de pesquisa e produção de conhecimento em saúde, de forma a explorar as infinitas possibilidades que o campo *saúde e arte* pode trazer para o lidar com doenças/infecções/vivências estigmatizadas.

Nesta tese recorri a arte também como um guia metodológico que abria o diálogo com conceitos, artistas e autores. Considerei como um caminho o ensinamento oriundo da experiência de Micaela, artista-autora participante, que disse que, ao se sentir perdida, a arte possibilita o retorno ao caminho. Nos momentos em que a escrita travava, era a arte que me trazia de volta.

Ao propor a arte como um antirretroviral social, ou ARTirretroviral (como sugeriu o professor Esmael Alves de Oliveira na qualificação do projeto de pesquisa) para lidar com os estigmas que afetam pessoas com HIV, busco somar-me aos inúmeros artistas vivendo ou não com HIV, que já produzem esses remédios para os vírus ideológicos.

As noções acerca da ancestralidade são diversas e muito presente nos discursos dos artistas autores participantes. A ancestralidade parece produzir encontros em aspectos sociais, políticos, genéticos e culturais. A ancestralidade política evoca uma ideia de continuum, não apenas pelas similaridades dos estigmas (ou como disse o Ronaldo, aquilo que foi programado), mas também pelas obras de arte contemporâneas encontrarem com as de ativistas que vieram antes, descolando olhares e percepções.

Em todos os âmbitos é preciso viver a ancestralidade para senti-la, partindo do respeito (a si e aos antepassados), da licença (para ingressar nas coletividades) e do fazer (reencontrar-se na atemporalidade).

A vida antes e depois da morte, para fazer alusão ao Herbert Daniel, é ressignificada no contato com a arte. Na arte, a morte é parte de processo de deslocamento e transformação. Essa tese considera que no campo do HIV, a arte pode ser capaz de contribuir de forma prática e direta para redução de estigmas ligados ao HIV. Evoluir à morte, neste sentido, é renascer – uma nova obra de arte. Como vimos, a morte evocada no contexto artístico pode simbolizar transformações de partes de si(da), processos de deslocamentos e rompimentos de programas artificiais que sustentam a manutenção de vivências estigmatizadas. A arte pressupõe vida após a essa morte: renascimento de mortes sociais (Daniel, 2018).

Ativismo e arte se fundem na vivência dos artistas-autores participantes da pesquisa. Todos concordam que fazer arte é fazer política. Todos entendem que já nasceram artistas e que o ativismo, por vezes, também está integrado nesse processo.

Como falei no início das considerações, que não entendo como finais, por vezes senti como se a arte conduzisse essa pesquisa. Foram inúmeros os momentos em que isso aconteceu e nem sei se eu seria capaz de lembrar de todos eles. Talvez a noção de sincronicidade de Jung me ajude a entender o que acontecia. Quero destacar uma situação que descrevo a seguir.

Estava no carro e, de repente, escuto uma música na voz do Freddie Mercury que muito me chamou a atenção, especialmente pela repetição do refrão "you have to face it all alone."

Eis que o locutor anuncia que a música havia sido recém-descoberta pelo Queen, na voz de Freddie Mercury, renascendo entre as estrelas em 13 de outubro de 2022, através do lançamento em seu canal de YouTube. O artista descobriu-se com HIV no ano de 1987 e faleceu em decorrência da AIDS em 1991, revelando seu diagnóstico um dia antes de falecer. A canção "Face It alone" foi gravada pela banda Queen em 1988, período em que Freddie Mercury havia acabado de se descobrir com HIV. Recomendo que escute a canção antes de seguir para as linhas finais desta tese.



Figura 18 - Face it alone - Queen

When the moon has lost its glow, you have to face it all alone (QUEEN, 2022).

A força da canção remonta a um período em que a morte era o destino de boa parte das pessoas com HIV. Na arte, a morte é uma força. A escuridão da noite sem luar, é o nascimento de uma lua nova. Freddie Mercury através de sua imortal arte, renasce novamente. Na arte, sempre é tempo de morrer, ser e renascer.

6 . Posfácio

Quando finalizei a escrita das últimas páginas fui tomado por um choro de tristeza profundo e sincero. Estava acostumado a refletir com os artistas-autores participantes. Estes, considero a própria arte em movimento, arte em vida. Parar para refletir com a arte e deixar-me conduzir para os objetivos da tese foi oxigênio no processo de construção da tese. Seria esse o fim desse processo? Eis que a arte ensina que todo fim é recomeço, então na arte e pela arte, os ciclos são processos que parecem infundáveis. Assim, entendo que esse fim não é exatamente fim.

Durante o processo muitas partes desta tese foram escritas em diferentes tempos. Acredito que a mudança de ritmo será percebida pelo leitor. Alguns textos foram oriundos de reflexões coletivas em aulas do Instituto Fernandes Figueira, outros em contatos com artistas e colegas. Enfim, acredito que em nenhum momento estive sozinho nesse processo. Acredito que pensar é, necessariamente, uma ação coletiva. Assim, preciso registrar que muitas outras referências deveriam constar aqui. No entanto, por não obedecerem às normas acadêmicas não consigo referenciá-las da forma que gostaria. Falo dos sutis processos de virada de chave, fichas caindo, conexões e insights gerados por deslocamentos produzidos artisticamente pela vida. Poderia citar alguns momentos preciosos como os espetáculos teatrais, músicas em sincronidade que conduziavam meus pensamentos a reflexões sobre o tema, contemplação do pôr do sol, mar, lagoas, conversas com meu orientador e amigos, participação de trabalhos espirituais. Enfim, são muitos os momentos.

Seguramente na última parte tive que me render ao tempo do cronômetro para cumprir os prazos. Gostaria de ficar muito mais tempo refletindo com os artistas-autores participantes. Cheguei a comentar com o querido orientador Marcos Nascimento que precisaria de mais 6 meses, algo que foi gentilmente negado.

Nas conversas com artistas aprendo que estamos todos a serviço da arte, e não o contrário. Com essa afirmação não nego a importância da arteterapia, dos saberes da saúde mental e de tantas conexões artísticas no âmbito da saúde coletiva já registradas mesmo antes do conceito de saúde coletiva existir; se considerarmos a arte ancestral indígena e os saberes que hoje consideramos no âmbito da saúde. Lembro muito das entrevistas dos artistas autores participantes, e mesmo em conversas anteriores com Ramon Nunes Mello que afirmava que a arte não estava a serviço da saúde, quando conversamos inúmeras vezes sobre prevenção e arte.

Proponho aqui que a saúde esteja a serviço da arte. Considero que podemos nos abrir a um novo tempo artístico nos processos de produção acadêmica, que deixe a arte incorporar e conduzir.

Foram inúmeras as vezes em que precisei de música para conseguir fluir com o pensar. Durante um tempo tive medo de estar fugindo muito do clássico método científico. Mas ao olhar para a abertura que a arte produzia no meu fluxo de produção, simplesmente deixei-me guiar por esse processo. Curiosamente (ou não) a música também foi condutora da escrita durante o meu diário publicado intitulado *O Segundo Armário*. Será que só consigo escrever com música? Não sei, mas a música me abre ao fluxo da escrita.

Reafirmo aqui minha imensa gratidão aos artistas-autores participantes desta tese. O artista é a própria arte em movimento!

7. Referências

ABIA, Linha do Tempo. ABIA, 2015. Disponível em: <http://abiaids.org.br/linha-do-tempo> Acesso em 11/09/2018.

ALLEN, R. Art activism in South Africa and the ethics of representation in a time of AIDS, *Critical Arts* (2009), 23:3, 396-415, DOI: [10.1080/02560040903251209](https://doi.org/10.1080/02560040903251209)

AYRES, J. R. C. M. Repensando conceitos e práticas em saúde pública. In: PARKER, R.; TERTO Jr., V. (Org.). Aprimorando o debate: respostas sociais frente à AIDS. (Anais do Seminário Prevenção à AIDS; Limites e Possibilidades na Terceira Década). Rio de Janeiro: ABIA, 2002.

BALDISSERA, M. Barraqueiras e heroínas: escritos feministas nas ruas de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2019, v. 25, n. 55 [Acessado 9 Outubro 2021] , pp. 179-208. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000300007>>. Epub 2 Dez 2019. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000300007>.

BALEIRO, Z. Armário. Saravá Discos, 2015. Disponível em: https://open.spotify.com/track/7aqb4uVRz5bXLGN3XhjHu0?si=SwVijw5UTmqu0vySze1wWA&utm_source=copy-link&dl_branch=1 Acesso em 30 ago. 2021

BASTOS, C. *Global Responses to AIDS. Science in Emergency*. Indiana University Press, Bloomington, Indiana – EUA, 1999

BARBOSA JUNIOR, A. Transfer of sampling methods for studies on most-at-risk populations (MARPs) in Brazil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, supl. 1, p. s36-s44, 2011.
Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001300005&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011001300005>.

BECKER, H.S. *Observação Social e Estudos de Caso Sociais*. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Ed. Hucitec, 1997.

BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BERTINI, A. O.X.E.S. Press-Release. São Paulo, 2019 Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2019/04/2019_04_03_Press-Release-OXES.pdf

BIEHL, J. Antropologia no campo da saúde global. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 17, n. 35, p. 227-256, June 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Apr. 2023. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000100009>.

BOLACHA, R. Uma vida positiva. Cidade Viva Editora. Rio de Janeiro, 2012

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD> >. Acesso em: 23 ago. 2021.

BURY, M. Doença crônica como ruptura biográfica. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva – Ciências Sociais em Saúde – UNB. Brasília, 1982

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: EdUnesp, 2006.

CASTELLO, J. O repórter depõe as armas in A literatura na poltrona: jornalismo literário em tempos instáveis. São Paulo: Editora Record, 2007

CARVALHO, M. S; LIMA, L. D de ; COELI, C., . Saúde Pública, Ciência e Arte. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 6, e00022920, Fev. 2020. Disponível em: <http://cadernos.enp.fiocruz.br/csp/artigo/1077/saude-publica-ciencia-e-arte>. acessos em 11 Ago.: 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00022920>.

CAVALLI, L. Caminho das pedras: reflexões de uma atriz. Com o monólogo Máscaras de Penas Penadas de Ana Vitória Vieira Monteiro/Leona Cavalli. Livro Falante. São Paulo, 2009

CECILIO, L . O corpo recusado. Hucitec Editora. São Paulo, 2020

CEZIMBRA, L. Confissões de um soropositivo. Rio Grande do Sul, 2017

CHAIA, M. Artivismo – Política e Arte Hoje. Aurora (PUC-SP), n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/6335> Acesso em: 9 out. 2021.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção in Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. 2nd. rev. Ed. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2009

CORRÊA JUNIOR, S. P. Homossexualidades em curso: representações de profissionais da educação acerca das homofobias no contexto escolar. 2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA. J. F. Ordem médica e norma familiar. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1989

DANIEL, H. Vida antes da morte. 3ª edição. ABIA. Rio de Janeiro, 2018

DANIEL, H. & PARKER, R. Aids: a terceira epidemia – ensaios e tentativas. 2ª edição. ABIA. Rio de Janeiro, 2018

DARMONT, M. Memórias, trajetórias e experiência no campo do cuidado às pessoas vivendo com HIV: uma autoetnografia. 2022. 252 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto Nacional de Saúde da Criança e da Mulher e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022

DIAS, C. J. P. A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992). História em reflexão – Revista eletrônica de história. Vol 10 N19. UFGD. Dourados, 2016

DESLANDES, S. Aula Inaugural 2021- Área de Educação - IFF/FIOCRUZ. Youtube, 05 de abr. 2021 Acessado em 05 de abr. de 2021 Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AjrmYjoH584>

ERIBON, D. Reflexões sobre a questão gay. Editora Cia. De Freud. Bauru, 2009

EUZÉBIO, F. A. Memórias de uma criança viada, reflexões de um professor gay: um debate sobre masculinidades hegemônicas no espaço escolar. Diversidade e Educação, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 473–491, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.9792.

Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9792>. Acesso em: 16 abr. 2023.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita in *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (org), Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. São Paulo/Rio de Janeiro, Itaú Social/Mina, 2020.

EVARISTO, C. Roda Viva | Conceição Evaristo. Youtube, 06 set. 2020. Acessado em 08/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wnu2mUpHwAw&t=538s>

FANCOURT D., FINN S. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe; 2019 (Health Evidence Network (HEN) synthesis report 67).

FERREIRA DIAS, A.; RIOS, P. P. S.; BRAZÃO, P. "As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada": O gênero "fabricado" na infância. *Revista Educação em Questão, [S. l.]*, v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18651. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18651>. Acesso em: 27 mar. 2023.

FIGARI, C. @s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro (séculos XVII ao XX). Coleção Origem. Belo Horizonte, Ed. UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007, pp. 588. ISBN: 978-85-7041-498-4 (UFMG) / 978-85-98272-06-1 (IUPERJ).

FRY, P. & MACRAE, E. O que é homossexualidade. São Paulo, Brasiliense, 1983

FONSECA, L. N. HIV/AIDS e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira. 2019. 144f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Escola de Comunicação e Artes-USP. São Paulo, 2019

FONSECA, L. N. HIV/AIDS e poesia contemporânea brasileira na antologia *Tente Entender o que Tente Dizer*, organizada por Ramon Nunes Mello. 2022. 242f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2022

FREITAS, F. de & SERRUYA, R. Como eliminar monstros: discursos artísticos sobre HIV/AIDS. Plataforma Zoom. Maio, 2020

GALVÃO, J. 1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo / Jane Galvão. - Rio de Janeiro: ABIA, 2002.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, M. H. A; SILVEIRA, C. Sobre o uso de métodos qualitativos em Saúde Coletiva, ou a falta que faz uma teoria. Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 46, n. 1, Feb. 2012 . Disponível em www.scielo.br

GREEN, J. N. Controle e cura: reações médico-legais in Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000

GUZMAN, J. L. D.; IRIART, J. A. B. Revelando o vírus, ocultando pessoas: exames de monitoramento (CD4 e CVP) e relação médico-paciente no contexto da AIDS. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 25, n. 5, p. 1132-1140, May 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000500020&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000500020>.

KEEGAN, C. History, Disrupted: The Aesthetic Gentrification of Queer and Trans Cinema After the Recession. Social Alternatives 35.3 (Spring 2017): 50-6. Ottawa, 2016

KRENAK, A. Futuro Ancestral. Companhia das Letras. São Paulo, 2022

KRENAK, A.. Vozes da Floresta – Le Monde Diplomatique Brasil. Youtube, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>

MACHADO, I. de A. Experiências estético-dialógicas em arte-ativismo. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 17, n. 37, p. 45-74, 2019. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.159755. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/159755>. Acesso em: 9 out. 2021.

MAGRI, M. M. A aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu. Revista Estação Literária – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Volume 11, p. 170-182, jul. 2013

MALINOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: Zaluar, A. (org). Desvendando máscaras sociais. Francisco Alves Ed., 1990.

MELO, D. R. & PENNA, J. C. Literatura e HIV/AIDS: reflexões sobre a era pós coquetel. Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2017, ano XII. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-e-hiv-aids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coquetel/> Acessado em 10/07/2020

MESS, A. Armário. Escrita por Aricia Mess e Mathilda Kovak. Paravox, 2014 https://open.spotify.com/track/4z8W8cEq8tiewRljlIKSWM?si=ldBdvuJPQbm8U6b7UoAefw&utm_source=copy-link&dl_branch=1 Acesso em 30 ago. 2021

MILLER, T. Aids and Artistic Politics. FV [Internet]. 2016Mar.5 [cited 2021Oct.9];29(1). Available from: <https://ojs.zrc-sazu.si/filozofski-vestnik/article/view/4418>

MISKOLCI, R. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1. Ed. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2017

MONTEIRO, S. & VILELLA, W. (orgs). Estigma e saúde. Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2013

MOTT, L. Escravidão e Homossexualidade, in História e Sexualidade no Brasil, R. Vainfas (org.), S.Paulo. Editora Graal, 1986

MOTTA, C. Activism, Visuality, and the Needs of Queer Youth. Journal of Visual Culture. 2016;15(1):118-130. doi:10.1177/1470412915619457

MUMFORD, K. J. *Not Straight, Not White: Black Gay Men from the March on Washington to the AIDS Crisis.* (2016) University of North Carolina Press. http://www.jstor.org/stable/10.5149/9781469626857_mumford

NASCIMENTO, S. de S. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 62, n. 2, p. 459 - 484, 2019. DOI:

10.11606/2179-0892.ra.2019.161080. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/161080>. Acesso em: 15 maio. 2023.

NUNAN, A. Homossexualidade: dos preconceitos aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Editora Caravansarai, 2003

NUNAN, A. Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? / Domestic violence among homosexual couples: the second closet? *Psico (Porto Alegre)*; 35(1): 69-78, jan.-jun. 2004. Disponível em:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-410174?lang=es>

NUNES MELLO, R. (org.). *Tente Entender o que tento dizer*. Bazar do Tempo. Rio de Janeiro, 2018

NUNES MELLO, R. O vírus como linguagem: uma tentativa de capturar o tempo in Ativismo na Era Digital. Botetim ABIA 64. ABIA. Rio de Janeiro, 2019

A PAIXÃO DE JL. Direção de Carlos Nader. Já Filmes 1h22min, 2015

NETO, J. N. Herbert Daniel e a luta contra o estigma da AIDS. *Intellèctus* Ano XV, n. 1, UERJ, Rio de Janeiro, 2016

PARKER, R. Interseções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial in MONTEIRO, S. & VILELLA, W. (orgs). Estigma e saúde. Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2013

PARKER, R. O fim da AIDS? ABIA, 24/09/2015 Disponível em:
<https://abiadays.org.br/o-fim-da-aids/28618> Acesso em 02/04/2023

PARKER, R. & AGGLETON, P. Estigma, discriminação e AIDS. ABIA. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2021

PERIM, R. José Leonilson: Entre linhas e afetos. 2013. Dissertação de Mestrado. 112F. Centro de Artes. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013.

RACHID, M. Sentença de vida - Histórias e lembranças: a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo. Editora Máquina de Livros. Rio de Janeiro-RJ, 2020

RAI, T.; BRUTON, J; DAY, S.; WARD, H. From activism to secrecy: Contemporary experiences of living with HIV in London in people diagnosed from 1986 to 2014. *Health expectations : an international journal of public participation in health care and health policy*, 21(6), 1134–1141(2018) <https://doi.org/10.1111/hex.12816>

RAIMONDO, M. The Queer Intimacy of Global Vision: Documentary Practice and the AIDS Pandemic. (2010) *Environment and Planning D-society & Space - ENVIRON PLAN D-SOC SPACE*. 28. 112-127. 10.1068/d1108.

RENOVATTO, T. *5 anos comigo*. Ed. Novo Século. São Paulo 2019

ROLNIK, S. Descolonizar a Subjetividade. Associação Juízes para Democracia, 2020 (2h20m) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CwE9x0gn0s&t=5719s> Acessado em 08/01/2020.

SAGGESE, G. S. R. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural, [S. l.]*, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SANTOS, C. G. dos. Uma rede de afetos, apesar da distância. *Revista Crioula, [S. l.]*, n. 27, p. 41-52, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2021.196867. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/196867>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SAÚDE, M. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS. Brasília, DF, 2006. (Série B - Textos Básicos de Saúde).

SAÚDE, M. *História Ilustrada da Aids*. Departamento de IST, AIDS e Hepatites Virais. (6 min. 46seg.), son., color. Acessado em 13/07/2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ShaCZ9b1MKs> Brasília-DF, 2015

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu [online]. 2007, n. 28 [Acessado 9 Agosto 2021] , pp. 19-54. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>>. Epub 13 Jul 2007. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

SEFFNER, F.; PARKER, R. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 20, n. 57, p. 293-304, June 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000200293&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Sept. 2018. Epub Feb 16, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0459>.

SEILER, M. Positivo, Maxwell. Metanoia Editora. São Paulo, 2018

SONTAG, S. Doença como metáfora / Aids como metáfora. Editora Companhia de Bolso. São Paulo, 2007

SOUZA, D. & PEREIRA, C. (Orgs.). E se fosse com você? Histórias vividas de estigma e discriminação em 40 anos de HIV/AIDS. ABIA. 1. Ed. Rio de Janeiro, 2021

SOUZA, Herbert José de. O dia da cura in SOUZA, Herbert José de; PARKER, Richard (org.). A cura da AIDS. Ed. Relume-Dumará. Rio de Janeiro, 1994.

UNAIDS. 2020 global aids update — seizing the moment — tackling entrenched inequalities to end epidemics, [acessado 2020 jul 21]. disponível em: <https://www.unaids.org/en/resources/documents/2020/global-aids-report>

VELHO, G. Observando o familiar. In: Nunes, E. (org). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas (3a ed.). Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003

VIDARTE, P. Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância lgbtq. N1 Edições. São Paulo, 2019

VOLPE, B. Morte e Vida Positiva. Realejo Livros. Santo-SP, 2016

VICTORA, CG; KNAUTH, DR; HASSEN, MNA. Apêndices I e II (Planejamento de Pesquisa; Projeto de Pesquisa) In: VÍCTORA, C et al. Pesquisa qualitativa em Saúde. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WATE et al. "And the world's alright with me": Harm reduction and survival at blockorama (2016).

Anexos

Produção, Ano, Revista, Países, Objetivo/Objeto, Método

	Produção	Ano	Publicação	Países	Objetivo/Objeto	Tema/Método
1.	Judell	1996	Journal of the International Association of Physicians in AIDS Care	EUA/Alemanha	Obra do cineasta Rosa von Praunheim	Análise de filme
2.	Miskell	1996	Journal of the International Association of Physicians in AIDS Care	EUA	Ativismo do cineasta Gregg Bordowitz como PVHA	Análise de filme
3.	Miskell	1996	Journal of the International Association of Physicians in AIDS Care	EUA	Uso de vídeo arte no ativismo em resposta ao HIV e AIDS	Reflexão crítica sobre a importância de filmes sobre HIV e AIDS
4.	Englehart	2003	Visual Anthropology Review	África do Sul	Significado da sala de projeção na recepção de filmes sobre HIV/Aids	Estudo de caso
5.	Long	2004	Livro	EUA	Discurso apocalíptico da AIDS (fim do mundo/punição pelo pecado)	Análise de documentos e obras artísticas
6.	Miller & Bernd	2006	Sessão de Livro	EUA	Primeiro espetáculo teatral que se refere ao HIV (crises de pele) em 1981	Análise Histórica do HIV no Teatro
7.	Sember & Gere	2006	American Journal of Public Health	EUA	Arte ativismo e epidemia de Aids – Silence = Death (Act Up)	Não identificado Arte ativismo
8.	Carceres et al	2007	Culture Health & Sexuality	Peru e Inglaterra	Ativismo cultural contra estigma e pela diversidade no Peru	Não identificado Direitos humanos e arte
9.	Passarelli	2007	Tese (Coleção SUS)	Brasil	Corporeidade, imaginário social das pessoas com HIV em filmes	Não identificado Imaginário Social, Corpo e HIV
10.	Bass et al	2008	Seção de livro	EUA/África do Sul	Ações históricas do ativismo na resposta ao HIV (Act up e Conferência)	Análise da História do HIV (ações da Act Up e do movimento social de aids mais amplo)
11.	Miller	2008	Filozofski vestnik	Eslôvenia/EUA	Aids como mudança de paradigma na arte ativista	Não identificado Arte Política, Arte ativista
12.	Mizejewski	2008	Sessão de livro	EUA	Análise do filme Goodfellas (anos 90)	Análise De filme
13.	Allen	2009	Critical Arts	África do Sul	Explora os trabalhos artísticos na resposta ao HIV	Não identificado Ativismo artístico/ arte ativista
14.	Deitcher	2009	Artforum Internacional/Exposição	EUA	Nota sobre a "Activism, Art, and the aids Crisis, 1987–1993" – Act Up	Nota de revista
15.	Pietrzyk	2009	African Journal of AIDS Research	EUA	Atividades artísticas e ativismo cultural como resposta ao HIV/AIDS em Harare, no Zimbábue.	Etnografia sobre expressões artísticas na resposta ao HIV
16.	Keska	2010	Arte, Individuo y Sociedad	Espanha	Análise de Blue, filme de Derek Jarman, pintor e cineasta britânico que viveu com HIV	Análise de filme
17.	Raimondo	2010	Society and Space	EUA	Análise do documentário Pandemic e A Closer Walk	Análise de filme
18.	Callen	2011	Sessão de livro	EUA	O livro inteiro aborda expressão criativa em resposta À aids na África	Arte e o ativismo contra o HIV em Marrocos.
19.	Jungar & Oinas	2011	Social Dynamics	África do Sul	Ativismo frente a linguagem de agenciamento e vitimização	Não identificado Análise do trabalho do TAC (South Africa Treatment Action Campaign)
20.	Morris	2011	Livro	EUA	Reflexões sobre a colcha de retalhos	Não identificado Colcha de retalhos
21.	Daniel	2012	Studies in Documentary Film	EUA	Analisar advocacy e ativismo em dois documentários	Estudo de Caso
22.	Weiner	2012	Journal of Visual Culture	EUA	Ativismo, arte e aids (Act Up)	Não identificado Triângulo rosa
23.	Barrett	2013	Postmodern Culture	EUA	Análise da pesquisa baseada no som da SILENCE-LISTEN – inspiradas no Silence = Death da Act Up.	Estudo de caso
24.	Burk	2015	Space and Culture	EUA	Examina os meios pelos quais ACT UP e seus coletivos associados implantaram efêmeras visuais para criar uma presença onipresente na cidade de Nova York	Análise das ações da Act Up
25.	Carroll	2015	Livro	EUA	Aids e Feminismo	Traz na introdução a história da Act up com a WHAM (organização feminista)
26.	Nicke	2015	The Journal of Cloth and Culture	Inglaterra	Utilização de têxteis na resposta a situação de conflitos (Colcha de retalhos no caso da aids e outros conflitos)	Não identificado O trabalho foca no conflito da Irlanda do Norte
27.	Keegan	2016	Social Alternatives	Austrália	Gentrificação estética do cinema queer e trans	Análise de filme

28.	Ware et al	2016	Sessão de livro	Canadá	Redução de danos para população negra em Toronto	História do ativismo pela redução de danos nas comunidades negras queer e trans
29.	Lebovici	2017	Livro	França	O que a aids fez comigo?	Não identificado Arte e Ativismo Não está na busca -Acréscitado por mim após ver citada por pelo menos outros dois autores
30.	Czerwiec	2018	AMA Journal of Ethics	EUA	Aids em quadrinhos	Descrição de quadrinhos baseados na história oral de narradores do hospital de aids de Chicago
31.	Galvan	2018	Journal of Lesbian Studies	EUA/Inglaterra	Analisa obra e vida da cartunista Jennifer Camper que retrata a comunidade LGBTQIAP+ meio a crise da aids	Análise documental
32.	Johansson	2018	Sessão de livro	Inglaterra	Grupos como o ACT UP em Nova York, a Treatment Action Campaign na África do Sul e grupos de teatro baseados na comunidade na África Oriental	Ensaio comparativo Mostra como Camper coloca seu trabalho numa perspectiva interseccional
33.	Odsess-Rubin	2018	Teaching Artist Journal	EUA	Intersecções de narrativas e HIV e AIDS. Mostra a importância do contar história por homens negros nos EUA para fortalecimento do ativismo e caminho para artistas que ensinam teatro promoverem mudanças sociais.	Técnica: entrevistas qualitativas com homens negros em Jackson, Mississippi Inspirado num artigo do NYT que diz que 50% de homens negros no sul contrairão HIV.
34.	Coombes & Sapire	2019	Journal of Southern African Studies	Inglaterra/África do Sul	Descreve o simpósio que aconteceu uma década após o período de negação da AIDS na África do Sul.	Introduz a revista Realizada em conjunto com a exposição 'Vida Positiva: Arte e AIDS na África do Sul'.
35.	Greenblatt	2019	Journal of Medical Humanities	Canadá/EUA	Análise duas campanhas de quadrinhos de redução de danos (sexo seguro).	Estudo comparativo de duas campanhas de dois momentos da epidemia.
36.	Lee	2019	Journal of Southern African Studies	Inglaterra/África do Sul	Arte, ativismo e a academia: tensões produtivas e a próxima geração de pesquisas sobre HIV / AIDS na África do Sul	Não disponível (resumo não acessível – apenas a primeira página da introdução)
37.	Vider	2019	Public Historian	EUA	Análise da exposição AIDS at Home: Art and Everyday Activism no Museu da Cidade de Nova Iorque	Analisa como o curador ativou o arquivo doméstico.
38.	Burton	2020	October	EUA/Inglaterra	Análise da obra de Douglas Crimp	Não identificado Reflexão sobre a obra de Douglas Crimp e sua importância
39.	Clua Garcia et al	2020	Revista de Medicina y Cine	Espanha	Descrever e analisar filmes sobre a participação cidadã na luta do HIV	Análise de filme
40.	Connell	2020	Geographical Review	Irlanda/Global	Analisar projeto de colchas em Dublin na Irlanda	Pesquisa local
41.	Gordon	2020	Art History	Inglaterra/EUA	Análise psicanalista da oralidade para interpretar as obras da pilha de doces de Felix Gonzalez.	Análise de obra (aborda violência intersubjetiva e HIV)

Roteiro do encontro-conversa

Pergunta disparadora: me conta como é essa relação entre viver com HIV e a produção artística?

Temas elencados:

1. A descoberta do HIV (quanto tempo, o que sentiu no momento da descoberta, o que mudou na vida depois disso, preconceitos e estigma, armários)
2. A arte da vida (quando se percebeu artista, o que entende por arte, como viver com HIV influenciou nessa produção artística, referências no campo das artes)
3. O ativismo (a relação entre arte e ativismo, as múltiplas influências no fazer artístico e no fazer ativismo, fazer arte é fazer política?)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: *O trânsito entre armários: trajetórias de ativismo, HIV e Arte*

Pesquisador responsável: Salvador Pereira Campos Corrêa Junior

Orientador: Marcos Antônio Ferreira do Nascimento

Contato: (21) 99664-7799 salvadorcamposcorrea@gmail.com

Instituição responsável pela pesquisa: Instituto Fernandes Figueira – FIOCRUZ – (21) 25541700 – Av. Rui Barbosa 716 – Flamengo – Rio de Janeiro-RJ

Participante:

Prezada(o) participante,

Convido você a participar da pesquisa intitulada “*O trânsito entre armários: trajetórias de ativismo, HIV e Arte*” que busca compreender os trânsitos entre arte, ativismo e saúde na trajetória artística de artistas vivendo com HIV que atuam no movimento social de aids no Brasil. Assim, gostaríamos de te convidar para colaborar com esse trabalho fornecendo, voluntariamente, uma entrevista sobre sua vivência nesse campo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que recorre ao método de narrativa de vida, proposto por Bertaux (2010). Embora não haja nenhum benefício direto para você, os resultados desta pesquisa poderão contribuir com as reflexões sobre esses temas no campo da saúde, ampliando o entendimento entre arte, saúde e ativismo, podendo, assim, trazer benefícios para a sociedade. Será garantido ao participante ressarcimento de gastos que sejam decorrentes da pesquisa, quando houver. A nossa conversa tocará em assuntos pessoais e isso pode ter como risco um certo desconforto para algumas pessoas, mesmo sabendo que você já falou publicamente sobre a temática. A qualquer momento da entrevista que você se sentir desconfortável poderá sinalizar e analisamos juntos a possibilidade de continuar ou interrompê-

la, bem como analisaremos os meios para mitigar tais desconfortos caso ocorram.

Farei o possível para garantir o sigilo das informações compartilhadas e trocarei os nomes dos participantes para essa finalidade. No entanto, como participam da pesquisa artistas que vivem abertamente com HIV e que já publicizaram essa vivência, existe risco de que alguma pessoa ao ler os resultados da pesquisa possa identificá-la(o). Faremos o possível para evitar essa questão durante o trabalho com as informações. Garantimos a liberdade plena de sua decisão acerca da participação e nos comprometemos com sua liberdade. Por isso, a qualquer momento poderá solicitar sua retirada da pesquisa em qualquer fase, sem prejuízo algum.

Lembro que nos esforçaremos para garantir a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos participantes da pesquisa mesmo após o término, mas você também poderá solicitar que usemos seu próprio nome caso tenha o desejo de identificar-se.

A qualquer momento você pode entrar em contato comigo para saber sobre a pesquisa e o andamento.

Os resultados serão disponibilizados para os participantes através de um podcast. Na ocasião da publicação do podcast, serão encaminhados para seus e-mails pessoais o convite para escutá-lo. O podcast será publicado nas principais plataformas (Spotify, Anchor, Apple Podcast, Breaker, Castbox, Google Podcast, Overcast, Pocket Casts, Radio Public, Stitcher) através do canal Caminhos PositHIVos mantido pelo autor do projeto. A previsão é que o episódio sobre a pesquisa seja publicado no mês de julho de 2023, quando já teremos realizado a defesa da tese.

Informamos que você receberá uma via idêntica do TCLE assinada pelo pesquisador do estudo.

Seguem os contatos do pesquisador caso tenha qualquer dúvida: Salvador Campos Corrêa: Email: salvadorcamposcorrea@gmail.com Celular/Whatsapp: (21) 996647799.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) encontra-se à disposição para eventuais esclarecimentos éticos e outras providências que se façam necessárias (E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br; Telefone: 2554-1730; Fax: 2552-8491).

Aprovação do participante da pesquisa

Eu, voluntariamente aceito participar dessa pesquisa. Declaro que li e entendi todo conteúdo deste documento.

Assinatura Concordância no vídeo

Data _____

Telefone

Testemunha (quando necessário)

Nome

Documento _____

Endereço/telefone _____

Assinatura: _____

Data: _____

Investigador que obteve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

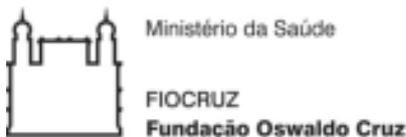
Nome: Salvador Pereira Campos Corrêa Junior

Assinatura _____

*Caso o(a) participante tenha dificuldade para ler () SIM () NÃO o escrito acima, o pesquisador fará leitura pausada desse documento e irá esclarecer a todas as dúvidas do (a) participante. O (A) participante irá escolher uma testemunha letrada maior de 18 anos e irá fornecer a sua impressão digital caso concorde em _____ participar.

Eu _____(nome da testemunha) testemunhei a leitura cuidadosa do Termo de Consentimento e explicação da pesquisa pelo pesquisador, e que o (a) participante teve a oportunidade de perguntar e ter respostas para as suas dúvidas. Eu confirmo que o (a) participante concedeu seu consentimento para a participação na pesquisa _____ voluntariamente. _____ Assinatura da

Testemunha: _____



Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2021.

REGISTRO DE PROJETO

Declaro que as exigências feitas para liberação da pesquisa “*O trânsito entre armários: trajetórias de ativismo, HIV e Arte*” desenvolvido por *SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR* sob a orientação de *Marcos Antônio Ferreira do Nascimento*, protocolado neste departamento sob o nº 2580/VDP/2021, foram todas realizadas. Portanto, projeto está **Aprovado**.

Informamos que o projeto de pesquisa só poderá ser desenvolvido após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente – Fernandes Figueira.



Saint Clair Gomes Junior
Vice-diretor de Pesquisa

INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O trânsito entre armários: trajetórias de ativismo, HIV e Arte

Pesquisador: Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52508321.3.0000.5269

Instituição Proponente: Instituto Fernandes Figueira - IFF/ FIOCRUZ - RJ/ MS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.079.508

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1836583, de 24/10/2021).

"Proponho através deste projeto uma investigação com o objetivo geral de compreender os trânsitos entre arte, ativismo e saúde nas trajetória artísticas de artistas vivendo com HIV que atuam no movimento social de aids no Brasil. Para o alcance desta finalidade, recorro a narrativas de vida, começando pela minha própria em busca de (des)encontros a partir do trânsito entre armários sociais, mergulhando em conceitos como a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) e ativismo (Chaia, 2007; Machado, 2019; Baldissera, 2019). Na busca por caminhos metodológicos, trago reflexões sobre pesquisa qualitativa, com a consciência de que me envolvo no que me é familiar (Velho, 1978) e encontro na etnossociologia as narrativas de vida proposta por Bertaux (2010) uma luz a guiar as entrevistas e a análise das informações, produzindo dados por meio de conversas narrativas. Assim, essa pesquisa pretende contribuir para o campo arte, saúde e ativismo."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

Compreender os trânsitos entre arte, ativismo e saúde nas trajetórias artísticas de artistas vivendo com HIV que atuam no movimento social de aids no Brasil.

Endereço: RUI BARBOSA, 716
Bairro: FLAMENGO CEP: 22.250-020
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2554-1730 Fax: (21)2552-8491 E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

**INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS**



Continuação do Parecer: 5.079.508

Objetivo Secundário:

- a. Analisar as concepções sobre arte e ativismo na trajetória de cada artista.
- b. Analisar como o diagnóstico de HIV contribuiu para o processo artístico e de ativismo para cada um/a.
- c. Entender os trânsitos entre as fronteiras indivíduo/coletivo na produção artística de artistas vivendo com HIV."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

A conversa tocará em assuntos pessoais e isso pode ter como risco um certo desconforto para algumas pessoas, mesmo sabendo que as pessoas participantes já vivem publicamente suas histórias através da arte. Sinalizarei para as pessoas entrevistadas que a qualquer momento que sentir desconfortável poderá sinalizar e analisamos juntos a possibilidade de continuar ou interromper a entrevista, bem como analisar ou não as informações fornecidas. Farei o possível para garantir o sigilo das informações compartilhadas e trocarei os nomes dos participantes para essa finalidade. No entanto, como participam da pesquisa artistas que vivem abertamente com HIV e que já publicizaram essa vivência, existe risco de que alguma pessoa ao ler os resultados da pesquisa possa identificá-la(o). Faremos o possível para evitar essa questão durante o trabalho com as informações. Garantimos a liberdade plena da decisão acerca da participação e nos comprometemos liberdade dos participantes. Por isso, a qualquer momento o participante poderá solicitar sua retirada da pesquisa em qualquer fase, sem prejuízo algum conforme resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que determina diretrizes éticas específicas para ciências humanas e sociais. Lembro que nos esforçaremos para garantir a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos participantes da pesquisa mesmo após o término, mas o participante poderá solicitar que usemos seu próprio nome caso tenha o desejo de identificar-se.

Benefícios:

Embora não haja nenhum benefício direto para o participante, os resultados desta pesquisa poderão contribuir com as reflexões sobre esses temas no campo da saúde, ampliando o entendimento entre arte, saúde e ativismo, podendo, assim, trazer benefícios para a sociedade."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de doutorado que articula os campos da saúde, arte e ativismo de forma relevante e autoral.

Atende aos princípios éticos segundo a resolução 510/16.

Endereço: RUI BARBOSA, 716
 Bairro: FLAMENGO CEP: 22.250-020
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2554-1730 Fax: (21)2552-8491 E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

**INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS**



Continuação do Parecer: 5.079.508

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados. A pendência foi atendida.

Recomendações:

O (A) pesquisador(a) deve observar os prazos e frequências estabelecidos NOB 001/13 para o envio de relatórios de modo a manter o CEP informado sobre o andamento da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_1836583.pdf	24/10/2021 11:02:56		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Salvador.docx	24/10/2021 11:02:38	SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR	Aceito
Outros	Formulario_resposta.doc	24/10/2021 11:02:27	SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	24/10/2021 11:01:50	SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	04/10/2021 23:20:34	SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR	Aceito
Outros	CartalFF.pdf	04/10/2021 13:08:01	SALVADOR PEREIRA CAMPOS CORREA JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUI BARBOSA, 716
 Bairro: FLAMENGO CEP: 22.250-020
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2554-1730 Fax: (21)2552-8491 E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS



Continuação do Parecer: 5.079.508

RIO DE JANEIRO, 04 de Novembro de 2021

Assinado por:
Ana Maria Aranha Magalhães Costa
(Coordenador(a))

Endereço: RUI BARBOSA, 716
Bairro: FLAMENGO CEP: 22.250-020
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2554-1730 Fax: (21)2552-8491 E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br